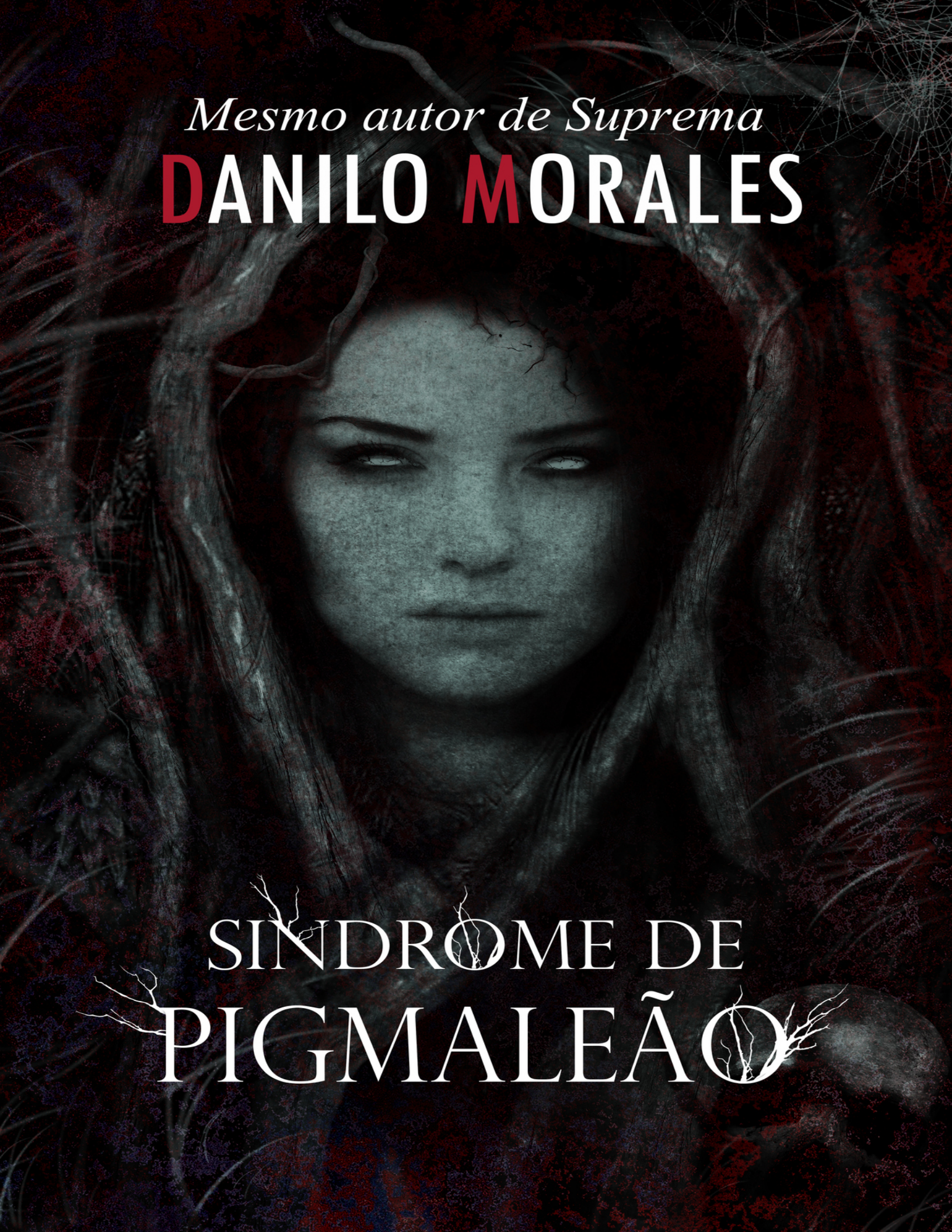
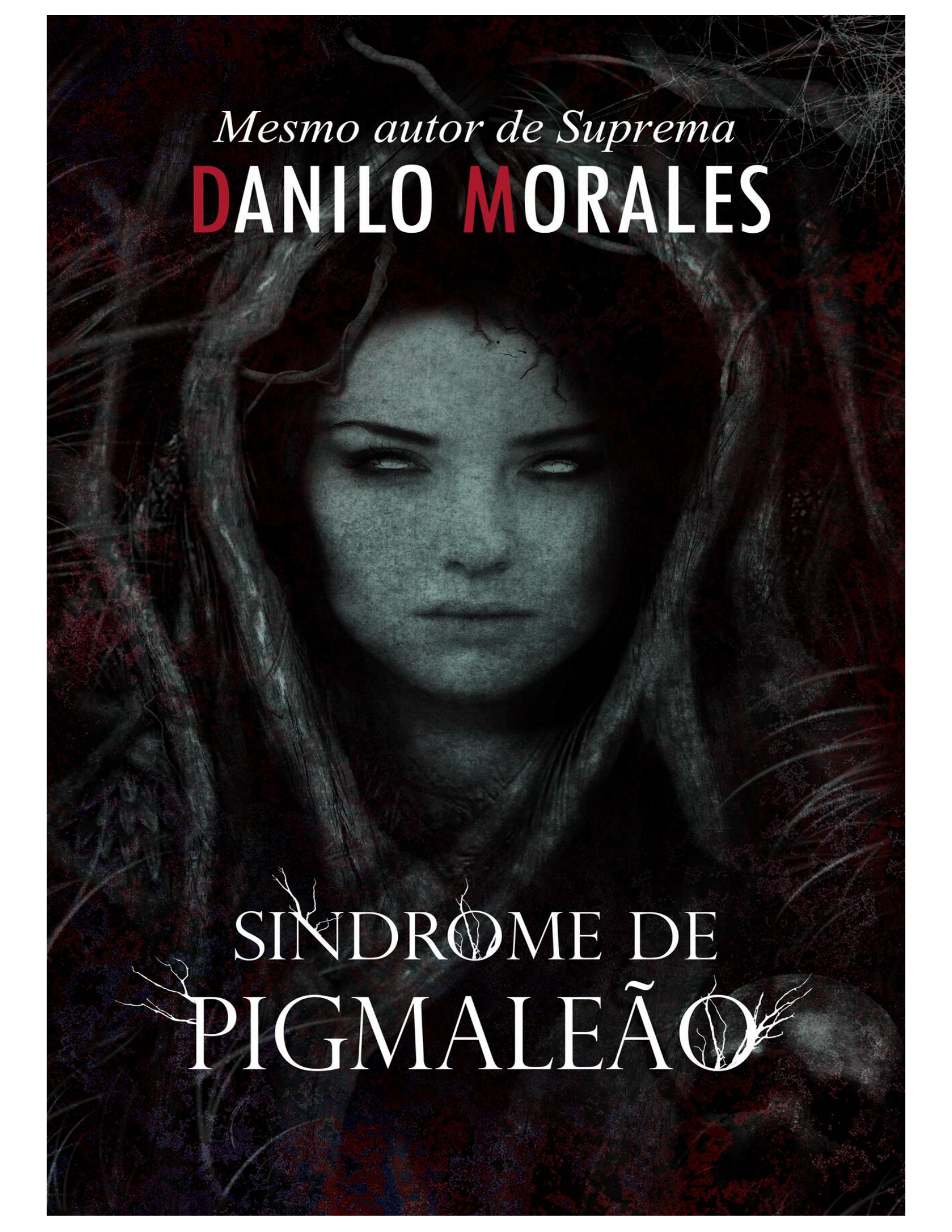




Mesmo autor de Suprema
DANILO MORALES

SINDROME DE
PIGMALEÃO





Mesmo autor de Suprema
DANILO MORALES

SÍNDROME DE
PIGMALEÃO

Copyright 2020 –Danilo Morales
Grafia segundo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida,
armazenada ou transmitida total ou parcialmente, por nenhuma forma e nenhum
meio, seja mecânico, ou qualquer outro,
sem autorização do autor.

Revisão: Walter Cavalcanti
Ilustrações: Jaiana Rodrigues
Leitor crítico- Robson Strobel
Diagramação Ebook: Adriano Villa

PREFÁCIO

(Por David Byrne)

Em uma investigação criminal no Brasil, os primeiros a chegar no local do crime são os policiais militares, eles isolam a área e preservam todas as provas. Na sequência os Delegados e os Investigadores vão a campo, conversam com possíveis testemunhas e também com os familiares da vítima, quando essa já foi identificada. Depois vem os peritos criminais e o corpo é enviado para o Instituto Médico Legal, o IML.

Já na delegacia se instaura um inquérito para apurar a autoria do crime, investigadores vão a campo em busca de mais informações, os laudos da necropsia e do local da morte são enviados a policia científica. Todos os documentos são anexados. No Ministério Público a policia civil tem 30 dias para fazer as investigações, caso o autor do crime não tenha sido preso em flagrante, após esse prazo o inquérito é enviado ao Ministério Público que tem até 90 dias para dar continuidade ao inquérito, o mesmo pode tramitar durante anos sem qualquer conclusão, pode ser arquivado e reaberto futuramente.

As técnicas de investigação não evoluíram no Brasil com a mesma velocidade de alguns países de primeiro mundo, o resultado disso todos nós conhecemos, a impunidade e a desesperança da população com a justiça criminal, se já é precária para crimes comuns, imaginem a ineficácia no que tange ao universo dos psicopatas.

Todos sabemos que psicopatas tem uma assinatura, uma marca, que passam despercebidos pelo sistema, eles entram e saem do encarceramento, e não são identificados como tal, o que faz parecer que somente os Estados Unidos tem serial killers, um ledor engano. É realmente um grande desafio identificar essas pessoas com transtornos antissociais na psiquiatria forense, uma rede inteligente que identifique essa reincidência criminal, ainda há pouco trabalho científico no nosso país. Não há equipe especializada e a maioria das vitimas não tem ligação afetiva com esse tipo de assassino, eles inteligentemente escolhem andarilhos e prostitutas para seus crimes. Psicopatas fogem dos padrões, ainda prendemos com base em

provas testemunhais e exames básicos policiais. O DNA é regra geral e a chave para desvendar esses crimes.

Entre os serial killers Brasileiros mais famosos podemos citar Chico Picadinho, Pedrinho Matador, Febrônio Indio do Brasil (O filho da luz), o Vampiro de Niterói, Francisco de Assis Pereira (O maníaco do parque), Jose Paes Bezerra (o monstro do Morumbi), Jose Augusto do Amaral (Preto Amaral), José Ramos (O linguiceiro da Rua do Arvoredo), em meus estudos, primeiramente motivados por uma curiosidade mórbida e um certo fascínio por esses folhetins, me levou a me especializar em combater esses indivíduos, aprendi a penetrar no labirinto desses assassinos, ganhando confiança aos poucos, sem demonstrar qualquer repulsa ao ouvir seus relatos. Estudei o termo serial killer, e seus critérios para investigação, de quantidade, tempo e lugar, fatores determinantes. Sabendo que a maioria desses crimes tem forte conotação sexual em seus atos, e que três crimes é o padrão, mas tem variantes. Comecei a estudar características desses assassinos que vão desde um sadismo precoce e em alguns casos relatos de piromania, enurese, masturbação compulsiva, destruição de propriedade e acessos de raiva e muitas vezes o distanciamento social se faz presente.

Em muitos casos apresentam dores de cabeça constantes, relatam abuso infantil, em alguns casos apresentam dano cerebral ou passaram por eventos traumáticos, não se pode descartar herança genética.

No que tange ao modus operandi, pode ser refinado com o tempo, eles buscam uma evolução, o que pode dificultar a sua identificação, é onde todos falham que eu entro, eu sou um profiler, o que chamam de perfilador criminal. A minha função é basicamente reduzir o leque de suspeitos, me basear na hipótese do círculo, do diâmetro de ação dos crimes, e quando possível descobrir qual a compleição física do suspeito. É preciso um insight poderoso, para imaginar o que o assassino está pensando e assim fazer um cruzamento de dados, sempre estando atento as redes sociais e também as áreas obscuras do iceberg, a darknet, a deepweb e a dark internet.

Como sabem, em todo crime sempre tem a possibilidade de alguém que grava, e o vídeo que eu salvava uma jovem de um serial killer em uma estação de metrô viralizou, eu virei uma espécie de herói nacional e fui requisitado para vários outros casos complexos, não vou citá-los aqui para não entedia-los, tudo na verdade é um preambulo para o caso mais difícil de minha vida.

PRIMEIRA PARTE
A Investigação

1

Sou um policial, essa é uma profissão ingrata por natureza. Esta sensação nos embala quando, de maneira quase automática, concedemos poder de cerceamento a todos os instintos primais humanos, que não são poucos. A ganância é o mais salientado de todos eles, ao mesmo tempo que é a mola propulsora da civilização. Se não houver um lastro de moral, leva como um furacão tudo que estiver ao redor. Por isso, prefiro as questões mais diretas, advindas da violência, coisa que um punho firme, um coldre cheio ou um taser carregado não teria dificuldade em resolver.

Vamos ao nosso caso principal, tudo começou quando recebi um chamado, um caso de assassinato na pequena cidade de Barão do Rio Comprido, no interior de Minas Gerais. Não passava de uma minúscula cidade histórica, com boa representatividade no ecoturismo e na religiosidade trazida dos anos 80 pela figura de Monsenhor Geraldo, que era considerado um xerife na região, responsável pela construção da nova igreja, creche e hospital. Diz a lenda que o tal Padre andava armado, sempre de batina cinza ou preta, e gostava de andar de cavalo. Vem de um tempo que as missas eram rezadas ainda em latim, com o Padre de costas para os fieis, e ele manteve esse espírito antigo enquanto vivo, de espírito altivo dava sermão se fosse preciso, e era ele quem escolhia quem seriam os vereadores que venceriam nas urnas, tamanha a sua influência. Quando morreu, foi uma comoção na cidade, foi enterrado dentro da própria igreja que idealizou para a construção, mas seu túmulo atraía mais fieis que a própria sacristia, onde deviam rezar, por esse motivo o corpo foi transladado para a entrada da igreja, onde está até hoje, como uma espécie de guardião da cidade, e até hoje sua figura atrai o turismo. Era o bastante para circular o comércio e agricultura dos 20 mil moradores, mantendo-os empregados pelo menos por temporadas. Não era o bastante para impulsionar um crescimento real no município.

Contos de terror alicerçados em cidades onde existem poucos jovens e uma predominância de ve-lhos têm nessa Cidade sua inspiração. Lugares bucólicos podem ser um oásis se bem trabalhados na mídia. Pessoas buscavam fazer trekking, caminhadas e escaladas na Montanha Da Pedra. Havia muita movimentação aos finais de semana e feriados. O local ainda possuía piscinas

naturais e uma fauna exuberante. A Cachoeira do Rio Comprido era também um ponto turístico factual, assim como o santuário de São José. Tinha em seus campos rupestres o domínio de quase toda a extensão, deixando uma pequena área habitada, onde se concentravam os turistas em busca de guias para expedição na floresta.

Apesar disso, a agricultura continuava a ser uma das principais fontes de renda das famílias, até a chegada promissora da Mineradora Alpes, visando trazer progresso à pequena cidade. Em contraponto, ao criar uma bomba-relógio em potencial às margens das áreas construídas, investiu pesado em marketing ecológico, propagandas politicamente corretas e pagamento de tributos suficientes para dar autonomia ao município, quase independente de verbas federais. É claro que nada disso sairia de graça. A começar pela fiscalização, que fecharia os olhos para a precariedade da construção.

De fato, muitos moradores foram trabalhar nessa empresa, que trabalhava com minério de ferro. A cidade, que desde os tempos dos bandeirantes era explorada para ter seu ouro retirado, agora sofria outros tipos de exploração. Hoje, com seu represamento de alteamento a montante, mantinha a tradição. Eram exatos 90 metros de altura com rejeitos químicos altamente nocivos à saúde. Também existia um medo daquela barreira um dia ceder, era um assunto que o povo local não gostava de tocar, mas todos temiam essa possibilidade, ainda mais depois que houveram casos semelhantes em outras cidades mineiras.

Mas como não sou fiscal ambiental e não tenho nada com isso, me concentro no caso pelo qual fui chamado. O assassinato de Tina Leticia, uma digital influencer. A garota foi contratada pela Alpes para ser mestre de cerimônias em uma noite de gala, num teatro construído dentro da empresa especificamente para isso, e principalmente para abater dos impostos federais, utilizando o espaço para serviços culturais e beneficentes com o povo ribeirinho. Nesse evento solene, a empresa iria comemorar os sete anos na cidade com uma mini orquestra convidada, presença de pessoas influentes e do próprio governador, Oswaldo Bellomonte, para reafirmar o poder que representavam. Uma ostentação para comover e deslumbrar os habitantes; para isso não precisava de muito.

Tina Leticia era uma subcelebridade em Ascensão. Fazia uma bem-sucedida transição dos meios digitais para o cinema e telenovelas, e ainda assim era uma ilustre desconhecida para as pessoas com mais de quatro décadas de vida. Embora eu não seja parâmetro para ninguém, em relação a figuras midiáticas, lembro-me, contudo, de ver seu rosto perfilado e olhos arregalados ao estilo mangá aparecer em vários spams do meu celular, não tendo como evitar que sua irritante voz

infantilizada para sua idade entrasse por meu tímpano seguidas vezes por dia. Quem imaginaria que um dia eu teria contato com seu corpo, primeiro entalhado em uma árvore, depois em uma sala de necrotério.

Eu me chamo David Byrne. Sei que é um nome estranho, ao menos assim soa a todos que o ouvem pela primeira vez. Alguns perguntam se sou estrangeiro. Na verdade, meu pai era fã de um cantor com o mesmo nome, da banda “Talking Heads”.

De dentro do meu carro, abaixo o vidro para sentir o cheiro das flores e vislumbrar um mosaico de cores e formas que incitam minha sinestesia. Passo pelo portal de madeira desejando boas-vindas em um ambiente idílico. Placas informativas talhadas em madeira indicam a região interfluvial, com cavernas e pinturas rupestres.

Assim como muitas cidades interioranas, a igreja norteava o coração do local, assim como uma praça. Eu parecia uma espécie de animal exótico observado pelos moradores, provavelmente devido ao uso de vestes diferentes, até mesmo dos turistas que lá faziam exploração; talvez seja meu casaco longo de cor camurça, ou seria meu cabelo jogado para trás com um gel fixador. Havia algumas mulheres que coravam ao me fitar, apesar de estar caminhando para os 45 anos de existência; é verdade, o tempo me deixou mais atraente, quando jovem mais parecia um animal desajeitado com o rosto descoberto, mais parecendo bundinha de neném, até descobrir o poder da barba, que embora cerrada e longe de ser um lenhador pica das galáxias, trazia alguma imponência.

Era óbvio que não ocorriam muitos crimes ali, a polícia local acostumada com pequenos furtos e brigas conjugais ficou assustada com o crime ocorrido, e naturalmente não sabiam lidar com aquele tipo de investigação. O ambiente rural praticamente não tinha câmeras de segurança nos comércios, o que dificultava e muito as investigações. Não havia testemunhas do crime de Tina Leticia, ninguém viu nada.

Parei num mirante onde podia observar toda a cidade, que ficava na parte baixa entre dois vales. Enquanto acendia o meu cigarro e dava umas tragadas, observava uma vaca que ruminava à minha frente e imaginava os locais onde faria investigação. O puteiro com certeza seria minha prioridade, tenho um desvio sexual e essas jovens eram, de alguma forma, anjos que caíam do céu. Eu não tinha muito tato para passar pela conquista, e era objetivo o bastante para ir direto ao ponto, sem amarras. Embora houvesse bastante flerte facilitado, gostava do lado subversivo dos programas pagos. Tem ainda todo um bosque a ser explorado, funcionários da mineradora próxima e até mesmo um centro de ajuda espiritual de

um laçao intitulado João das Estrelas, que diziam que curava os enfermos, não os da região, mas os que tinham dinheiro, que vinham de fora e, principalmente, do estrangeiro. Esse tipo de movimentação era bom para o comércio, especificamente para os hotéis e pousadas mambembes da região.

2

O Delegado Duke me recepcionou em sua delegacia. Era de poucas palavras, mal respondia às minhas perguntas, preferia dizer “Quero que veja, não há como descrever essa aberração”. Estava apreensivo, pela idade devia estar próximo de aposentar, imagino que aquele caso seria sua chance de fechar com chave de ouro sua carreira monótona, eu então atrapalharia o seu plano, podia ver isso em seu semblante irritado. Entramos em sua viatura e partimos em direção ao bosque. Um silêncio desnecessário fez parte do percurso, não tinha nada para ver no celular, mas o manuseava para amenizar o clima, acho um desperdício, podia usar o tempo para me explicar mais sobre o caso, mas como ele mesmo disse, eu precisava ver, caso encerrado. Mais dois carros seguiam em comboio. A paisagem verdejante me deu certo sono. Apenas na caminhada o homem começou a desembuchar o caso.

— Deve ser um sádico, um psicopata!

— O termo mais apropriado seria serial killer — repliquei. — Essa é a segunda jovem, não é?

— Sim. Em menos de seis meses. Não é preciso três vítimas para essa denominação?

— Depende das circunstâncias e da brutalidade do crime. Chico Picadinho é um exemplo clássico. Já identificaram ambas as vítimas?

— A primeira era uma prostituta do bordel local. Chamava-se Samantha Muller. Tinha apenas 28 anos. Veja a foto. A segunda tem 21, Tina Leticia. — Fez sinal com a mão. — Você sabe quem é. Aparentemente a principal conexão entre as duas vítimas, é o modo operandi de suas mortes.

— Pelo que vejo, elas tinham o mesmo perfil adolescente na aparência, mesmo com idades diferentes. Cabelos longos e lisos, escuros. Olhos grandes e rosto perfilado. Apenas uma diferença de idade — eu disse, enquanto analisava as fotos e a ficha da perícia.

— Exato! Sete anos de diferença da primeira à segunda vítima.

No entanto, no primeiro crime, não tinha ganhado ares de notícia, era apenas o que chamavam de “puta”, e sua origem era de filha de camponeses. Já a morte de uma subcelebridade dava novas dimensões ao caso, como se a vida dessa fosse mais valiosa que das outras reles mortais. Causou um grande furor, principalmente nos programas de fofoca especializados em arrancar audiência da morte e tragédias dos famosos; eram os verdadeiros abutres se regozijando por trás das câmeras na sede por uma pauta para o dia seguinte.

Não se sabia como a moça foi estabelecer contato com o assassino, já que ela não foi vista pelos moradores locais. Hospedou-se dentro das instalações da Empresa Alpes, onde fez algumas lives usando capacete na cabeça e tirando um sarro. Ela não desbravou a cidade, segundo relatos da empresa. O que haveria de tão interessante para mover uma estrela em ascensão? Os queijos artesanais e a festa de São Manuel Redentor? Além de ser um local afastado, não possuía uma população jovem e conectada. O que levaria nossa youtuber a ter uma crise existencial ao caminhar pelas ruas e não ser reconhecida. Bem, agora será eternamente lembrada, não da forma que gostaria.

Enfim, chegamos em uma clareira após uma longa caminhada. Os cães farejadores abriam caminho; se não fosse um crime bárbaro, diria que era a principal obra de um museu a céu aberto. Algo digno de Francisco de Goya. Em uma árvore centenária, urubus sobrevoavam uma Tina Letícia nua, de pé, com os braços ao alto, tendo seu corpo trespassado por grossas raízes da árvore, entalhados de forma ornamental, como se ambos fizessem parte de uma mesma simbiose. Sua boca estava escancarada, completamente tomada por feixes que se ramificavam em várias direções. Seu ventre abrigava um ninho, e as raízes pareciam ser suas veias: uma mulher talhada na árvore.

— Samantha, foi exatamente igual à essa vítima?

— Exatamente. Não houve qualquer divulgação na mídia ou algo que pudesse despertar um imitador. Por esse motivo sabemos se tratar do mesmo monstro. Algum misógino com ódio pelas mulheres. Apesar de ser o mesmo bosque, o ponto é bem distante de um assassinato ao outro.

— Psicopatas não costumam matar pessoas no mesmo local, sempre há essa relação de distância, embora o círculo de proximidade seja uma realidade. Há uma grande probabilidade de ser algum morador local. Já descobriram a causa mortis da outra vítima?

— A primeira vítima morreu asfixiada. Depois ele trabalhou com o corpo dela. É uma pessoa que conhece a mata como ninguém. O risco de se perder nessa região é altíssimo. É uma vasta área para monitorarmos, tem vários escapes, seja

por rio ou terra. Ele é metódico, não deixa nenhuma pista, nenhuma digital, nenhuma testemunha.

- Ele quer deixar um recado. Ela é sua obra de arte, e ele deve adorá-la!
- Como alguém poderia amar uma atrocidade dessas?
- É como Pigmaleão. Veja a inscrição talhada nos pés dela.
- Galateia.

A próxima parada foi no arquivo da polícia, onde tive acesso a toda documentação do caso de Samantha Muller, morta antes de Tina Leticia.

A consistência não maleável da árvore garantia um difícil manejo, aprendi isso com um entalhador de imagens congeladas que expunha seus trabalhos em uma praça na República. Como podem ver, meus interesses eram amplos e, às vezes, não condiziam com a minha imagem típica de um policial. Se alguns de vocês me conhecessem na intimidade, iriam se surpreender.

Minha mãe dizia que eu iria desperdiçar minha vida, logo após eu ter passado no concurso público. Mal sabia ela que somente incorporando esse personagem eu iria me realizar. Voltei a perscrutar as fotos com redobrada atenção e prazer oculto. Sobre isso, talvez eu conversaria com um psicólogo da corporação. O corpo de Tina foi lavado após o assassinato, de modo a remover qualquer marca de sangue residual que estragasse a estética de sua obra. Um processo manual de drenagem deve ter havido também, pois com exceção das partes intracranianas e viscerais, foi difícil achar qualquer líquido em suas veias condutoras.

Algo similar com o caso de Samantha, onde os órgãos foram arrancados sem muito cuidado, isto segundo o laudo do legista, que descartou a possibilidade do nosso assassino ser um “Jack, o Estripador”, Tinha as habilidades mais próximas de um açougueiro do que um cirurgião. Sua motivação parecia ser somente artística. Acoplar galhos de modo a criar a ilusão de ser a extensão de suas vítimas requer um conhecimento prático, digno de técnicos de efeitos especiais do cinema antes da computação gráfica.

Nenhum produto foi usado para conservar os cadáveres, ou por falta de conhecimento, ou abcesso, ou simplesmente porque a efemeridade de sua arte fosse seu real objetivo. Laboratórios técnicos vasculharam cada centímetro das jovens à procura de esperma, arranhões e mordidas; talvez os corpos pudessem ter sido vítimas de algo mais após a montagem do cenário. Tudo indicava que o gênero do agressor era masculino. Era necessária força física para dobrar as costelas a ponto de fazê-las se adequar ao que sua imaginação perturbada exigia. A caixa torácica engendrou-se com tanta perfeição aos galhos inseridos que foi

necessário o uso de uma makita para desfazê-la. Tudo foi devidamente registrado para não perder a assinatura do autor.

A forma com a qual fez alguns feixes percorrerem a traqueia até sair pela boca demonstrava que não se intimidava ante desafios estéticos, pois a delicadeza do manuseio contrastava com a brutalidade da visão. A garganta das garotas não foi lacerada pela madeira e o maxilar, se sofreu o máximo de tensão de abertura, foi impedido de se romper, graças à maestria demonstrada no encaixe. A língua não foi extirpada. Os olhos de todas as vítimas foram deixados cerrados, como se não quisesse desviar do espectador que viesse a encontrá-las sua atenção. O objetivo era despersonalizar estas mulheres e cheguei mesmo a duvidar de que houvesse algum sentimento envolvido. Ódio, amor ou frustração. Tudo parecia ser descartado nessas vítimas. Nem mesmo as partes pubianas pareciam terem sido tocadas, o que eliminava, em partes, a possibilidade de um maníaco sexual, embora praticamente todos os crimes tivessem uma inspiração ou conotação sexual.

Se queria criar uma obra viva sobre isso, com a morte de Tina Leticia ele deu o golpe definitivo. Não havia um só canal de TV que não noticiasse sua horrível morte; banners com sua figura foram retirados das rodovias e substituído por notas de pesar da empresa de telefonia pela qual ela era patrocinada, e estavam em todas as plataformas. Se o psicopata queria anonimato para exercer suas crueldades, escolheu a pessoa errada. Pelo menos por um mês os olhos do Brasil ficariam sobre Barão do Rio Comprido.

3

Depois de ter visto aquela cena aterradora, sabia ser impossível dormir sem mesclar aquela imagem a meus sonhos. Revirei na pequena cama da pousada onde fui hospedado, embora o barulho dos grilos e dos galhos farfalhando com o vento fosse um convite para dormir. Levantei-me e peguei as fotos das garotas mortas, observando cada detalhe que pudesse ter passado despercebido. Sabia ser algo antiético, o certo seria visitar o puteiro de Vênus no dia seguinte; o primeiro passo investigativo daquela que fora a primeira vítima, Samantha. Mas as constantes ereções na noite me impossibilitavam de dormir, e foi a real motivação de sair naquela noite fria dos infernos em um ato que chamam de brisa, quando se tem uma ideia repentina e a coloca em prática.

Precisava de um escape; foi quando resolvi adentrar o puteiro local, um sobrado onde funcionava uma espécie de bar no térreo. Na porta ficava um guarda, mais parecia o Tio Chico do Família Adams, antes de adentrar puxei assunto com o cara, aproveitei para pitar um cigarro, o homem tinha uma vestimenta que lembrava um policial civil, mas não poderia ser um, logo descobri que era um fã incondicional da policia e que esse era o seu maior sonho, ser um policial, o mais próximo que conseguiu disso foi ser um guarda de puteiro, animado ele mostrou o som de sirene que tinha no seu carro velho, me mostrou sua algema que sempre levava no bolso, bem como uma arma taser para se defender dos bandidos. Notei que deve ser difícil a vida noturna, ele tinha olheiras protuberantes, e a sua touca surrada servia para proteger a careca do frio da madrugada. No painel do seu carro tinha uma camisa dobrada da policia civil para dar um alerta a qualquer meliante que se aproximasse. Antes que terminasse o primeiro cigarro ele me confidenciou que já tinha sido preso por matar o amante da sua primeira mulher, isso na cabeça dele, ela já tinha separado dele e estava saindo com o cara, o coitado foi pego na covardia, com um tiro nas costas. Depois ele mesmo ligou chorando para a polícia relatando tudo, na cadeia tinha o apelido de ninja, e foi jogado na área dos travestis, o resto da história ele não me contou, mas tinha uma obsessão em detectar meliantes suspeitos, pegava o celular de flip, com certeza ganho de segunda mão, usava linguagem de segurança de supermercado, cheio de códigos, “kAP, na escuta”. Ele mostrou um distintivo falso da polícia que tinha na carteira, por sorte não dei pinta, se ele descobrisse que era um policial, na certa penduraria

em minhas bolas. Perguntei a ele como era ficar na portaria ouvindo gemidos por toda a noite, devia ser uma tortura. Ele disse que trabalhar ali, era o melhor lugar do mundo, a dona do bordel lhe dava uma espécie de “vale puta”, uma vez por mês, podia escolher qualquer uma das meninas por meia hora. Por fim me enchi de ouvir suas histórias falsas de coragem e enfrentamento, ele era mais uma prova da justiça falha, não se pode dizer que ficou pouco tempo na cadeia por ter dinheiro, tinha cara de quem não tinha um único tostão, estava feliz por ter saído a sua liberação de circular durante a noite, o que lhe proporcionou essa importante função. Joguei a bituca ali mesmo na calçada, já estava uma bela porcaria e se uniu aos seus inúmeros irmãos que se pudessem falar, teriam muitas histórias para contar.

Adentrei o local, não havia luxo, pole dance ou coisas do gênero. Algumas putas tristes circundavam o local. Logo de cara, gostei de uma mulher, era com certeza a de menos beleza e pouco requisitada. Tinha um semblante triste e um jeito desleixado, o que ocultava sua pouca beleza. Soube com minha extensa experiência nessas casas da vida que essas são as mais carinhosas. Afinal, a minha carência maior nunca foi o sexo, por isso sempre gostei das que faziam o estilo namoradinhas. Aquelas que deitam no meu peito e acariciam minha face.

Tomei uma dose de conhaque para aquecer. Um hábito que adquiri alguns anos atrás. Sou uma espécie de celebridade em meu nicho. Toda pressão era excessiva, e por este motivo passei a beber. O conhaque escorria em minha barba, limpei com a própria manga da camisa. Àquela altura do campeonato já não importava mais. Algumas mulheres me circundavam com um sorriso estampado na face, em maior volume que moscas varejeiras em uma broa de padaria, mas eu já tinha escolhido quem seria, nenhuma das sorridentes, eu queria a entristecida, ela notou a química instantânea, foi se aproximando sem dizer palavra alguma. Esperava um convite.

— Faz tempo que trabalha aqui?

— Pouco mais de um ano.

Não importava a resposta, estava apenas passando o tempo. Não discutiria algo que não fosse trivial com qualquer uma dessas garotas. Todas diziam a mesma coisa, que haviam acabado de chegar, mesmo que estivessem há anos no local. Demonstrando uma capacidade superior de observação ao guarda da portaria, ela disse:

— Você é da polícia?

— O que acha?

— Encontraram outra jovem, não é? Aquela da internet.

— Infelizmente não posso falar sobre a investigação, mas posso ouvir. Tem algo a me dizer?

— Sabemos pouco. Apenas que ela é a segunda vítima. Todas evitamos a floresta.

— Ah, é?

— Você veio para foder ou para fazer investigação?

— Vim pelo melhor dos dois mundos.

Demonstrei um mentiroso desinteresse e subi com ela para o quarto. O local, pintado de azul anil, carecia de estética. Parecia mais um bar da torcida do Cruzeiro que um reduto de prazer. Mas pedir coerência paisagística numa zona de interior seria pedir demais. Os poucos móveis até dariam um ar mais moderno se o ambiente fosse um pouco menos opressor. Paredes altas e corredores estreitos pareciam ter sido feitos para uma encenação de um labirinto. Algo que faz pessoas claustrofóbicas, como eu, querer sair o mais rápido possível dali. O quarto para meu alívio era um pouco mais tradicional e sem tapetes e cortinas, que poderiam ativar a minha renite.

Havia algo químico entre eu e a prostituta em questão, que me despertou uma libido quase instantânea. Sua pele excessivamente branca permitia supor que logo conheceria suas primeiras rugas, os olhos castanhos me faziam esquecer isso e me traziam de volta ao presente. Sua condição humilde não diminuía de forma alguma a sua beleza, e um sorriso tímido facilmente superava algo extravagante. Instruídas pela vida, essas moças sabem que suas histórias não importam aos clientes, mas algo a compeliu a se abrir para mim. O fato de eu ser um estranho na cidade ajudou muito, e meu sotaque paulistano lhe parecia tão exótico quanto o de um estrangeiro. Valentemente ela resistiu à tentação de puxar conversa logo de início; com um aceno de cabeça, retribuí seu comedimento. Fui a este lugar para descarregar volúpias, não para me emocionar com histórias infelizes e de fracassos.

Ela tinha ancas largas e um corpo curvilíneo; um pouco de barriga, o corpo real, não aquele das revistas de moda ou das passarelas. Quem se importaria com celulites? Eu não! Tive uma foda boa, mas não posso me gabar disso. Tomei uma pílula azul para me garantir. Não que precisasse... Talvez, às vezes, para evitar distrações bobas, o tal cochilo no coito. A minha mente não me permitia conectar totalmente no sexo, e se no momento pensasse no meu serviço, isso me broxaria na certa. Algumas das mulheres, mesmo essas da vida, não tinham essa percepção da arte que era manter uma ereção, quando se passou da metade de sua vida. Tive

casos que a mulher me deixou em ponto de bala e foi atender um telefone ou buscar um lubrificante, tempo o suficiente para um esfriamento da ação. Só da companheira falar a palavra lubrificante já me dava uma broxada, gostava das missões difíceis e apertadas. Queria ser um super-herói naquele momento. Era meu ego falando mais alto. Embora esse comprimido misturado ao conhaque se tornasse um risco exponencialmente perigoso; eu poderia adormecer no coito. Dinheiro não estava fácil para ninguém, e 150 reais, ao menos no meu bolso, faria falta. Gostaria ao menos de gozar e poder finalmente dormir em paz. Sim, eu era um viciado em xotas, já tinha perdido a ideia do número de aventuras rápidas que permeavam a minha vida, cada qual preenchendo uma página da minha vida, algumas experiências ruins, outras fantásticas, místicas, sensoriais, dias de êxtase e virilidade, e dias de fraqueza que deviam ser esquecidos.

Eu estava certo. Ela era romântica. Após a foda me deu pequenas mordidas no peito e ficou aninhada nele, exatamente do jeito que eu gostava. Tinha a pele macia. Falou-me de seus sonhos de partir dali, da sua filha de dezoito anos chamada Tiffany, um nome americanizado. Foi quando a garota de programa revelou seu nome. Verônica La Paz, que de tão sonoro parecia mais uma afetação de poesia que algo registrado em cartório. Se as poses em certo momento não deixavam dúvidas quanto à vontade de manipulação de minha libido, a sua entrega em desabafar sobre suas parcas esperanças foram desprovidas de qualquer indução a sentimentalismos.

Sua voz saía baixa, em certos momentos tive que fixar a atenção em seus lábios para não interrompê-la. Alguns assuntos não abordarei em minhas memórias, pois seria melhor que fossem apagados pelo tempo. Já outros requeriam atenção imediata. Enquanto falava, seu seio era pressionado em mim, eu realmente aprendi a amar em curtos períodos. Acendi um cigarro e comecei a divagar.

— Tenho algo que talvez possa te ajudar — ela disse.

— Sabe de algo sobre o caso? — perguntei novamente.

— Se prometer não me envolver nisso... Tenho uma filha para zelar.

— O que tem a me dizer, Verônica?

— Conheci Samantha por um breve período. Era uma das mais requisitadas daqui. Teve muitas brigas, desavenças não só com clientes, mas com a Madame Vênus, ela é a dona do bordel e com as meninas também. Ela era difícil. Se for levantar um dossiê sobre quem tinha motivos para apagá-la, vai ser extenso. Mas acredita em intuição feminina?

— Claro! Não minta para uma mulher. Provavelmente ela já saberá a resposta — falei enquanto baforava para o alto.

— Tem um cliente... Ele era obcecado por ela.

— A história se repete...

4

Desobedeci ordens expressas do Delegado Duke, de que nada sairia do conhecimento da base da polícia local. Fui convidado a participar de um churrasco em sua casa, uma festa com pessoas bêbadas e desconfiadas. Em sua maioria pertencente ao círculo policial. Fui bem recebido pela platinada Eleanor Brit, esposa de Duke — sem dúvidas seria uma boa Milf. Apesar de coroa, exalava beleza, e Giovanna, sua filha, seguindo os traços da mãe, era uma leoa, o formato do seu cabelo lembrava a juba de um leão. Exalava beleza e sensualidade, e pelo visto gostou de mim.

Eu, apesar de ser um péssimo galanteador, às vezes atraía algumas mulheres por minha aparência, e isso já me trouxe vários problemas. Você convidaria um ex-ator de filmes pornográficos para um churrasco com sua família? Não era meu caso, mas tinha uma mente poluída, e era inevitável não trocar olhares com aquela ninfa no alto de suas duas décadas de vida. Ela sensualizava de toda forma possível, ora chupando um pirulito, ora tomando um suco no canudo e com piscadelas sexys, sentando de frente para mim de forma sensual; e não poderia me esquecer de citar a maneira como mexia o cabelo. Soube que deveria partir antes que algo mais sério acontecesse. Não podia me envolver com a filha do Delegado do caso.

Precisava de um escape para fugir daquela situação, até mesmo colocar em prática minhas habilidades dedutivas; necessitava de certa harmonia espiritual. Estava claro que não a encontraria com os membros da corporação. Eu não era como eles e não gostava de suas presenças, embora necessitasse da colaboração de todos. Fiz questão de bebericar uma dose de pinga da roça, não que eu gostasse da cachaça, mas sim da alteração no sabor da carne após beber uma dose, a língua dava uma amortecida, uma sensação única. As primeiras levas de carne eram abatidas em segundos por um pessoal esfomeado, quando começou a vir em grande quantidade, a maioria dos ursos já estavam prestes a hibernar. Me chamaram para um pretenso jogo de cartas regado a cerveja e com o coldre à vista, não quis participar, sempre odiei o truco, fazer aqueles sinais e piscadelas e os gritos histéricos não me empolgavam, achava uma atividade meio acéfala, parecido com soltar pipas, ficava admirado ao ver homens barbados mantendo essa atividade,

correndo atrás da pipa como se não houvesse amanhã, pulando em quintais, correndo de cães e escalando telhados, até entendia pela parte da aventura, afinal, quem arriscaria a vida por algo que vale o preço de uma paçoca na papelaria; Voltando a jogatina, não demorou muito a se descortinar os complexos dos policiais da corporação. Eu estava em pé atrás de um dos jogadores, fingindo estar admirado pelo jogo e empolgado pelos gritos másculos. “Seis marreco”, e algumas palavras de baixo calão, seguidos de cartas coladas com cuspe na testa, danças ridículas e tapas que quase quebravam a mesa de plástico. Duke direcionou sua atenção a mim e começou a inflamar a conversa após a chamada do truco:

— A sua boa fama chegou até nós, senhor Byrne. Há quem diga que não passa de um canastrão descartável, mas suas habilidades dedutivas são louváveis, bem como sua independência. Ter sido indicado pelo próprio Secretário de Segurança de Minas Gerais... Parabéns! É um homem bem-sucedido.

Não gostei da ironia, e não levava desaforo para a casa. Nunca usei minha posição para dar carteirada, mas não era um delegado de interior que ia me botar no chinelo. Respondi a ironia a altura.

— Isso de forma alguma desmerece o trabalho de vocês, pretendo apenas auxiliar no que for preciso para deter esse canalha. Ora, Duke, bem-sucedido é você, tenho certeza que trabalhou bastante para ter a posse de um local tão luxuoso como este. Carro, mobília, piscina, essa vista para as montanhas. Fantástico! Há quem diga que tudo isso é incompatível com o salário de um assalariado.

Duke se levantou com a face ruborizada, impôs suas mãos sobre a mesa de truco, virando acidentalmente uma garrafa de cerveja, derramando todo o líquido na própria perna, fazendo parecer que estava mijado e fez, assim, os demais se levantarem. O jogo definitivamente havia acabado. Aumentou algumas oitavas o tom de sua voz.

— Já ouviu falar em herança e trabalho duro, senhor Byrne? Fique claro que não é bem-vindo aqui, no entanto farei o meu papel e não irei atrapalhar suas investigações, mesmo todos nós achando que não era preciso enviar alguém de fora, ainda mais um pretenso comedor de putas.

Byrne deu uma última golada na cerveja.

— Por falar em comedor de putas, elas mandaram lembranças! Obrigado, caro Duke, há tempos não apreciava um churrasco com tempero tipicamente mineiro, regado a cerveja e som ambiente, fora a interessante conversa envolvendo vantagens acumulativas, casos passados de abuso de autoridade e histórias sobre formações de milícia. Vou deixar que se cure de sua bebedeira, até amanhã —

despedi-me de todos de forma cortês e me senti aliviado por não participar mais dos exibicionismos de bêbados querendo comparar quem tinha o pau maior.

Não guardaria ressentimentos, a bebida trazia seus anseios a tona, o gatilho impulsionador eu acreditava ser o ciúmes da sua filha, não a queria arrastando asas para um “propenso comedor de putas”, como ele mesmo havia dito. Estava apenas defendendo a sua prole.

5

Comecei a estreitar o meu relacionamento com Verônica. Não foi difícil encontrá-la em sua casa, com base em algumas informações tiradas de forma despretensiosa dela própria no dia da foda. Foi uma surpresa ver que a pessoa que fora capaz de suprir o meu vazio imediato me auxiliara, colaborando com informações privilegiadas. Para não chamar muito a atenção, peguei uma espécie de táxi não legalizado, bem peculiar — um fusca táxi que, apesar do aperto e barulho infernal do motor, tinha seu charme retrô. O motorista, Guilherme, era um sujeito bem articulado e sagaz, diferente dos moradores locais, tinha um aprendizado turístico, embora o seu sotaque o denunciasse. A conversa começou com a justa reclamação dos parasitas, como a Mineradora Alpes e o médium João das Estrelas, que em sua perspectiva, eram tumores que denegriam Barão do Rio Comprido.

Notei o sorriso maroto que se formou em seus lábios quando lhe passei o endereço de Verônica. Não me estendi nesse ponto, algumas coisas não precisavam ser ditas. Era evidente que sua profissão era do conhecimento das pessoas. O que, afinal, esperar de uma minúscula região caipira? Como bom turista, lhe disse que fui contratado temporariamente pela mineradora e tinha interesses em peculiaridades sobre Barão do Rio Comprido. O motorista contou-me sobre alguns bêbados da cidade, que fingi interesse em ouvir, algumas histórias sobre discos voadores e a gastronomia local. Logo retornou ao assunto maior da cidade, o médium João das Estrelas que, segundo ele, era um personagem conhecido internacionalmente. Já fora até na Rede Globo, e isso me deixou transtornado pelo meu nível de desinformação. Como tal indivíduo passou batido de meu conhecimento?

Mestres espirituais, não raramente, tinham envolvimento com casos inexplicáveis e crimes incomuns. Somente povos muito carentes socialmente e desprovidos de senso crítico o teriam em alta. Anotei em minha agenda, esse guru merecia uma visita mais tarde. Antes de virar a esquina, que seria a da residência dela, houve tempo de dissertar sobre mais um personagem, parecia ser o favorito de Guilherme. Um escultor que produzia peças com temática mórbida, e que era muito malvisto na Cidade. Um tal de Renato Sbertel. Suas obras pareciam

inadequadas, mas poderiam ser usadas em qualquer filme de terror do Rodrigo Aragão. Era a segunda vez que ouvia o nome desse homem, ele era o artista apaixonado por Samantha Muller, seguindo relatos de Veronica La Paz. Não nego que lamentei ter chegado ao meu destino e interrompido a conversa, que depois daquele tenebroso churrasco me trazia um certo bom-humor.

Despedi-me do motorista com uma boa gorjeta. Ele tirou um maço de dinheiro do bolso, preso em um elástico.

— Pelo visto esse negócio de táxi dá um bom retorno.

— Nem táxi, nem Uber. Não sou legalizado, e dessa forma fico com a fatia inteira do bolo. Sou um fantasma, não pago impostos, não existo para o sistema.

— Logo irão aparecer concorrentes, te garanto.

— Mas já apareceram. Eu os botei para correr.

Sentia que deveria retomar essa conversa mais à frente, em algum outro momento.

Dirigi-me ao portão baixo e sem cadeado, coisa típica do interior. A parede de tijolos mal conservada pelo tempo indicava que sua inquilina não tinha bons rendimentos na zona, não estava sendo o suficiente; talvez não fosse uma vida fácil, como o populacho diz. Mas eu não tinha nada a ver com isso. Não era de minha conta.

Ela saiu pela porta de madeira corroída por cupins, não parecia surpresa, sinal que outros a visitavam com mais frequência em sua casa do que eu supunha. Ótimo sinal de alerta para eu me manter longe dela, uma saudável distância. Fui visto e acolhido por um sorriso amarelado. Mal trocamos as primeiras palavras e uma figura esguia surgiu por detrás, sua filha, Tiffany. No viço da juventude. Com movimentos rápidos como uma lebre e uma expressão que misturava efervescência juvenil, com melancolia senil, um cabelo a moldava, ainda sem ter adquirido a forma definitiva. Estava apta há algum tempo a exercer a arte da sedução. É claro que Veronica captou meu olhar e não aprovou, deu uma bufada, exercendo o papel de mãe.

— Tiffany, entra!

Sem cerimônias, ela se aproximou e surrupiou o cigarro de minha mão e deu uma bela tragada.

— Essa menina só me dá dor de cabeça. O pai já saiu fora. Mas me diz, o que você está fazendo aqui?

— Eu achei que gostaria de tomar um café.

— Você não entende. O mundo ao qual pertenço não me permite socializar à luz do dia. Sabe bem quem eu sou.

— Eu sei. É uma mãe maravilhosa e que não mede esforços para manter sua filha. Agora, deixe de besteira. Vem!

Ela titubeou por um instante e saiu, meio encabulada, tentando ajustar seu cabelo com as mãos, o prendendo com o auxílio de um elástico.

— Eu não estou produzida.

— Você está linda!

No trajeto, mudamos os planos e fomos parar na praça local para tomar um sorvete. Olhares curiosos de beatas nos cortavam de todos os lados. Eu meio que traía os cidadãos, em um ambiente familiar, com o que eles chamavam de rapariga.

— Fale mais sobre o cliente de Samantha. O tal de Sbortel?

— É um artista local. Um escultor, ele mora sozinho. Não sei muito mais do que isso.

— Tenho ouvido esse nome repetidas vezes. Geralmente artistas passam despercebidos, mas nesse caso parece ser o centro das atenções. Onde ele mora?

— Em um chalé no alto do morro. Vê? – Apontou para um morro do lado oeste. — Ele sai arrastando um carro de mão, com dois cães em repouso sobre a madeira. Vive do modo antigo, sem eletricidade. É um, como se chama.

— Um eremita. Eu vou investigar. Pretendo ir lá essa noite.

— Não precisa ir lá.

Ela apontou para o homem de mochila nas costas que caminhava do lado oposto da rua, arrastando seu carro de mão. Não disse mais nada, apenas assentiu com a cabeça.

Fui me distanciando e soube o que ela pensava: que eu a tinha usado como um brinquedo, apenas colhido informações que por desleixo não peguei na noite anterior. Mas estava enganada, eu gostava de sua presença, embora sentisse uma inquietação ainda maior em solucionar esse enigma. Sou péssimo em qualquer tipo de relação. Não devia estar omitindo informações do delegado, mas eu era assim; por isso não parava em nenhuma instituição, não era um bom tipo para trabalhar em grupo, não passava de um lobo solitário, um outsider — um péssimo mantenedor de relacionamentos. Por outro lado, como bom enxadrista, esperava o momento certo de sacrificar os peões e disparar o rei no tabuleiro.

— Sbortel?

O homem virou-se de forma descompromissada.

— Diga.

— Sou o Inspetor David Byrne, gostaria de lhe fazer umas perguntas.

— Nome excêntrico. Fique à vontade! – Disse o homem segurando na aba do boné, como se fosse uma espécie de aceno.

— Me diga o que sabe sobre Samantha.

— A puta?

— Exato. Era cliente dela, não era?

— Sim. Assim como toda a cidade, embora a predominância seja de homens casados.

— Soube que era o cliente mais fiel, até estranho esse modo descortês de mencioná-la.

— Exatamente por esse motivo não posso ser considerado suspeito. Afinal, por que atacaria alguém pelo qual tenho vínculo. Sou um artista de rua, não um psicopata. Pessoas que cometem essas atrocidades não costumam se envolver com arte ou com música. Sabia que ouço música clássica todos os dias? Isso meio que me desabilita, não acha? Queria o que, demonstração de afeto por ela?

— Não estou te enquadrando como suspeito, talvez possa nos ajudar a solucionar esse caso. Ela te contou algo, se era perseguida por alguém ou tinha alguma apreensão?

— Não que eu me lembre. Recebemos muitos turistas nesta região. E muitos deles acabam no puteiro. É provável que seu suspeito esteja longe. – Pegou na barra do carro de papelão e acenou novamente - Até mais ver.

E então ele partiu, com sua mochila que parecia levar um arsenal. Não parecia perigoso, talvez apenas escondesse alguma informação. Imaginei o quanto o serviço duro de um dia inteiro seria gasto em apenas meia hora com Samantha Muller, bem, o importante era ser feliz!

6

Ainda não estava satisfeito, aproveitei-me do fato de ele caminhar em sentido oposto e resolvi fazer uma escalada até o seu chalé, no alto da montanha. Já que voltei-me em direção à praça para me despedir de Verônica, mas ela já tinha partido. Devo ter fumado um maço de cigarros nesse percurso, formando uma espécie de trilha ou rastro de minha presença com as bitucas jogadas no chão de terra. Impossível não fazer uma analogia as migalhas de pão jogadas por João e Maria para não se perder, e assim como eles, talvez eu estivesse me metendo em uma enrascada tamanha. Duke ligava incessantemente; preferi não atender, toda tecnologia contrastava com o cenário bucólico.

Do alto do morro novamente visualizei a cidade como um todo, em uma espécie de buraco entre vales, meu fôlego de fumante não permitia uma escalada sem paradas, continuei o percurso até chegar ao destino. Não seria difícil invadir aquele chalé com a ausência do indivíduo. Bastou uma pressão e a porta se abriu. O local me fez lembrar o filme “Evil Dead, A morte do Demônio”, a versão vhs, e só faltou o banco batendo contra a parede, impulsionado pelo vento. Utilizei uma lanterna para iluminar o ambiente sem energia elétrica. Obvio, como chegariam postes de iluminação, em toda uma estrutura, apenas para atender as necessidades de um eremita. Em uma mesa de madeira carcomida havia uma ave parcialmente limpa para consumo, provavelmente abatida por meio de arapuca. Dois cães perambulavam o local, e só pude supor que não me notaram pela idade avançada de ambos, um deles tinha catarata. Tinha vela derretida por todo lado, assim como dois lampiões e uma lamparina que pareciam insuficientes para iluminar o tétrico local. Muitos desenhos e esculturas espalhados por todos os lados: o desenho predominante de jovens, provavelmente da região, inclusive fotos de Samantha e desenhos estilizados dela por todos os lados, o que demonstrava uma certa obsessão pela jovem.

Perguntei a mim mesmo se aquelas criaturas pertenciam a seus sonhos. Encontrei muitos livros e quadrinhos, realmente me parecia algo inocente, que por curiosidade gostaria de folhear. Já estava decidido a partir. Estava no rumo errado, mas uma vela acesa no fim do corredor despertou a minha atenção, primeiramente por um conselho dado repetidas vezes por minha mãe sobre o perigo de deixar

velas acesas em casa, ainda mais em um local cheio de materiais propícios a combustão, como aquele. Encontrava-se tinta e papel por toda a casa.

Iluminada pela chama escassa, replicada numa sombra contra a parede, acima de um pequeno altar se encontrava uma escultura de aproximadamente trinta centímetros: uma mulher nua entalhada em uma árvore, com raízes entrando e saindo por seus orifícios; um esboço do que encontrei na floresta. Imediatamente chamei Duke pelo rádio do celular, pedindo reforços. Tarde demais, o homem fez sombra frente à minha pessoa. Ele era realmente grande e estava furioso, era visível em seu semblante.

— Não tem o direito de invadir o meu lar!

Sbortel pegou no meu colarinho e me lançou contra a parede; três esculturas desabaram de uma estante e se espatifaram no chão, inclusive o vidro de um rato no formol, o que ele chamava de arte, o vidro quebrou e o cheiro, bem, isso é indescritível, o que aumentou a sua cólera.

— Meus trabalhos! Filho da puta!

Sbortel calçava uma botina preta e velha; chutou minha costela e me pisou, levando o que restava de meu fôlego de fumante. Portava-se como um guardião de seu lar.

— Calma! Vamos conversar! – Disse lhe dando o crédito de quem também tinha errado ao adentrar a casa do homem sem uma intimação formal.

Sbortel respondeu com uma pisada que afundaria minha face se não tivesse me esquivado. Eu não era de briga, mas isso já havia passado do limite: liberada minha adrenalina, tirei minha faca canivete e finquei em sua coxa esquerda. Levantei e joguei-me sobre ele, ambos nos debruçamos sobre o balcão, quebrando mais algumas esculturas. Um desavisado diria que um tornado tinha passado ali. Aproveitei-me de seu atordoamento temporário depois que o acotovelei e o algemei em um pilar no canto da parede, retirando a faca cravada em sua perna. Em seguida, sentei-me em uma cadeira a uma distância segura, deixei-o sangrar para raciocinar sobre seus atos.

— Olhe o que fez... Foram anos de trabalho. – Ele se lamentou.

— Não precisava ter reagido dessa forma. Você é o único responsável pela quebra de algumas esculturas.

— Não tem permissão para estar aqui.

— Sobre isso seu advogado poderá conversar comigo e me processar, agora, antes que eu me irrite, me fale sobre aquela escultura. — Apontei. — Você

reproduziu a morte de Samantha Muller e Tina Letícia. Está encrencado!

O suspeito se manteve em silêncio, Duke chegou com a cavalaria após duas horas do chamado, e ficou perplexo com a cena.

— David, está louco!? O que faz aqui sozinho?

— Olhe no fim do corredor – respondi.

Duke observou a escultura, intacta como por uma força sobrenatural que sobreviveu ao pandemônio destruidor da casa, olhando de volta para ele, envolta na luz bruxuleante da vela acesa.

— Jesus Cristo!

— Amém!

Ao voltar à delegacia, com Sbertel detido, como se já não houvesse um turbilhão de acontecimentos, me deparei com outro fato inusitado. Verônica estava cheia de hematomas e com olho roxo; ao seu lado, um homem de aparência desleixada, com camisa semiaberta expondo seu tórax, um cabelo longo que se encontrava com a barba e uma espécie de pentagrama no peito. Aparentava ser mais um canastrão, e tinha a impressão de já o conhecer.

— Verônica, o que houve?

Ela não quis responder, estava com medo, algo me dizia que eu era o responsável por aquilo; chamá-la para sair em público deve ter irritado algumas pessoas, talvez um pretendente ciumento. Ela com certeza fora ameaçada, não havia outra explicação para seu silêncio; ele talvez estivesse envolvido com a sua ajuda na resolução do caso. O homem, no entanto, estava disposto a dar explicações. Sentei-me de frente a ele. O caso de Sbertel — que por sinal foi levado algemado para a sala de interrogatório — poderia esperar um pouco.

Neste momento, uma repórter chegou à delegacia. Eu conhecia aquela megera de cabelo alinhado, usando aqueles clássicos ternos de cor neutra. Patrícia Biederman era repórter de uma rede pequena de TV, e vivia atrás de casos polêmicos para se autopromover. Muitas vezes, com sua perspicácia, conseguiu ferrar as investigações ao revelar o que deveria ficar oculto, alertando, mesmo que não intencionalmente, os acusados.

— Até nesse fim de mundo você vem me encher o saco, não é possível, Patrícia.

— David, não é a única subcelebridade desse fim de mundo... Com licença! — disparou com o cinismo de quem já nasceu com a língua afiada.

Ela encaminhou-se ao homem barbudo, que aguçou-me os sentidos mas não clareou a memória, dando as costas para minha pessoa.

— Senhor Psíquico. Posso entrevistá-lo para o programa “Desvendando Casos”, da Rede Sinal Verde? O que o instigou a vir para Barão do Rio Comprido? Foi o caso do assassinato de Tina Leticia?

O Senhor Psíquico coçou a barba, estava reflexivo:

— Foi um chamado. Um sonho premonitório, tem algo de ruim rondando este lugar, e eu soube que tinha de vir — disse em tom profético e altivo o indivíduo que antes me parecia quase um mendigo urbano.

8

Mesmo o meu pacote de internet por celular não pegava bem entre tantos morros. No entanto, mesmo com o vídeo travando, consegui assistir a última live produzida pela figura excêntrica chamada de “Senhor Psíquico”. Imagens sobrenaturais sobrepostas, com uma música de suspense ao fundo, abriam caminho para um homem vestindo uma túnica preta. O pentagrama brilhante e indispensável era ostentado em seu peito, em contraste com o pano preto. Revelou sua face.

O homem começou a falar para o seu público de um quarto de hotel onde estava hospedado, em Barão do Rio Comprido. Nos comentários, alguns o idolatravam, outros, os haters, xingavam-no de tudo o que era nome possível na face da Terra.

“Não foi à toa que ganhei a alcunha de Senhor Psíquico. Pensei em usar Doutor, mas ficaria muito pedante, ainda mais para uma área denominada de forma pejorativa como pseudociência, uma forma acadêmica de ridicularizar indivíduos que chegam às respostas de um caso por vias não convencionais. Reconheço o didatismo que impulsionou nossa civilização para o conforto e prosperidade, muito mais que a subjetividade trazida pela fé. Nossa alma é um combustível que impulsionou nossa caminhada para nos diferenciar dos animais primitivos, e também nos brindou com a possibilidade de evoluir e decifrar mistérios.

Em um sonho premonitório, vi que Barão do Rio Comprido seria o maior desafio que eu teria em minha vida. Fui trazido de forma astral até este local, mesmo sem saber o motivo. Só um chamado transcendental teria capacidade de me despertar sem ser emitido por um sujeito físico, e isto somente duas vezes me ocorreu. Meu regime espiritual precisa estar conectado e, para isso, me abstenho de carnes e estimuladores sensoriais, bem como pratico a castidade. Tudo isso me dá qualificação para ser um dos maiores médiuns do Brasil. Desbanco Mãe Dinah e Walter Mercado com seu ligue dj’á!

Não elucidado casos, somente posso vislumbrar que energias fora do nosso conhecimento serão liberadas. Centenas de almas correm perigo. Terei que desmascarar um dos seres mais imundos com os quais já travei contato, e terei o auxílio de um improvável aliado. Apenas isso me foi revelado. Deixei Hilda,

minha diarista, responsável pelos gatos, e alerta a vocês, meus fiéis seguidores (Parou para tomar uma branquinha em cima da mesa): Vou me ausentar por tempo indeterminado. Meus patrocinadores não aprovaram a ideia. Não foi fácil convencê-los com a promessas de novos vídeos. Afinal, essa é minha maior fonte de renda.

É difícil explicar esses fatos a céticos e aos críticos, que indivíduos portadores de dons extra-sensoriais necessitam igualmente de estrutura material para poder sobreviver. Não são todos que têm pudores morais como eu e ostentam de forma extravagante suas conquistas terrenas, o que implica no levante de questionamentos por parte dos mais racionais. Quando estou nesse estado de autoconhecimento, deixo de prestar atenção aos detalhes mundanos, como aparar a barba e frisar no alinhamento de minhas vestes. Para alguns, torna minha aparência mais desajustada do *messianismo fake*, tão em voga nesse país ultimamente, mas me aproxima muito mais do desapego que o cosmo exige de suas criaturas, para se complementar a elas. Meu porte físico de gaúcho tradicional impede que eu tenha uma silhueta de mendigo (Entornou mais uma golada da branquinha). Com o meu tradicional modo desencantado de caminhar, percebo que por mais desleixado que eu me traje, as pessoas têm a mim como um indivíduo ativo e magnânimo. Meu gestual contido teve que ser estimulado para minha comunicação chegar de forma convincente a vocês. Sei que a minha voz, embutida de uma rouquidão natural e pausada, pode fluir fácil aos ouvidos mais relutantes, para que se abram sem preconceito.

Se tal espírito sempre me guiou, só ao final da adolescência pude desfrutar do meu auge espiritual em sua plenitude. Larguei uma promissora carreira militar como Cadete da Marinha para seguir meu rumo, ditado por eles. Como que embriagado por minha recente descoberta, abandonei meus compromissos patrióticos e fui atrás de algo maior. Me indispus com minha família na época, lamentei, mas o próprio Cristo renegou sua genitora, como está em Lucas. Se não me arrependo de ter feito, não me orgulho das lágrimas que arranquei de minha mãe à época. Indiscutível e justificável é o desejo dos pais por um futuro melhor dos filhos, e anos depois, nos seus momentos próximos à morte, pude discutir sem mágoas isto com ela que, para meu alívio, pareceu ter sido iluminada para compreender a minha jornada.

Bem, meus amigos. Fiz essa breve viagem de ônibus para intensificar a minha missão. Isto é o que adoro nas viagens estaduais, o tempo que nos é dado para refletir sobre nossas vidas enquanto vislumbramos paisagens sem fim pela janela, mais útil que estar em um templo qualquer. Alguns desses relatos podem ser encontrados no meu programa, dado em pequenas pílulas, após eu ter concluído

algum caso paranormal, outros prefiro relegar ao esquecimento eterno. Não me adequo a esse mundo moderno, onde um diário tem de ser visto como um outdoor. Meus seguidores parecem compreender isto. Nunca sou cobrado a revelar posicionamento político, time, opção sexual e todo tipo de pequenas futilidades. Se perco em quantidade de views, ganho em qualidade de expectadores, embora os haters sempre estejam presentes, me chamando de velho cachaceiro nos comentários. Para estes, lembro do bordão de uma música. Cachaceiro é quem fábrica a cachaça, eu sou somente consumidor.

Pois bem, tenho uma plateia seleta, e jamais fui acusado de charlatanismo, nem mesmo por meus detratores. Após alguns dias de viagem, aportei em Belo Horizonte, então me orientei em relação a essa estadia em Barão do Rio Comprido. Exatamente aqui, onde teve a morte daquela garota. A Tina. Muitos me perguntam: Por que não custeio as viagens com meu próprio veículo? Muito do que disse no começo desse vídeo pode explicar a minha preferência. Minha abnegação natural me impede de usufruir de coisas que não me serão úteis em tempo integral, e quanto aos meus ganhos extras, uso para ajudar a instituição de cães e gatos “Bicho Feliz”.

Fiquei sabendo que esse município abriga a importante Mineradora Alpes. É incrível como deixei passar tal detalhe, mas não deixo de perceber o arrepio gélido que tomou a minha coluna ao ser pronunciado o nome desta empresa. Em minha viagem, notei que a área de acesso das cidades vizinhas tem matas virgens e trechos horríveis de trafegar, bem como estradas esburacadas. Mas beirando a estrada principal da cidade, tudo muda de situação. A pista é um espelho de acabamento, obra financiada pela empresa em questão, ela deve mesmo ser um pilar principal do município e a principal geradora de tributos. Bem, eu não sou um consultor de investimentos (tomou uma pílula, que retirou do frasco, e na falta da água, usou a pinga mesmo para engoli-la)... Ultimamente preciso tomar pílulas para desacelerar o coração. Imagino que as causas não sejam naturais, pois eu não teria por que estar ansioso. Resumindo, me parece que a cidade pertence a eles. Mas não é só a Alpes uma benfeitora da localidade... Há um personagem que, por muitos, é tido como a reencarnação do messias, um profeta arauto dos celestiais. João das Estrelas. Já conheci pessoalmente representantes de entidades, alguns sinceros em seus atos, outros maquiavélicos, indisfarçáveis e, sob a visão deles, teria curiosidade de saber onde me encaixo. Seja onde for, está longe do tom profético e arrebatador do Homem das estrelas. De alguma forma, sua atuação na cidade perturba as entidades cósmicas, somente me consultando com ele terei um parecer definitivo. No momento, preciso apenas me deitar nessa cama, os dias de

viagem podem afetar até mesmo um asceta como eu. Não esqueçam de se inscrever no canal e ativar o sininho para as notificações. Encerro aqui meu desabafo.”

Fim do vídeo.

Ainda curioso pela figura que falava e divagava — e pelos comentários repercutidos, trazendo ainda mais luz para a cidade, atrapalhando obviamente as investigações —, resolvi clicar em um segundo vídeo, mais recente, e após o encontro na delegacia. Nesse, igualmente houve a abertura em grande estilo. Depois, mostrou o que parecia o tiozão do boteco com sua camisa meio aberta expondo seu pentagrama, a inseparável garrafa de caninha ao lado. Realmente ele tinha uma voz hipnotizante, que nos fazia ouvir qualquer lorota, mesmo com o típico rodeio para chegar nos finalmente ou em lugar algum. Era curioso o fato de conseguir postar vídeos com a qualidade terrível de internet local. Devia deixar horas seu laptop carregando para obter êxito, já que uma live seria quase uma missão impossível.

“Hoje chamei uma espécie de táxi de região, um fusca retrô veio me buscar. Um rapaz cordial e de boa aparência estava na direção. Ele não parece ter muita concorrência local. Como se intuisse, perguntou se eu era um místico e decifrou em segundos minhas intenções. Encontrar o homem santo, como se vê o sexto sentido, não é um privilégio dos paranormais. Ou seria por conta de meus trajes e modos incomuns. Como um guia turístico, me pôs a par de curiosidades e fatos locais, pausando com ênfase em narrativas misteriosas, entusiasmado, com um ritmo próprio dos bons contadores de histórias. Acho que ganhei mais um fã.”

Falamos sobre aparições espectrais, discos luminosos que vagueiam pela mata, algumas duvidosas abduções e as concretas mortes de cabras por infecções incompreensíveis. Parece-me que a região já detinha tais eventos desde antes de sua fundação, mas se acentuaram nos anos 90 com a vinda da mineradora, e o médium somente se aproveitou desse boom para se estabelecer.

Poderia passar a tarde toda conversando com o motorista sobre os males que afetaram a pequena cidade, logo após a vinda da tecnologia e o chamado crescimento. Até lamentei que tivesse chegado ao fim da corrida.

Este local onde me hospedei fica numa região intermediária entre um bairro residencial e a mineradora, não é perto da rodoviária, como em grande parte das cidades de pequeno porte. Bem, meus amigos, não me canso de analisar as influências da Alpes, limitada no cotidiano de sua localidade. Desembarquei e dei uma boa gorjeta ao jovem; senti que nos encontraríamos novamente. Algo, porém, me impediu de sair às ruas, afrontando meu cansaço visível. Eu poderia ignorar

esse sinal, mas estaria traindo meus instintos extra-sensoriais. Resolvi segui-los e ver se fazia algum sentido caminhar por essas estradas vazias.

Logo vi uma cena irreal para o aspecto pacato do município. Uma mulher foi agredida por indivíduos, todos cobertos, e não havia nenhum transeunte para auxiliá-la. Aquilo não era um assalto ou um crime sexual, eu diria se tratar de um linchamento à luz do dia, levando à conclusão de que os homens que cometiam tal atrocidade não se importavam com leis, mas se não temiam o rigor da civilidade, teriam que arcar com a justiça do sobrenatural. Aproximei-me deles, berrando invocações que só deviam ser ditas se estivessem protegidos pela aura dos querubins e, em aramaico primitivo, ordenei que seus punhos quebrassem como argila seca e seus ímpetos desaparecessem como brumas diante do Sol. Estáticos, olharam-me surpresos por desafiá-los. Invocações de Thelema sempre funcionaram com seres inferiores, e algo em seus corações os impeliram a largar a vítima e fugir para longe daquele que os afrontava. Meu olhar penetrante congelou suas almas e só não lhes causei um enfarto pelo fato de que causar morte não está em meu código de ética. Fui acudir em prantos a moça, que me agradeceu e, como por mágica, a polícia surgiu depois de concluído todo o drama. Eu a acompanhei ao interrogatório na delegacia. O lugar me causou um enorme mal-estar e um alívio kármico ao perceber que lá eu encontraria o sujeito que me auxiliaria nessa estranha jornada. Em breve, trarei mais informações.”

Fim do Vídeo.

Abri uma cerveja e me peguei rindo sozinho com as loucuras do sujeito. Perguntei-me quem seria o alívio kármico do Senhor Psíquico...

9

Já sabia que Psíquico era uma subcelebridade, tinha conhecimentos envolvendo áreas místicas, um pé na demonologia e ufologia. Pelo seu aspecto hippie e naturalista, arriscaria dizer que tem uma propensão ao uso de algumas ervas. Já a bebida forte, ele mesmo demonstrava seu vício, se encharcando de caninha em suas lives. Não foi difícil perceber que o homem tinha a saúde avariada. Tomava um remédio para o coração e era deveras aéreo, parecia estar mais perdido no mundo da fantasia do que na realidade, e isso era perceptível devido à sua ideia lúdica de estar naquela vila graças a um sonho, o que ele atribuiu como chamado. Psíquico é envolvido em alguns casos polêmicos, justificando tais condutas aos chamados astrais. Sentei-me frente a ele e perguntei:

— O que aconteceu com ela?

— Eu estava passando pela rua e vi um grupo de três pessoas a agredindo. Todos estavam de blusa e touca, eu os espantei com berros sonoros que escondiam o medo que eu próprio sentia.

— E o que ela te relatou?

— Ela estava em choque, me cansei de questioná-la, sem êxito.

— Não disse nada?

— Apenas disse que estava em perigo. Na verdade repetiu isso três ou quatro vezes.

Acendi um cigarro, notei um ar de apreensão no rosto do homem que, de certa forma, condizia com sua profissão.

— O que faz aqui, Senhor Psíquico?

— Um sonho premonitório, sei que é estranho... é um chamado. Algo grande vai acontecer aqui. Eu sei.

— Isso você já relatou em suas lives. Eu quero o verdadeiro motivo. E o que exatamente você sonhou?

— Eu estava em um bosque. Corria com medo. As árvores contorciam-se como um epilético terminal, raízes se deslocavam do solo. Tentava me

desvencilhar dos galhos secos. Raízes se enrolavam em minhas pernas e me jogavam ao chão, me arrastavam e me suspendiam no ar. Foi quando vi o tronco central, havia uma jovem entalhada nessa árvore. Aquele seria o meu destino. Então, quando mal percebi, a raiz fincou na terra, me levando a uma espécie de lençol freático, que me carregou a uma caverna de ponta cabeça no subsolo. Estava submerso no fundo da água, dentro da cabana e sufocando.

— Entendi. Bom, notícias parciais dos assassinatos, principalmente de Tina Leticia, estão sendo vinculado há um tempo na mídia, isso deve ter influenciado seu sonho.

— Desconhecia qualquer notícia sobre isso. Me espantei quando pesquisei algo relacionado a esse sonho e achei essa matéria. Soube que era um chamado.

— Ok... Respeito sua fé. Mas não tem fundamento algum.

— Árvores alienígenas, tem algo a ver com a ufologia, veja...

O Senhor Psíquico tirou uma folha amassada de jornal de seu bolso, era uma matéria sobre um grupo ufológico em Barão do Rio Comprido. Peguei o recorte. “Grupo ufológico de João das Estrelas atrai centenas de turistas a Barão do Rio Comprido”. A notícia relatava um grupo voltado à ufologia, liderado por João de Arrais, uma espécie de charlatão que dizia ter sido abduzido sete vezes desde criança, e que teria o poder de cura. Em suas sessões, recebia muitos gringos que pagavam verdadeiras fortunas por suas visões e poder de cura pela palma da mão.

No entanto, desde a conversa com o motorista Guilherme, procurei informações sobre esse religioso, e não me surpreendeu saber que sobre ele recaía denúncias de abusos de influência, tais como apalpar com vontade partes do corpo de seus fiéis para obter essa dádiva, principalmente quando se tratava de um público feminino, em consultas individuais em seu consultório. O homem era acusado de certo coronelismo na região; denúncias como porte de armas, coação de pessoas e abuso sexual são constantes. Os munícipes tinham medo dele e de seu grupo, que em contrapartida movimentava o comércio local. Psíquico complementou, como se nada soubesse das polêmicas de João das Estrelas:

— Essa área é mística, há diversos relatos de aparições de discos voadores e luzes brilhantes no céu, bem como orbes que circundam algumas pessoas. E já houve relatos de círculos em canaviais, o pacote completo. Principalmente por parte de quem sobe o baú das pedras... relatam essas visões em alta latitude. Esse grupo acredita piamente na participação do bosque e das árvores em uma intervenção alienígena.

— Parece mesmo um papo de louco! — disse com certo desdém e ansioso para encerrar tal conversa, que não levaria a nada. Já sabia pelos vídeos que o homem gostava de andar em círculos.

Retirei-me do recinto e fui à sala ao lado tentar me comunicar com Verônica La Paz. Ela estava acuada, encolhida na cadeira feito um animal assustado.

— Oi.

— Preciso ir embora. Estou liberada.

— Em breve! Apenas me diga quem fez isso contigo. Não tenha medo. Eu vou te proteger.

— Você não é daqui, David. Não diga asneiras, não pode e não vai me proteger. Preciso pegar minha filha.

— Mas, Verônica...

— Eu estou detida?

— De forma alguma.

Verônica levantou, pegou sua bolsa e passou por mim. O medo transpirava por sua pele; soube nesse momento que precisava investigar o seu passado. Encaminhei-me para a terceira sala, onde Renato Sbortel estava detido. Puxei a cadeira e sentei-me frente a ele.

— O que tem a dizer, Sbortel? Se disser a verdade, a pena será mais branda.

— Está cometendo um erro. Sou apenas um artista buscando uns trocados para sobreviver.

— Você endeusa aquela estátua e tem fotos de Samantha Muller espalhadas por todo o lado. Tenho motivos de sobra para manter sua prisão preventiva. Tinha até uma vela em frente à sua obra de arte, elevando-a ao status de adoração.

— Talvez não tenha notado. Não há energia elétrica na cabana. Preciso das velas, e você sabe do risco que há. Fogo e madeira facilmente poderiam crepitar até a destruição completa no meio da mata. Por esse motivo, a vela fica afastada no corredor. Precaução, não adoração. Quanto às imagens de Samantha, não vejo nada de mais, foram cedidas por ela, era uma jovem bonita e gosto de desenhar mulheres.

— De onde tirou a ideia da mulher entalhada na árvore?

— Se dissesse todas as fontes na certa acharia patético. Tenho muitas ilustrações em casa, um cliente queria algo que tivesse relação com o cósmico, ao ventre feminino, o que dá vida e às forças da natureza. Isso apenas surgiu, e foi uma de minhas maiores criações. Depois de algumas noites em claro, eu finalmente, sob uma febre que não cessava, tive um sonho no qual me foi revelado essa imagem. Tive, com certeza, forte inspiração no homem vitruviano.

— Você também teve uma visão? Estranho.

— Eu parecia em transe criando essa imagem, primeiramente em uma tela. Foi encomendada pelo meu cliente. Ele ficou muito satisfeito. Depois tive de transpor a uma escultura.

— Quem é esse cliente?

Sbortel titubeou antes de dar a resposta:

— Tenho vários fora do município, o que provém meu sustento, mas daqui da região os únicos que me pedem encomenda são do grupo ufológico da cidade. Mais propriamente uma encomenda do senhor João de Arrais.

Nesse instante, Duke entrou na sala de interrogatório, e dois policiais que o acompanhavam levaram o suspeito para a cela. Patrícia Biedermann e seu câmara tentavam obter um furo de reportagem seguindo o homem, que não fazia questão alguma de abaixar e esconder sua face. Parecia até gostar de seus quinze minutos de fama.

— Renato Sbortel — disse a repórter. — Foi você quem matou aquelas mulheres na floresta?

Renato sorriu de forma sarcástica:

— A incompetência da polícia, que está sendo pressionada a achar um culpado, levou a uma iniciativa já esperada. Pegaram um pobre artista e o aprisionaram para ocultar o fracasso das investigações. Mas eu estarei preso e logo outra mulher vai ser entalhada na árvore. E aí? - A audácia e confiança do escultor poderia estar ocultando sua real culpa.

Sbortel foi puxado pelos policiais, que impediram Patrícia de acompanhá-lo. Para infelicidade da jornalista.

10

A minha próxima parada foi em um amplo estacionamento, em uma rua cheia de pousadas. Os carros luxuosos no interior do edifício não condiziam com a população local, em sua maioria portavam fuscas, Brasília, chevettas, opalas e Fiats 147; quando não, uma carroça nos perímetros de fora do estabelecimento. Entre os mais abastados nativos, um gol bolinha. Os visitantes vinham de fora, na maioria gringos; notava-se facilmente pelo tom da pele, alguns eram quase albinos.

A ampla sala, cheia de janelas laterais, era circundada por pessoas sentadas no chão, com pés descalços, em profundo estágio reflexivo. João de Arrais calçava uma sandália, usava calça larga e camisa aberta até a altura do peito, como se auxiliasse a sua respiração. Tinha cabelo desganhado, tufo de pelo saindo do nariz e olhos bem claros que davam contraste a uma face que passava longe da beleza. Estava acima do peso, tinha certa dificuldade em andar devido à idade já avançada. Perguntei-me de imediato se parte daquilo não seria apenas um teatro, assim como políticos saudáveis, que adoeciam de súbito quando recebiam intimação de prisão por seus delitos corruptíveis, e caíam em uma desgraça de falta de saúde; assim, precisavam cumprir pena com suas tornozeleiras eletrônicas no recanto de seu luxuoso lar.

A doença, às vezes, era uma dádiva para certos benefícios. O homem de cara me pareceu um grande charlatão, o que me levava a pensar: como seria possível haver pessoas supostamente instruídas caindo na lãbia desse falastrão? O homem, ao me ver, pareceu intensificar sua representação sobrenatural, recebendo um suposto anjo invisível, que fez vibrar todo o seu corpo e passar energia a uma jovem, curando-a de sua enfermidade. A moça, revigorada, já partiria sem a sua muleta, mas ele mesmo aconselhou-a para que levasse o suporte, já sabendo que ela provavelmente precisaria do mesmo outra vez assim que pisasse as ruas. Afinal, já estaria em regresso ao estupor momentâneo que fez sua adrenalina subir, aquecer o sangue e fazê-la crer que estava curada por entidades de outros planetas, que viam naquele fim de mundo e naquele homem asqueroso uma porta de comunicação.

Com o esvaziamento da sala, finalmente aquela autoridade poderia me atender. Desde o início, de forma hostil, olhava-me de cima a baixo, parecia querer

me mostrar que era uma espécie de rei naquele universo, e que eu deveria temê-lo, reforçado por homens mal-encarados, que não cediam nem mesmo a uma espécie de aproximação que tentei de princípio. A mão na cintura dizia de forma velada que estavam fortemente armados e que o coronelismo reinava naquelas terras.

— O planeta dos homens verdes está menos corrupto que aqui? – Eu disse.

— É desrespeitoso, senhor...

— Byrne, David Byrne. Investigador federal. Não me leve a mal, estou apenas recitando algumas curiosidades sobre o cosmos.

— O que quer? Na certa não é uma consulta.

— Com certeza não. Seguir gurus não é de meu feitio.

— Pois deveria. Todos precisamos de ajuda espiritual. Somos apenas um grão de areia neste universo, senhor David.

Já estava entediado com o velho, tirei as fotos das garotas e expus sobre a mesa de centro:

— Conhece alguma dessas jovens?

Forçando debilidade, o velho olhou com certa dificuldade em reconhecimento. Pegou um óculos e o colocou, sem aproximar muito, com o aro sustentado pelo nariz.

— Muitas pessoas passam por aqui. A minha memória não é tão boa.

— Devia pedir uma memória melhor para os cinzentos. Um iluminado não devia ser coxo e desmemoriado.

— Vejo que não respeita os mais velhos e as autoridades. É uma pena que gente de sua estirpe esteja em um cargo que deveria proteger as pessoas. Agora pode se retirar. Não posso lhe ajudar em nada, e sua deselegância me repele de sua presença.

— Pelo visto gosta de inverter as situações, embora reconheça que começamos mal... Fui deselegante. Apenas quero saber sobre sua relação com Sbortel, o artista plástico da região. Me desculpe se pareci agir com hostilidade.

— Sbortel é muito inteligente, e um homem realmente habilidoso. Ficava sempre desenhando caricaturas na praça central. Sou um homem que admira e respeita as artes. Sabia que ele faria um bom trabalho. Queria o desenho que representasse o ventre e a sua sincronia com a natureza.

— Exatamente o que o psicopata fez com as duas vítimas da floresta. Entenda que isso te coloca como suspeito, senhor João.

— Sabe quantos milhares de pessoas passam por aqui? Se há algum ponto em comum eu não sei, o desenho fica numa área pública com acesso para todos. Venha aqui. Por favor.

No hall central, em uma parede na parte oeste, de aproximadamente uns cinco metros de altura por quatro de largura, se encontrava o majestoso desenho.

Por um momento saí de mim, parecia mesmo um chamado, era para estar ali. Na parede de fundo, a pintura revestia o todo, a ilustração de uma mulher entalhada na árvore, com raízes entrando e saindo por seu corpo, tornando-a parte da natureza...

SEGUNDA PARTE

Pequenos Orbes Espectrais

11

Fui ao hotel local. Queria conversar mais com aquele homem emblemático, chamado por todos de Senhor Psíquico. Ele mostrava-se surpreso com minha visita, mas tinha uma calma típica dos inocentes, ou dos psicopatas. Com um aperto forte de mãos, entramos no hall. Ele disse, em um tom de brincadeira:

— Sou um suspeito?

— Todos são, de certa forma. — Ele serviu-se de uma pinga artesanal, oferecida no balcão da pousada, antes de sentar frente a frente comigo. — Qual é seu verdadeiro nome, Senhor Psíquico?

— Eu me chamo Steven Fuhls.

— Wow! Não sou o único cara de nome estranho nesta cidade. Vi uns artigos sobre você. Está sempre ligado a investigações paranormais, muito antes dessa modinha de Youtube.

— Como disse... Vim com uma espécie de chamado, um sonho. Sou meio clarividente, David. Esses assassinatos me pegaram de surpresa, e me fizeram crer que minha intuição estava certa. É verdade, fiz algumas investigações particulares. Basta saber se terá a mente aberta para ouvir. Se tivesse assistido meu canal a fundo, teria algumas dúvidas sanadas. Tenho 347 vídeos postados.

Levantou-se, pegou a garrafa de cachaça e mais um copo. Encheu os dois, sorveu um e entregou o outro a mim.

— Vi que estava salivando. Não passe vontade, é realmente boa. Vai ajudar a abrir sua mente, pensar fora da caixa.

Respondi, desmerecendo o mimo:

— Sabe, sou um cara prático, não sigo linhas esotéricas, mas nada me impede de ouvir.

— Há evidências de que os UFOS já andavam por aqui desde a antiguidade. O pilar de nuvens no livro de Êxodo é considerado a descrição de uma presença alienígena. Por muito tempo os ufólogos apostaram em vida fora da Terra. Já ouviu falar de Europa? É uma lua de Júpiter, a que tinha certas características

parecidas com o nosso mundo, então vieram outras luas. Com o tempo, o que era considerado maluquice começou a ganhar respeito. Vieram especulações rejeitando a alegação de que eles vinham de outro planeta. E se fossem de uma dimensão paralela? Havia ainda a teoria da terra oca, que esses seres habitavam a profundidade das terras, dos oceanos, ou abaixo das camadas de gelo da Antártida.

— É muita coisa para processar. Então você é uma espécie de Fox Mulder?

— Estou mais para John Constantine.

— Tenho que admitir, poderia entornar essa garrafa ouvindo suas histórias.

Psíquico sorveu o copo de cachaça e recarregou mais três vezes, seu lado pingüço me colocava facilmente no chinelo. Perguntava-me, em meu íntimo, sobre minha eficiência nas investigações ouvindo possíveis balelas de um homem que definitivamente não vivia com a cabeça na Terra, estava mais voltado a Lua.

— O Nebecismo é uma teoria de que a Terra foi e ainda é visitada por seres de outro planeta. – Disse o místico.

— E o que isso implica na morte das garotas? Quer dizer que foi feito por alienígenas? Assim como os círculos em um canavial? Isso poria fim na carreira de qualquer investigador, eu viraria a piada do ano. Entenda, não sou totalmente leigo, já assisti os programas sobre os astronautas do passado. Eles pegam a Bíblia, que já é cheia de fábulas, e tornam as teorias ainda mais loucas. Já li umas bobagens do Erick Von Daniken e do pessoal que o segue.

Sem querer se estender na conversa, Psíquico foi ao cerne da questão.

— Acho que as garotas mortas são uma espécie de oferenda, homenagem a essas criaturas ufológicas. Elas estão em pontos estratégicos de clareiras, em locais onde há muitas aparições e podem ser vistas facilmente dos céus. E isso implica indiretamente no grupo de João das Estrelas, apontando-os como principais suspeitos. Eu vi a imagem de uma jovem entalhada na parede de adoração deles. Há, sem dúvidas, uma ligação, e não sei até que ponto o escultor está envolvido nisso também.

— Tenho certeza que ele é um picareta. Mas não vejo uma ligação direta. Embora o desenho na parede seja um indício. Fico em dúvida.

— David, essa dúvida me permeia também. João das Estrelas é, sem dúvidas, um lacaio. Há boatos de estupros e sequestros de bebês envolvendo esse homem poderoso. Mas não sei se isso tem a ver com esse grupo. Veja bem, se

partirmos por esse prisma, eu próprio, como conhecedor de ufologia, seria um suspeito. O grupo de João segue o Starismo, uma filosofia que tem como base achar que o destino do homem é alcançar e colonizar as estrelas. No entanto, eles têm uma sintonia com a floresta que ainda não entendi qual é. Eles englobam outras áreas como a astrologia, o espiritismo, a reencarnação e a numerologia, uma miscelânea de crenças sem fundamento quando misturadas, criando as suas próprias leis. Mas o objetivo final parece mesmo ser o dinheiro e o poder.

— A ufologia tem um lote de absurdos ridículos, faltando uma capacidade analítica básica. Teorias exageradas.

— Há estudos sérios nessa área, David. E pessoas que nunca ouviram falar disso foram abduzidas nessa região. Há quem afirme categoricamente.

Olhei para a garrafa vazia.

— Acho melhor a gente parar de beber. Ou logo serei abduzido para a terra de Morpheus.

— Sempre trabalha sozinho, David? Acredito que o delegado deve estar puto por sua conduta. Não o vejo com a equipe. É uma espécie de lobo solitário, não é? Não é preciso ser um sensitivo para notar que está meio deslocado nesta cidade. Não o vi se relacionar com os demais agentes na delegacia. Parece haver um distanciamento profissional e pessoal entre vocês, não sei quais são as causas, mas espero que não haja isso entre nós. Nesta nossa conversa, cheguei à conclusão de que tem muita desconfiança de meu trabalho, talvez justificadamente, mas não de meu caráter. É um agente pago pelo governo para disseminar, perante a população, a sensação de segurança, enquanto eu acalanto seus espíritos com a certeza de uma regulamentação divina. O acaso não é mais forte que a vontade universal.

— É justamente disso que tenho medo. Quem garante que não somos dois canalhas pregando uma ilusão de ordem e civilidade. Mas fale-me mais sobre essas pessoas abduzidas.

— Há uma teoria de que sejam alucinações, uma experiência sensorial. Mas seria algo induzido? E por quem? Certas drogas e gases podem gerar essa ilusão, ou seria uma combinação de gases atmosféricos? Ondas eletromagnéticas? Pessoas que não creem em ufos não deveriam ver os discos voadores. Existe algo de errado nessa cidade, veja o ataque daquela mulher. Ela está claramente com medo, e foi ameaçada por tentar nos ajudar.

— Ok. E por que está aqui? Diga a verdade.

— Quando criança, sonhei com um anjo. Embora eles não tenham sexo, se apresentou a mim como uma mulher loira, de olhos azuis feito o oceano e pele clara, quase transparente. Ela já havia aparecido em outras ocasiões, embora não me lembre, minha mãe relatava que eu dizia ter visto uma mulher com essas atribuições entrando em nosso lar. David, em meu sonho, eu corria e um temporal se fechava, e pisava nas poças de água quando notei barulho de passos. Essa entidade corria quase a meu lado, ela dizia: “Não se preocupe, não está sozinho, estamos contigo.” Sempre achei se tratar de um anjo, angelus, um mensageiro... Isso permeou a minha infância e me tornou um homem místico. Me aprofundei na parapsicologia buscando entender tudo aquilo, uma explicação racional. Existe uma teoria ufológica argumentando que o homem antigo confundiu astronautas humanoides com anjos e deuses.

— Então você crê ter recebido visitas de um alienígena? — disse com um semblante um tanto desgastado pela conversa que se tornava repetitiva.

— É estranho, mas é como se este lugar pudesse me dar respostas. Certa vez, em uma colina, ainda garoto, avistei uma estranha formação de três objetos luminosos no formato de um ovo pairando no céu. Acredita no Diabo, David?

— Sim, no diabo interior de cada ser humano. É cada maldade... mas nada de sobrenatural.

— Se eu sou Fox Mulder, você está mais para Dana Scully. Há sim, uma influência maligna, queira crer ou não. E ela está também ligada aos Ufos. Chama-se Ashtar. Mas isso rende uma longa história, outra hora podemos falar sobre isso.

Com um leve suspiro, próprio dos enfadados, mas ainda assim mantendo a cordialidade gestual, acenei com a cabeça.

— Se souber de alguma novidade, não hesite em me procurar.

Acendi um cigarro e parti, com a percepção de que ele mais me confundiu do que explicou algo, talvez por isso tenha citado o diabo.

12

Fui à Mineradora Alpes, junto de Duke e mais dois policiais. Nos forçaram a assistir um vídeo de apresentação da empresa e regras de conduta em seu interior. Portaria adentro, um novo mundo se descortinava, cheio de tecnologias, muito diferente do ambiente bucólico externo. Era preciso andar pela faixa branca para nossa segurança. Observei sirenes em alguns pontos de encontro. Um guia chamado Lourenço nos levou ao refeitório, e observamos a rotina dos funcionários. Peguei a lista contendo o nome e matrícula de cada um deles. Algumas pessoas que tinham algum tipo de ligação mais próxima com a vítima. Como Lourenço, funcionário de alto escalão responsável pela estadia da jovem youtuber.

— Como era Tina Letícia?

— Uma pessoa fechada, bem diferente do que se via na frente das câmeras.

— Ela não tinha aquela voz... você sabe, de uma criança no corpo de um adulto.

— Era uma voz fabricada, cheia de trejeitos, existe um padrão para youtubers, assim como há um padrão usado para formar pastores.

— Sabe de algum flerte com algum dos funcionários?

Lourenço ficou meio sem jeito.

— Ninguém em especial, mas ela estava entediada. Gostava de dar uns tiros. Dava umas fugidas para comprar cocaína.

— Sabe quem fornecia drogas a ela?

— Só existe um fornecedor na cidade. Ele é conhecido pelo codinome “Brasil”.

— Já deve ser um velho conhecido de Duke. Verei isso depois. Agora me diga mais sobre ela.

— Bem, como dizia, o jeito acessível de Tina era uma parte de sua estratégia de marketing muito bem pensada, no momento em que câmeras não a estavam filmando, seu ar de enfado era visível. Ela ficaria por dois dias, mas talvez

lhe parecesse um mês. Não me entenda mal, ela nunca foi descortês com ninguém, em nenhuma oportunidade, mas nós percebemos quando a pessoa está desconfortável ao nosso lado. A conversa não flui, os olhares não se cruzam, e para desespero da moça, o sinal de banda larga não é dos melhores. É difícil para alguém com dedos acostumados a teclar compulsivamente, ficar no vazio. Meu contato se resumia em lhe servir no que fosse necessário e não ultrapassar esse papel. Foi no fim de tarde que ela sumiu, um dia antes da apresentação, o que causou um alvoroço geral. Câmeras não testemunharam a sua saída e no seu quarto não havia entrado ninguém não autorizado. Tudo estava em ordem, e seu notebook estava aberto sobre a escrivaninha.

Muito da investigação que estava em andamento, como de praxe, mantinha-se longe dos olhos do público. Enfim tinham admitido que a jovem saiu da área da empresa. O laudo do legista me revelou que foram encontrados traços de cocaína no sangue da jovem. O depoimento de Lourenço apenas corroborava com isso.

Ela devia ser discreta ao apreciar seu passatempo para não perder patrocinadores, e o seu tilintar de dedos no vazio devia ser mais que abstinência do teclado da tela. Ela saiu por vontade própria fora da área da empresa, em busca de alguma emoção que somente estimulantes químicos poderiam trazer. Seu celular não foi achado e os exames em seu desfigurado corpo ainda não foram encerrados.

Fomos encaminhados à sala do presidente, que ficava a uma distância segura da barragem, no alto de uma colina. Uma mansão luxuosa, com um aparato deficiente de segurança. O hall estiloso, ostentando pilares nas quatro pontas, com algumas esculturas em mármore nas áreas periféricas, e quadros com fotos da linhagem dos principais líderes da empresa. Havia um aquário grande, com peixes medianos, que ocupavam o centro do lugar. O homem vestia um blazer preto; era bem alinhado, barba cerrada, olhos claros hipnotizantes e cabelo grisalho.

Ele tratava os peixes e nem mesmo olhava em minha face. Como se eu fosse uma escória qualquer, era uma forma de dizer que seus peixes tinham mais valor do que nós. Olhou pelo vidro do aquário o peixe e, enquanto sorvia um gole de whisky, apaixonadamente começou a dar informações sobre o peixe, antes mesmo de nos apresentarmos ou de pedirmos essa informação; algo típico de idiotas que gostavam de se aparecer.

— O Platinum Arowana veio do Sudeste da Ásia, é uma mutação genética rara. Algumas dessas espécies podem ser encontradas na África e América do Sul. Este, em especial, tem 90 centímetros de comprimento. Quatrocentos mil reais ele me custou. Garanto que você teria de trabalhar uns dez anos e mesmo assim não poderia adquirir um destes, não é senhor...

— David. Ouça, trocaria facilmente esse peixe por uma tilápia frita no meu prato. Não vim aqui para falar de seus mimos.

— Eu sei. Veio falar de Tina Leticia, não é?

— Exatamente. Quero acesso às câmeras de segurança da empresa, relatos de comportamento e desenvoltura da jovem no período em que trabalhou por aqui, e tudo o mais que puder ajudar.

— Vocês terão isso. Estamos dispostos a colaborar. Lourenço vai providenciar tudo. No mais, não tenho contato direto com os peões, então não posso dizer nada mais do que sei sobre ela. Eu lido com números, são muitas cabeças, sou um homem ocupado.

Vi o nome do homem na placa. Presidente Elder Scariott.

13

O encontro com Elder não rendeu muita coisa, retornei a delegacia e dali partimos para o Instituto Médico Legal em busca de mais informações sobre as vítimas. O resto mortal de Tina Leticia estava dissecado na mesa de autópsia. A jovem tinha um rasgo que ia do pescoço ao púbis, em formato de T, feito para a necropsia, além das perfurações por onde passaram as raízes. Suas vísceras que não tinham sido arrancadas pelo psicopata foram pesadas. Foram feitos exames microscópicos; além da análise geral, o couro cabeludo foi cortado, e o cérebro foi removido. O corpo já tinha sido costurado em uma linha contínua quando chegamos. O legista deu o relatório final já esperado: uma morte semelhante à de Samantha Muller.

— Os pulmões da jovem estavam inchados, cheio de pintas vermelhas, e isso apenas confirmou o que já imaginávamos pela face arroxeadas. Ela foi asfixiada e morta antes das lacerações.

O legista mostrou a tatuagem de uma pequena borboleta na nuca da jovem.

— Logo soubemos se tratar dela através desta tatuagem.

— Por isso digo — concluí —, todos devíamos ter uma tatuagem no corpo.

Ver essa jovem morta só reforça o meu fracasso, me faz lembrar um estigma, o de sempre chegar atrasado. Fico imaginando o melhor desfecho, a prisão do culpado, ainda assim de longe pode se chamar isso de justiça. Toda uma vida foi ceifada, não só da vítima, mas de seus familiares, o seu algoz brincava de ser Deus, não era justo. Era inevitável olhar para aquele corpo maculado, e não pensar em sua decomposição, nos vermes brotando de dentro para fora, do cheiro pútrido, até sobrar apenas os ossos, e tudo virar pó. Gostaria de imaginar que tudo não passa de uma carcaça e nossa alma volta para o éter, não sou tão romântico assim. Imaginei todo o sofrimento dessa pobre criança, suas aflições, o medo. Tinha ímpeto de me tornar um justiceiro, aquilo era cíclico, perdi as contas de quantas visitas fiz ao necrotério, de quantas lágrimas de familiares havia presenciado, e quantos sorrisos cínicos de bandidos que saíam impunes pelo sistema deficiente.

Tudo isso me dá raiva, trago o cigarro desejando um câncer que ceife logo a minha vida, a ira se apodera de mim e soco a parede quando ninguém mais está vendo. Prometi a mim mesmo pegar esse safado, enquanto observava os rombos cilíndricos no corpo do cadáver. Toco a pele fria, fecho meus olhos, desejo visualizar um pouco de seus momentos finais, não sou médium, era apenas um ritual, quase um pacto com o morto, de que eu lhe faria justiça. Essa era minha única tatuagem, ficava no peito, um símbolo Japonês, fiz após o caso do assassino da mala, dizem que toda tatoo tem que ter um significado, esse permeava meu desejo de punir os transgressores, obvio, se fosse para o Japão não a exibiria, quem garante que o tatuador não quis me zoar.

Me perguntava quem seria a próxima vítima? Observar um morto me faz refletir sobre minha própria condição existencial. Não gostaria que meu corpo apodrecesse desse jeito, preferia ser cremado, e virar pó, muito mais higiênico, de que adianta dar chinelada toda uma vida nas baratas e no fim virar seu alimento. Corpos nem deveriam ser enterrados, isso freia a decomposição, eu sabia disso, os psicopatas também. Corpos deixados em florestas sumiam com maior facilidade, se tornavam alimento dos animais silvestres. Me perguntava qual a função do caixão? Prolongar a lenta decomposição? Se não é para meter fogo, não vai deixar a céu aberto para evitar o contágio de doença, qual o motivo de não deixar direto em contato com a terra? Se não quiserem me cremar, que ao menos façam uma boa farra em meu enterro, quero pinga, quero putas, quero música. Celebrem minha vida com uma boa foda.

Fico imaginando qual será meu desfecho, ficar entrevado numa cama, dependendo de outros para me limpar não é muito animador, não é? Mortes severas também seria algo assustador, queimado, afogado, estou fodido! Os assassinados devem ser os piores casos, uma faca trespassando seu corpo, feito um choque, somente de cortar a ponta do dedo minha pressão já cai, se existe um Deus, peço que me livre do homem violento. Todos esses anos na polícia me obscureceu de tal forma, acho que esse seja um motivo para meu desvio sexual, nada mais que um escape. Como não ter pesadelos a noite, após analisar um cadáver. Por mais frio que tenha me tornado.

Por fim, estar em contato direto com a morte nos torna mais humildes, mostra que a vaidade não vale a pena, que não valem nada, somos apenas passageiros, não levaremos nada desse mundo, somente a roupa do corpo que apodrecerá em poucos dias, me faz entender como a imortalidade seria algo perigoso. Sendo mortais já há tanta arrogância. Espero que a morte seja como um sono, se for isso mesmo já vivenciamos a morte em cápsulas, todas as noites nos preparamos para o

derradeiro momento, morremos a cada respiração, a cada tragada desse maldito cigarro, e me dei conta que a minha cartela está acabando.

14

A morte das jovens criou um alvoroço na cidade. O Prefeito Angelo Sobral vivia escondido, mal podia sair às ruas e já era cobrado. Com a desculpa de um mal-estar, não compareceu em uma reunião feita com populares e autoridades para discutir sobre o caso em questão. Os moradores estavam em pânico, quem tinha filhas com o perfil das vítimas não tinha sossego. Algumas famílias se mudaram, outras redobram a segurança de suas residências, quem podia se armava. Vez ou outra o povo era insuflado por opositores do governo. A polícia sofria hostilidades também, e eu me incluía nisso.

Fiz questão de ir e estar presente nessa reunião, que ocorreu no salão da Igreja de São Pedro. O Padre Sebastião começou a falar sobre os crimes hediondos e que o senhor Jesus iluminasse a cabeça dos investigadores para descobrirem o paradeiro do assassino. Uma senhora levantou-se inflamada, ora apontando o dedo para o padre, ora para mim, me tornando conhecido dos poucos que ainda não sabiam de minha presença no recinto.

— Enquanto uma de nós foi morta, nada foi feito. Então mataram gente da mídia, uma pessoa considerada mais importante que nós, e agora eles se movimentam. Trouxeram até polícia especializada, vinda de fora.

Achei melhor não intervir, enquanto o padre acalmava a senhora.

— A polícia esta fazendo o seu papel. Vamos ter fé que esse caso possa se solucionar o quanto antes, e que o Senhor tenha piedade e acalente o coração dos familiares dessas vítimas.

— Eu espero mesmo. Tenho duas filhas, e tenho medo, padre. Nossa cidade virou um circo para os repórteres e para os charlatões, como aquele ridículo que chamam de Psíquico. Na certa um herege.

Um representante de João das Estrelas levantou-se, pedindo autorização para falar.

— O povo está ficando aguçado pela presença do ilustre Psíquico, e inflados pelas crendices ufológicas disseminadas na cidade, aos poucos estão descrendo da presença de um assassino serial, enquanto as teorias sobre uma

intervenção ou recado alienígena foram se intensificando. Embora fosse crível que a total falta de impressões digitais ou rastros humanos nas vítimas fosse apenas obra de um malfeitor meticuloso, teorias divagavam em rodas de conversa sobre os cinzentos.

— Quem é cristão de verdade sabe que essa história de alienígenas não passa de tolices — concluiu o padre, interrompendo o homem. — Não venham agora jogar toda a culpa nesse Senhor Psíquico, já que o misticismo enraizado nesta cidade é culpa da Casa das Estrelas.

Eu já tinha ouvido o suficiente e saí para pitar um cigarro, tomando o caminho de volta para o hotel enquanto observava os hábitos noturnos.

Os moradores da pequena cidade trancavam suas portas, mas temiam mesmo qualquer objeto luminoso ou clarão que viesse dos céus. Todas as histórias já tinham sido ouvidas em suas infâncias, e agora isso eclodia em uma histeria coletiva, também alimentada pelos carniceiros da imprensa. Houve teorias sobre a proximidade da hidrelétrica local. Ufos eram vistos perto das estações, achavam que eles eram atraídos pelo magnetismo. Dizem que em 1974, após um temporal, um blecaute temporário deixou todos em polvorosa. Seria algum tipo de teste? Ou apenas um fator accidental? O relâmpago que antecedeu a queda de energia, segundo alguns relatos, parecia tomar a forma de uma bola de luz, ou de fogo. Eram muitas histórias.

No dia seguinte, resolvi visitar outro centro de encontro dos habitantes locais, tão antigo e popular quanto a igreja do Padre Sebastião, talvez até mais. O bar típico do Zé Pretinho era uma espécie de base de informações; embora ele não fosse ligado ao tráfico, o traficante de codinome “Brasil” usava o local para vender drogas. Como quem não queria nada, tomei umas cervejas e acompanhei o movimento.

Zé pretinho saiu de trás do balcão secando a mão no mesmo pano de prato que outrora secava os copos americanos. Usava uma calça curta, que se encerrava nas canelas, e calçava um chinelo de dedo, com camisa semiaberta, ostentando o rasgo que se estendia na vertical por todo o seu peito. Ponte de safena, coisa de macho aquele corte, uma cicatriz de guerra. Recontava a história muitas vezes, da sudorese das noites até a impossibilidade de ficar subindo escadas no pós-operatório. O homem estava dotado de uma estranha satisfação, proveniente de quem tocou, mesmo de relance, o sobrenatural, dando um sentido àquela vida sem graça, com uma marcha escrita e prevista até o suspiro final.

O local era repleto de causos e teorias da conspiração, Zé Pretinho me contou que todos desconfiavam haver um túnel secreto na Igreja de São Sebastião,

afirmou que o pai dele uma vez tinha visto e que o padre Sebastião, que coincidentemente tinha o mesmo nome do santo da paróquia, escondia isso da população, esse túnel sairia em uma clareira no meio da floresta e teria sido construído nos tempos antigos para uma possível fuga no caso de ataque de índios na região, essa era uma das teorias, a outra baseado na construção da igreja, que foi feito por escravos e acreditavam que o túnel era usado para transportá-los para um local onde pudesse realizar as missas, já que os coronéis não gostavam de tal ideia, evangelizar seus escravos, e também havia a teoria que os escravos usavam esse túnel para uma possível fuga. Zé Pretinho relatou que seu pai achou o tal túnel, vindo de uma das clareiras, e o adentrou com lanterna e velas, mas teve de voltar quando o ar começou a faltar e a passagem ficou mais estreita, afirmou que essa passagem dava para várias partes da cidade, afirmou ainda que uma das passagens daria para um pé antigo de jequitibá, isso baseado num poema do antigo Monsenhor, que confabulava sobre este ser a entrada de um universo subterrâneo. Me perguntei se o psicopata teria acesso a esse tal labirinto oculto abaixo da terra e usaria disso para fazer suas vítimas e desaparecer sem deixar pistas. Segundo o relato do dono do bar, o Padre se enfurece simplesmente em ser questionado sobre a existência desse túnel, boa parte da população acredita que emparedaram o acesso e que ele viria da sacristia.

O homem me via como uma espécie de senhorio, dotado de conhecimentos e discernimento, porém cego a algumas verdades que ele considerava irrefutáveis, enquanto um novo relâmpago soava em uma explosão atroz. O tempo estava mudando, o Sol há pouco tinha sumido dos céus. Dois cães sarnentos refugiados dentro do bar, deitados sobre as próprias patas, observavam o mundo cair ao redor. O barulho da chuva forte batia sem dó contra a frágil telha de cerâmica. Zé Pretinho soava profético:

— São os cinzentos, estão brincando com a gente. Certa vez uma luz veio do céu, eu estava sozinho por essas bandas, senti um calor tremendo, como o de uma fornalha. Foi em meados de 1989, véspera de Natal. Tem coisa aí.

Os olhos de Zé Pretinho, vez ou outra, voltavam a órbita para o alto. Perguntei-me se seria vergonha ou apenas o reflexo da mentira. Entendi perfeitamente o fascínio por alienígenas, isso os tirava daquela vida bucólica, no entanto havia personagens interessantes e excêntricos naquela bodega. Apenas não encontrei quem procurava. O tal do Brasil, feito rato que era, jazia escondido, tinha polícia em cada esquina desta cidade. O motorista clandestino, Guilherme, me fez companhia, e feito um Caronte, me apresentou os personagens, contando ao pé do ouvido a história de cada integrante:

— Aqui neste boteco reside a essência dos moradores da região. Pessoas que não se contaminaram com a tecnologia. Veja aquele debruçado no balcão. Xampiola é o que chamamos mendigo de boteco, chega antes de abrir, e parte ao anoitecer. Fica sempre de prontidão do lado do balcão onde servem pinga, traz apenas 50 centavos para abrir o dia e cobrir uma dose da danada, e durante todo o percorrer do tempo, todos que por aqui passam deixam uma dose paga, ou lhe oferecem um copo de cerveja. O homem sai cambaleante no fim do dia.

— Não se nega pinga a ninguém.

— Está vendo o baixinho no estilo Lampião? É metido a valente, embora não passe de um metro e meio de altura.

— Ele gosta de falar alto. Dá pra ouvir daqui.

— Ele se chama Cícero, diz tudo o que lhe vem à telha, e vez ou outra arruma uma confusão. Dizem que, uma vez, um homem com o dobro de sua altura quebrou uma garrafa em sua cabeça e o ameaçou com uma peixeira. Ele não arriou e enfrentou o gigante. O cabra é valente e inconsequente.

— E aquele garoto? — Aponte. — Muito jovem para estar em um bar.

— É Milton, um aspirante a homem ainda. Com esse bigode ralo... Me pergunto por que ele não raspa essa coisa ridícula que chama de bigode. O menino é sempre zoadado pelos bebaços, brincadeiras referentes à sexualidade, virgindade e coisas do gênero. O homem ao seu lado é chamado de Biro Biro, faz uns biscates e gasta todo o dinheiro em pinga. Teve alguns episódios de ataques epiléticos, fica espumando na sarjeta. Todos já estão acostumados com isso. Certa vez bateu a cabeça no balcão do bar e sangrou bastante. Veja o cabelo ressecado dele, qualquer um diria que é uma tinta vagabunda, dessas de promoção. Ninguém acreditaria, David, mas se trata de seu cabelo natural, refletido pela total falta de vitamina no corpo. Sua pele também apresenta essa deficiência, como pode ver, não tem vida e é toda rachada, bem como seu pé. Isso sim, uma condição de quase todos os sertanejos dessas bandas. Essa pele com uma textura esbranquiçada deve ser algum tipo de doença que não sei definir, talvez hanseníase.

E tinha um homem sorumbático, Guilherme disse que se chamava Pia, ao menos esse era seu apelido. Estava sempre calado, passivo, respondia em poucas palavras e, sempre que podia, replicava o tempo demasiado de fala de Cícero em um simples sorriso triste. Tinha um olhar caído e meio perdido, mas conformado. Perguntei qual seria a origem daquele apelido, Pia não era diminutivo de nada que pudesse pensar, e não imaginava que causa o levaria a ser chamado disso. Guilherme não fazia ideia. O homem era tão quieto que não tive vontade de

perguntar ao próprio, talvez ele nem soubesse mais seu nome, ou não quisesse simplesmente se lembrar. Parecia alguém que tinha sofrido uma lavagem cerebral.

Guilherme falou também de um homem gordo, de chapéu na cabeça, que falava tudo com sotaque carregado de roça e cheio de trejeitos à la Mazzaroppi. Todos o chamavam de João Barranco. Com sua caminhonete velha, apareceu na porta do bar com uns porcos mortos. Poderíamos ainda divagar sobre várias outras figuras que pairavam naquele lugar.

Guilherme não podia fechar sua aula enciclopédica dos bêbados locais sem mencionar Piteco, uma espécie de Chico Bento, um cara ainda novo, meio desprovido de inteligência. Tinha Zé Pretinho como uma espécie de pai e, no dia em que o dono do bar foi para a cidade fazer a operação, o pobre jovem saiu correndo atrás do carro que levantava poeira em sua face; ao dar um último adeus, ele temia mesmo que seu mentor não retornasse vivo. Quem viu disse ter sido uma cena comovente. Ele cuidou da bodega na ausência do Zé e as pessoas de má fé aproveitaram-se dele nesse momento, roubando-o na contagem do troco, na dosagem da pinga e em outras diversas coisas. As histórias eram muitas, e nem sempre tão hilárias quanto achavam. Como a vez em que Piteco foi ao banheiro e, após defecar, notou não ter aqueles papéis higiênicos cor-de-rosa, tão popular por ali. Limpou com a cueca e, não sabendo o que fazer, a jogou pelo vitrô do banheiro, que ficava acima da casa de Zé Pretinho. O fato é que a cueca suja ficou dependurada pela ponta de uma vara de pescar, exposta a todas as pessoas; para sua vergonha, a história era recontada de tempo em tempo para não ser esquecida. Era mais engraçado ouvir a risada descompassada de Cícero enquanto ostentava seus dois cacos de dente podre enquanto ria, recontando a história. As pessoas riam da expressão cômica dele.

Aquela simplicidade tinha algo de nobre. Fui me adaptando ao meio, e quando notei já estava comendo ovos coloridos cor-de-rosa, salsicha no palito e uma porção de mortadela fatiada, tudo acompanhado com cachaça. Não só o papel higiênico era cor-de-rosa, os ovos também. Para o desafortunado que tivesse uma dor de barriga, aquele material mais parecia uma lixa em um banheiro nada limpo, o cheiro pútrido de urina fedia a dois metros no perímetro do pequeno cubículo. Havia ainda as péssimas canções de sertanejos com seu violão, cantando em timbres desafinados; justiça seja feita, nem todos eram ruins. As garrafas de pinga empoeiradas na prateleira da parede e as vasilhas de conserva de pimenta faziam parte da decoração rústica do ambiente, e sempre tinha uma aranha tecendo algo.

As mulheres com crianças enrabichadas embaixo de sua saia brigavam com seus maridos na porta do bar, mandando-os ir pra casa. Enquanto as mulheres

faziam suas fofocas sobre traição no salão de cabeleireiro, os homens ficavam na espreita; vez ou outra passava uma ninfa do outro lado da rua, o que rendia alguns comentários machistas como “Ah, se eu pego, eu quebro no meio”. Embora, muitas vezes, quem o dizia mal aguentava ficar em pé, corroído pela cachaça. Aquilo era um asilo de cornos, o local aos poucos ia consumindo sua vaidade, seus desejos de prosperar e de ver a família. Era uma espécie de limbo para os que ainda estavam supostamente vivos. Os cães se contentavam com as sobras que caíam do balcão, mas quem eram os verdadeiros sarnentos? Qualquer um com um carro popular e um pouco de cabeça no lugar botava banca de doutor ali.

E o que dizer do único homem considerado culto naquele recinto? Guilherme me falou sobre Seu Mário, homem que estava sempre pronto a iniciar uma filosofia de boteco. O franzino senhor, na casa dos 60 anos, frágil, com a pele enrugada que mais parecia uma folha de papel, era tão delicado que poderia ser facilmente rasgado como uma folha de sulfite pelo menor atrito. Isso me lembrou de consumir mais colágeno; iria reivindicar gelatina no cardápio do hotel. Ele já tinha em sua pele manchas negras, uma espécie de necrose precoce. O que me chamou atenção foi o livro em suas mãos, algo difícil de se encontrar por ali. As Aventuras de Sherlock Holmes; fiquei realmente admirado. O homem de fala mansa gostava de ficar sentado do lado de dentro do balcão, mesmo sendo um cliente, gostava de ajudar a servir, e de alguma forma dizer inconscientemente que não fazia parte daquilo, que pertencia a algo supostamente superior. Um pouco de conversa mostrou uma capacidade limitada em cultura, sempre com histórias repetidas, e não eram muitas. Vangloriava-se de ter lido mais de duzentos livros, quase todos voltados ao espiritismo. Agora entendia o caminho que o levou a conhecer Arthur Conan Doyle.

A chuva continuava forte lá fora. Estávamos confinados naquela espécie de limbo, amortecidos pela cana. Eu, no fundo, buscava em cada um a resolução do crime das jovens. Talvez uma desculpa torpe para tomar minha dose de esquecimento dos problemas pessoais, sabendo que eu era meu maior inimigo.

15

Guilherme partiu para fazer mais uma corrida clandestina, e eu fiquei para mais uma dose. Nada de Brasil, nenhum sinal de tráfico. Na certa eu tinha mudado os hábitos locais, embora os clientes não demonstrassem desconforto com a minha presença.

— Este lugar é como um buraco negro, traga tudo, inclusive a luz — disse Psíquico, às minhas costas.

— Está me seguindo, Psíquico? Lugares como este não deveriam ser frequentados por mestres espirituais.

— Não sou um mestre espiritual. Apenas um viajante à procura de respostas.

— Ahhh... Você não consegue dar uma resposta sem parecer profético. — Byrne deu uma pausa, olhou para o tempo. — Segundo o Zé Pretinho, essa chuva é obra dos cinzentos.

— Não os culpo. Foram muitas as experiências com ufos.

— Na maioria dos casos, os contatados tendem a ser pobres, incultos. Não acha estranha essa predileção dos antigos astronautas? Me parece um embuste.

— Me considera um homem inculto?

— De forma alguma. Não o conheço o suficiente para articular essa resposta.

— Eu já presenciei uma Dark-out. Uma escuridão inexplicável durante o dia, a causa não era um eclipse. Foi em Diamantina, durante um curto período de tempo. A escuridão era tão intensa que nenhum tipo de equipamento criado pelo homem poderia iluminar aquilo. Depois houve especulações, já estava ali investigando aparecimentos de óvnis, nesse caso em formato de charuto. Houve alguns desaparecimentos. Seria o resultado de uma metástase celeste? Uma nuvem cósmica teria pairado sobre nós? Entenda, David, já vi muitas coisas sobrenaturais para não dar atenção ao que eles dizem.

— Então também acha que as jovens entalhadas são obras de alienígenas?

— De forma alguma cogitaria algo assim. Já investigou o histórico de Samantha Muller?

— Tem apenas o pai dela. Antônio, mais conhecido como Nico, o criador de urubus.

Realmente os urubus eram criaturas muito presentes naquela cidade. Eles sempre sobrevoavam o ar em bandos. A primeira vez que os vi foi na floresta, quando bicavam o cadáver da jovem entalhada, sedentos por carniça. Soube por Guilherme que o pai de Samantha era excêntrico, tinha o hábito de alimentar os urubus duas vezes ao dia. Ele sempre buscava resto de gorduras e carnes nos açougues locais, vísceras e tripas sem utilidade. Colocava tudo em caixotes e levava para áreas específicas, sempre às dez da manhã e às quinze horas, onde os urubus já o aguardavam.

O bairro onde morava foi apelidado de Vale dos urubus, e o aumento significativo dos bichos foi atribuído às facilidades que esse homem fornecia a essas criaturas, visto por muitos como asquerosos e abomináveis. Igualmente o homem não era bem-visto no bairro, e seu comportamento antissocial não ajudava muito, além do fato de ter sido pai de uma puta, o que aumentava ainda mais o preconceito, fosse contra ele ou contra os urubus. Não foi difícil achar o senhor Nico, bastou seguir o rastro da carniça. Olhei para os céus e lá estavam eles, circulando à espreita de seu banquete. O Alfa Romeo encostou na encruzilhada com seu motor fumegante, o homem retirava caixas de plástico da carroceria, carregadas de restos de vísceras e sobras do açougue. As criaturas se aproximavam meio resabiadas, em seus característicos pulos, e logo fisingavam nacos daquela carne fétida. O homem fingiu me ignorar, já sabia do que se tratava. Aproximei-me da cerca e fiquei observando, como se tivesse um grande interesse em urubus.

— Você faz isso todo dia?

— Duas vezes ao dia — disse ao virar a última caixa com uma satisfação em seu semblante. — Você não come todo dia? Pois bem. Eles também.

— Um ato nobre.

— Muitos me chamam de louco. Os urubus de cabeça preta são limpos, ao contrário do que pensam. Eles se limpam todo tempo. E limpando as carcaças, eles previnem que muitas doenças se espalhem por aí. Veja. — Apontou para um deles. — Eles têm o pescoço nu para não se contaminar, a natureza é sábia. Eles aprenderam a sobreviver e se adaptar.

— Não acha que está causando um desequilíbrio os alimentando? O número desses bichos neste lugar é meio desproporcional, não acha?

— Eles não precisam de mim, faço porque gosto. Besteira esse negócio de desequilíbrio. Ouça, de dez a doze semanas eles já estão se alimentando sozinhos. São muito espertos, sabia que eles cagam na perna pra dar uma refrigerada. — O homem emituiu uma gargalhada misturada a um pigarro. — Se você chegar muito perto e eles se sentirem ameaçados, vão soltar um jato de vômito em você.

— Ah, isso eu sei. Na verdade eles regurgitam para ficarem mais leves e levantar voo mais rápido.

— Eles têm os pés chatos e o bico não ajuda nem um pouco, não sabem e não conseguem caçar. Muito diferente de um gavião. Esse da cabeça preta é o mais urbano de todas as espécies aqui no Brasil. Você pode morar em um prédio alto e mesmo assim receber a visita de um desses em sua sacada.

— Sei do que está falando. Já vivenciei isso. Quase me matou de susto. A criatura crocitava em minha sacada, parecia um mensageiro do inferno. Quanto tempo um desses vive, você sabe?

— Podem chegar a três décadas, se não me engano. Já vi alguns desses morrer, interessante. Sabia que eles não comem a carniça da própria espécie? Parecem ter algum instinto sobre a morte. Eles comem sementes e frutas também. Minha filha detestava esse meu hábito. Sei que é sobre isso que quer falar, não é? Você é da polícia. Não é o primeiro que vem me interrogar.

— Eu me chamo David. Sei que já deve ter dito tudo o que lembrava, mas sempre pode ter algo mais. É com base nos detalhes que vamos pegar o calhorda que fez isso com Samantha.

Em meu inconsciente ficou o que o homem disse. Ela odiava os urubus. Não dava para sair da cabeça a imagem de Samantha sendo devorada por essas criaturas, e saber, por dedução, que a filha do homem teve o mesmo destino. Estaria o psicopata tendo o mesmo intuito dele? Alimentar os urubus, mas com humanos... Não conseguia imaginar um homem tratando de urubus sem ter um arsenal de mortos em sua casa. Imaginei Nico como um psicopata que matava, picotava as vítimas e depois as servia aos seus animais quase domesticados pela rotina alimentícia.

O homem arredio aceitou me levar à sua casa, ao lado de um galpão onde juntava suas tralhas e fazia seus rolos. Era o que chamavam de picareta, trambiqueiro e desonesto. Homem acostumado a fazer pequenos negócios, dono de um ferro velho derrubado. Com pouco tempo, notei ser o homem um acumulador, transformando sua coleção em uma espécie de negócio pouco rentável.

A sua esposa tinha uma submissão aparente, um excesso de peso corporal e certa deformidade nos braços, que possuía muitas pelancas. A mulher parecia ruminar algo, tinha um olhar arregalado e assustado, e um caminhar vagaroso, aparentando ter mais idade do que realmente tinha.

— Essa é minha patroa, Olindina — sussurrou próximo ao meu ouvido. — Ela tem Parkinson e osteoporose. Ficou meio baleada com a morte de Samantha.

Havia ainda um rapaz na casa dos quarenta anos, mais parecia um adolescente de quatorze. Tinha atraso mental. O rapaz era dócil e sorria na mesma proporção que se coçava. Usava a camiseta enfiada dentro do short. Possuía várias feridas na perna e nos braços. Furúnculos ou algum tipo de alergia, não sabia dizer ao certo. Era estranho ver um garoto de cabelos brancos.

— Samantha deixou alguns pertences enquanto morava aqui? — perguntei ao patriarca.

— Uma caixa de fotos, algumas roupas... Minha filha nunca se deu muito bem comigo. Sempre foi ingrata com a comida que a alimentava. Por isso gosto daquelas criaturinhas, elas sempre estão gratas. Samantha é minha filha, mas não a via há alguns anos. Ela simplesmente nos abandonou, em busca de uma vida melhor. Tinha vergonha dos pais da roça e do irmão com deficiência. Veja bem, o que será dele após a minha morte e de minha esposa? Já somos velhos, ela deveria prosseguir, e na certa não o faria. E agora tudo acabou de vez mesmo com a morte dela. Seguiu o caminho errado, conheceu gente perigosa.

— Na prostituição?

— Na Casa de Vênus. Quando me encontrava, ela cruzava a rua, se negava a conversar comigo. Depois não sei o que fedeu, ela foi expulsa ou saiu de lá e começou a fazer programas particulares, sem o intermédio de uma cafetina. Só Deus sabe com que tipo de gente andou metida.

Revirei uns pertences dela sem sucesso e me despedi de seus familiares.

16

Retornei ao hotel, seus proprietários estavam na recepção. O velho de nome Astro era um comediante nato, tinha as pernas tortas, era calvo, com um bigode saliente e um pouco de cabelo grisalho nas laterais. O velho tinha toda a tarde para elaborar suas piadas, as quais eu nem sempre estava com bom humor para compactuar do clima amistoso. Astro nunca desperdiçava um espirro, sempre tinha que estar em público, e se lançava contra a parede cada vez que espirrava, em uma atuação teatral, como se o poderoso espirro o tivesse impulsionado contra a parede. Depois fazia cara de paisagem. Outras vezes recitava uma palavra junto ao espirro, como “Whisky”, “Repscholsen”, ou simplesmente “lixo”.

A sua esposa, Dona Lurdinha, era um espírito oposto ao dele, andava desgrenhada, tinha uma certa maldade no olhar e gostava de um bom fuxico. A fofoqueira estava no lugar certo, o hotel fornecia a ela todo o tipo de informações e combustível para movimentar seu dia. A pele enrugada de Lurdinha fazia parecer ter mais que sessenta e cinco anos. Ostentava um colar brega em seu pescoço. Como distração, ou preenchia um caça-palavras e cruzadinhas, ou estava jogando um velho Nintendo em uma televisão de tubo na recepção. Nunca tinha visto uma senhora que gostasse de jogar videogame.

Apesar do pouco luxo, privada com corda, chuveiro que mal aquecia, móveis simples e copos empoeirados, a vista para a mata fazia valer a pena. Tomei um chá observando a copa das árvores a farfalhar à minha frente. Precisava me acalmar e ir dormir. Aos poucos fui ficando absorto em meus pensamentos. O laudo dos legistas não trouxe informações relevantes ao caso. Tinha de fazer visitas ao centro ufológico e fazer contato com os familiares de Tina Leticia.

O simbolismo da vida nova era evidente na obra do psicopata. Não podia deixar de lado a inscrição talhada no pé das vítimas. Galateia. A estátua criada por Pigmaleão, escultor lendário de Chipre. Um homem que odiava e repudiava as mulheres, e se enamorou de tal forma de sua criação. Ele dava a ela os melhores presentes, e sempre a apalpava para se certificar de que estava viva. Um presente de Afrodite a ele.

Encontrei-me com Renato Sbortel, e ele cruzou a rua. Não havia nada que corroborasse sua prisão. Ele mantinha a sua vida, com a mochila nas costas. Encaminhei-me à Delegacia, onde havia parte dos familiares de Tina Leticia. A mãe Benedita e a irmã Amanda. Cumprimentei-as, tomei um café e fiz uma contagem mental. A morte é um assunto difícil de se lidar, ainda mais quando se trata dos parentes das vítimas. Falei sobre alguns assuntos irrelevantes, depois dei meus pêsames aos familiares. Quando senti o terreno fértil, passei a ser mais incisivo em minhas indagações:

— Ela tinha algum namorado ciumento? Algum desafeto? — Sabia que aquela pergunta seria como chover no molhado, nada indicava um crime passional, mas como estava perdido, jogava todas as fichas na mesa.

— Não que eu saiba — respondeu Amanda. — Minha irmã era muito discreta com sua vida pessoal, sabia separar sua arte e sua intimidade. Estamos chocados com tudo o que aconteceu. Espero que encontrem o culpado por essa atrocidade. Interrompeu uma vida de sucesso.

Via-me envolto em uma teia de aranha. Minha mente, estava nebulosa feito o tempo que se fechava. Fui embora da Delegacia sem novas informações. Naquela noite tive um pesadelo. Um longo pergaminho se encontrava à minha frente, sabia que teria de replicar o que já estava escrito por várias vezes. Galateia. Escrevia sem parar até o lápis se tornar um pequeno pedaço e se quebrar; eu desesperadamente buscava outros pedaços de lápis ou carvão, e meu braço doía. A folha caía ao chão e se estendia em sua metragem, o suor escorria em longas gotas, minha mente estava turbulenta. Tinha ouvido histórias naquele bar, muitas histórias.

Via Cícero sorrindo com seus dentes podres, Pia me olhando com seu olhar morto, na escuridão da noite, fazia um truque com palito de fósforo aceso, preso em seu dente, virado para dentro, iluminando as suas bochechas, Piteco rindo feito um bobo e com seus olhos brilhantes e Biro Biro vomitando na sarjeta. Zé Pretinho enfiava a mão em sua cirurgia no peito e rasgava a sua pele, retirando o coração ainda pulsante, jorrando sangue por todos os lados. Muitas falas permeavam de todos os lados, e um clarão de luz iluminou aquele buraco escuro e fedido. Seu Mario lançava os livros contra o clarão buscando se defender, João Barranco emitia sons como se fosse um porco tomando uma facada no peito, sendo sacrificado.

De repente fui projetado ao puteiro. Em meio a um bacanal estavam as duas vítimas, e elas penetravam um homem com raízes que saíam de seus corpos; misturadas a sêmen, suor e fezes, elas deslizavam sobre os corpos desnudos, havia demônios contorcendo-se, e um deles abriu as pernas de Samantha. Esse demônio eu conhecia bem, era Madame Vênus, a dona do bordel. Sim, várias vezes seu

nome fora citado naquele bar, ela não só agenciava as putas, como também era parteira e conhecida por fazer abortos clandestinos na cidade. Acordei e jorrei vômito ao meu lado, em uma vertigem. Já sabia instintivamente quem procurar ao amanhecer.

Madame Vênus.

Algumas das jovens moravam no bordel. De dia, a casa de Vênus tinha suas atividades rotineiras de uma casa comum, embora sempre tivesse algumas garotas disponíveis para os homens casados, que não dispunham da noite e se entregavam às volúpias, amenizando o calor do dia com um ventilador constantemente ligado, onde as portas fechadas produziam o escuro, paralelo à claridade do lado de fora.

Vênus, durante o dia, não usava sua maquiagem carregada e suas vestimentas excêntricas, bem como seus espartilhos apertando os seios grandes. Em uma sacada, algumas garotas penduravam suas roupas. A senhora me chamou para entrar, sabia quem eu era.

— Qual a origem de seu nome de guerra? Foi inspirado em Afrodite? — perguntei. - Afinal, Vênus é a deusa do amor, bem apropriado para o local.

— Na verdade, vi um documentário chamado “Paris Is Burning”, tinha uma personagem com esse nome, Vênus Extravaganza, uma jovem transsexual que foi assassinada antes mesmo de finalizarem o filme. Ela era pequena e feminina, e aquilo ficou na minha cabeça. — Fez uma pausa. — Embora eu não seja pequena e feminina. — Abanou o leque. — Deseja alguma garota?

— No momento apenas desejo a verdade. Conte-me tudo o que sabe sobre Samantha Muller.

— Samantha sempre foi uma garota problemática. Já faz dois anos que ela partiu de nossa casa. No lugar dela indicou uma amiga, que a substituiu. Acabou sendo bom, carne nova sempre atrai os clientes.

— E quem é essa amiga?

— Verônica La Paz! Isso não é uma grande surpresa. Sei que a conhece a fundo.

— É uma surpresa sim. O que sabe sobre o passado de Verônica?

— Ela trabalhava para João das Estrelas. Ficou lá durante anos. Dizem que ela era amante dele. Dizem que tudo saiu dos trilhos quando o médium começou a querer molestar a filha dela, na época a garota tinha uns quinze para

dezesesseis anos. Foi o que a motivou a sair de lá. Soube que durante uns meses ela passou necessidade, mas isso não a inocentou do que o médium a considerava. Uma ladra.

— Me explique isso!

— Segundo ele, uma quantia significativa de dinheiro sumiu de seu cofre. Algo entre seiscentos mil e um milhão de reais. Ele sempre a culpou disso, e sempre a ameaçou.

— Por isso o ataque na praça. Se não fosse por Psíquico, ela provavelmente estaria morta. E Samantha? Fale mais sobre ela. Por que ela deixou a sua casa?

— Bem. Quando acolhi Verônica, Samantha deu desculpas estapafúrdias, mas aos poucos soube parte da verdade. Ela se tornou uma “Sugar baby”, passou a ter um único cliente e deixou de se denominar garota de programa. — A senhora passou a cochichar ao meu ouvido: — Mas é a mesma coisa. A diferença é que esse cliente tem que ser um cara com grana, e promover uma espécie de troca, como se fossem namorados há mais tempo... Sabe... mais afeto entre eles. Logo esse pretenso namorado lhe deu uma casa para morar com a filha. Mas não me pergunte quem é.

— Certeza que não sabe? Veja bem, minha senhora, sei que seu puteiro serve também para fazer aborto clandestino. Se me contar toda a história, é provável que não venha a te prender por essas atividades ilícitas. Puxei seu histórico, teve algumas baixas não é? Não só por isso, como por casos em que aplicou silicone industrial em pessoas que não sobreviveram a isso. Tenho tudo detalhado aqui. Agora, desembucha!

— Ok. Elder Scariott era seu cliente.

— O Presidente da Mineradora Alpes!?

— Exato!

— Ela tinha algum inimigo?

— Não. Bem, somente um de seus clientes ficou alucinado na época. O artista, Renato Sbortel. Ele era apaixonado por ela. Depois largou mão.

— Então sua única forma de renda era Scariott.

— De forma alguma. Ela era uma “CamGirl”, vendia sexo online. Embora o pessoal da cidade desconhecesse essa faceta dela, nada fica oculto à

Madame Vênus. Ela era uma espécie de “Bruna Surfistinha”,. Atendia na internet pelo codinome “Cherry”.

Aquilo não podia ser coincidência. O assassino escolhia mulheres não somente com perfis parecidos, mas que tivessem apelo midiático, fosse uma youtuber ou uma camgirl. Ainda assim, não podia compreender as motivações reais dos crimes.

Aguardei a noite chegar, tinha marcado um encontro com Verônica. Ela quis que fosse em sua própria casa, pois Tiffany passaria a noite fora, na casa de uma amiga. Verônica estava animada. Tive vontade de não abordar o assunto indelicado de Vênus e me entregar ao prazer garantido e, desta vez, não pago. Mas não poderia deixar essa história de lado. Ela preparava um risoto enquanto sorvia um vinho de qualidade duvidosa.

— Fui à casa de Madame Vênus essa tarde.

— Ah, é? Sabia que não estaria lá nesse horário. — Tinha uma feição de ciúmes na face. — Foi pegar outra garota lá?

— Fui interrogar Vênus, queria ter mais informações sobre Samantha.

Verônica demonstrou um desconforto e nervosismo, derrubando um copo no chão e o quebrando. Começou a juntar os cacos no chão.

— Vênus só quer nos explorar, não sabe nada de nossas vidas. Eu vou sair daquela casa, na verdade vou sair dessa maldita cidade!

— Não enquanto estiver rolando as investigações.

Ela terminou de juntar os cacos no chão e os jogou em uma lixeira próxima.

— Eu sou uma suspeita, David?

— Com certeza — disse enquanto terminava de bebericar o vinho que eu mesmo tinha me servido — Era próxima de Samantha, uma das vítimas. Sabia que ela tinha se tornado uma “CamGirl” e uma “Sugar Baby”?

— Samantha sempre foi ligeira. — Sua face tinha um tom avermelhado, me perguntei se seria de nervosismo, ou o vinho já tinha a alterado. — Ela realmente sabia se virar. Era a favorita de alguns clientes, não se importava de usar preservativo para se proteger de doenças, beijava qualquer um na boca, praticava beijo grego, golden shower e tudo o que fosse preciso. Enrabava uns caras com pênis de borracha, ou simplesmente metia o dedo nos grandalhões casados, que choravam feito menininhas. Independente se era bonito ou feio, ela era uma

profissional, e às vezes não estava completamente em si, entende? Gostava de beber e de dar uns tiros.

— Ela também era uma cliente de Brasil? O sumido.

— E quem mais poderia lhe fornecer drogas nesta maldita cidade?

Havia encontrado outro ponto em comum entre Samantha e Tina Leticia.

— E você realmente roubou João das Estrelas?

Não obtive resposta. Virei-me em direção à pequena mesa de centro, entornei o resto da garrafa na taça, e mantive minha cabeça baixa para isso. Quando me dei conta, Verônica vinha correndo em minha direção com uma faca na mão. Meu reflexo rápido apenas me permitiu lançar a garrafa na direção dela, recuar e pegar uma almofada para me defender de ser perfurado feito um cabrito.

Ela não estava blefando; ruborizada de raiva, enterrou a faca na almofada. Rendi a meretriz e ela começou a chorar, descompassada. Ela era mesmo desequilibrada, já havia notado há algum tempo, mas tinha interpretado mal o nível de loucura e risco ao qual estava submetido. Ali, todo código moral havia se perdido: algemei ela. Aos poucos ela foi se recompondo. Sentei-me na beira da cama e acendi um cigarro, tentando manter um pouco de sanidade por conta do que tinha ocorrido.

— Ainda não estou compreendendo o que aconteceu.

— Eu não queria fazer isto, não ia realmente te furar. Estou desesperada.

— Você tentou me matar, vou ter que te prender.

— Não. Eu conto tudo o que sei.

— O que está tentando ocultar, Verônica?

Ela baixou a cabeça para tomar um ar, depois a meneou, estava pronta para falar:

— Fui assistente de João das Estrelas por muitos anos. Comecei a participar das atividades e ele me acolheu. Mas com o tempo ele foi me enredando, me ameaçando de morte, a mim e a minha filha se caso não fizesse tudo o que ele pedia. Comecei a agenciar garotas para ele e manipular a venda das crianças para os gringos que participavam de suas sessões. Samantha era minha amiga, sabia de todos esses crimes e foi a primeira a incentivar para que me libertasse de seu domínio. Mas a verdade é que nunca fui liberta, David. Ele me ameaça e me obriga a fazer coisas.

— Ele te mandou se aproximar de mim após o programa no bordel?

— Ele me ameaçou de morte caso continuasse te encontrando. Depois mudou de ideia, queria tirar informações.

— E então ele matou Samantha por saber demais...

— Isso eu não sei. Realmente. — Começou a chorar novamente e limpou as lágrimas com as costas da mão esquerda.

— E Tina Leticia. Qual o vínculo?

— Eu não sei. Não sei nada sobre ela.

— E Brasil? Onde o encontro?

— Eu não faço ideia.

— Você não parece saber muito. Desse jeito não vai dar para te aliviar. Você vai mesmo em cana!

— Pode me prender. Mas preciso que me ajude a encontrar minha filha.

— Onde está Tiffany?

— Está em poder de João das Estrelas. Ele quer a sua cabeça e a de Psíquico em troca.

— Mas que porra de mãe é você que permitiu que a sua filha corresse esse perigo. Eu poderia defendê-la.

— Não conhece o poder que esse homem tem. O Delegado Duke conhece e sabe o seu lugar. Você corre mais perigo do que imagina. Ele é um coronel por essas bandas.

As atitudes de Verônica, como tentar assassinar um agente federal, desmontaram por completo qualquer justificativa moral que tivesse para ser mãe. Era uma péssima influência e talvez tivesse algum tipo de transtorno mental. Como poderia construir tal teatro ao me receber, estando pactuada com aquele mestre espírita embusteiro?

Transtornada, Verônica se pôs a chorar, a última tentativa de convencimento dos canalhas. Qualquer resquício de atração física que poderia ter por essa moça transformou-se em asco e, das suas pálpebras, que agora escorriam rímel, por mim poderia ser sangue. Num tom raivoso e hostil, voltou-se contra mim.

— Eu sei o que tu quer, policial. Você deseja minha filha como mulher. Sei desde que olhou pra ela pela primeira vez, fingindo preocupação para ocultar seu lado sombrio.

Não queria estender a conversa com esta criatura medíocre, e fiz uma tentativa de manter um tom coloquial e racional em tudo isso.

— Escute, Verônica. Diga qualquer pista de onde ela possa estar... Isto reduzirá o agravante contra você, e se eu estiver de bom humor, permito que fuja do município e refaça sua vida sem os constrangimentos que a ilegalidade traz.

— Com certeza está nas dependências da casa de João. Mas se tentar invadir o local, ela morre.

— Está tentando mudar meu foco. Vou invadir sim. E resgatá-la. Acredita que ela está mesmo em poder do médium?

— Tenho certeza disso. Ele está me acuando.

— Ele ordenou que me matasse?

— Não com essas palavras. Ordenou que barrasse suas investigações na cidade.

— Vou atrás de sua filha.

— David, não faz ideia do poder desse homem. Ele vai te matar! Se não conseguir, vai matar minha filha por retaliação.

João das Estrelas tinha motivos para matar Samantha Muller, já que a mesma incentivou Verônica La Paz a partir de seus domínios. Fora a acusação de agressão e provável sequestro de Tiffany. Havia também inúmeras acusações de assédio sexual e tráfico de bebês. Isso valia uma prisão preventiva contra o charlatão. Algumas informações básicas de investigação que obtive poderiam ter sido facilmente levantadas pelo Delegado Duke e sua equipe. Perguntei-me qual seria o nível de falta de empenho e profissionalismo dos policiais locais, ou se teria Duke sido negligente com o caso em algum fator corruptível. Dessa forma, eu seria apenas um brinquedo para demonstrar algum falso empenho da polícia em solucionar o caso. Eu era certamente um lobo solitário, e as revelações do caso me afastavam ainda mais do grupo. A cidade tinha suas próprias leis, regidas muitas vezes pelos coronéis existentes.

Com uma intimação em mãos, a força policial fez uma varredura na casa de João das Estrelas. Encontraram várias armas e duzentos mil reais em dinheiro, tudo entocado em um porão com fundo falso dentro de um guarda-roupa. Não encontramos Tiffany, muito menos algum indício que o comprometesse quanto ao tráfico de bebês e os casos de assédio e estupro no templo. Fui o primeiro a entrar de forma discreta no espaço lotado de fiéis, buscando uma cura para enfermidades. O homem, com propriedade, mandava as pessoas interromperem seus tratamentos médicos, ou morreriam. Fiava-se no poder dos homens das estrelas e em passes e elixires milagrosos que ele mesmo confeccionava, tão caros quanto mágicos.

As pessoas, sofridas por suas enfermidades, não pensavam duas vezes antes de esvaziar suas carteiras em prol do benefício, bem como confiavam cegamente no homem; em sua maioria, eram mulheres que aceitavam fechar os olhos em uma sala confinada, e acabavam molestadas com a desculpa de um toque milagroso vindo das galáxias. Eu sabia: com a prisão do charlatão, as acusações começariam a aparecer. Os seus jagunços já me olhavam com o rabo dos olhos, esperando a primeira oportunidade para me expulsar daquele local. O homem dizia na palestra:

— A Terra é uma colônia, o homem como ser híbrido não passa de um cruzamento dos hominídeos com os antigos astronautas. Essa sociedade foi preparada por eles. O método de comunicação geralmente é telepático.

Extraterrestres infectaram a nossa Terra com vida. Em breve virão grandes Darkouts. Essa escuridão já foi descrita na Bíblia, em Êxodos 10:21-23. Foi uma das pragas sofridas pelos egípcios. Novamente ela vai durar três dias. Estejam preparados! Será preciso saber diferenciar os astronautas com boas intenções dos manodins, que são maus, mentirosos. Sua única finalidade será prejudicar os homens.

Fez uma pausa para notar o quanto estavam concentrados nele.

— Acreditem, meus queridos. A cura de vocês não é um milagre, é apenas um acontecimento que ainda não compreendem, o qual tive a luz do conhecimento em minha abdução. Deus não é sobrenatural, e sim tecnológico, e através da tecnologia é um imortal. E não importa se Deus criou a natureza, ou se foi ao contrário. Não importa! Se vocês ainda não os sentem, saibam, os animais já têm esse dom. Cada vez mais frequente, seus cães irão ladrar para os céus, para o horizonte vazio, e vocês saberão que eles estão à espreita. Eles visitam a Terra há séculos, milênios, e a Terra só foi poupada de uma invasão devido a um tratado galáctico, que logo irá findar-se.

O homem acariciava a face das mulheres, que o ouviam com certa devoção.

— A nossa meta, no entanto, meus irmãos, é atingir as estrelas e disseminar a nossa civilização nas galáxias. A exobiologia nos ajuda a entender cada vez mais. Alguns desses ufos, é verdade, não passavam de hologramas irradiados para a Terra de pontos no espaço, diferente da visita deles na idade de ouro. Ah, sim... Isso permitiu que deixássemos de ser simples macacos. —Ele mesmo riu de sua piada ruim. — Não confundam ilusão com alucinação, ou mesmo com o que é real. E lembrem-se, seremos imortais, a imortalidade tecnológica. Em breve chegaremos nisso.

Tinha que admitir: suas asneiras, muito parecidas com as ideias do Senhor Psíquico, eram um espetáculo mais interessante que as chatas missas católicas que frequentei na adolescência. Começava a entender por que as pessoas iam ouvir esse idiota. Permiti que falasse mais que o necessário, talvez por enfado dessa situação. Diferente de Psíquico, era um canalha do tipo perigoso e que claramente não crê naquilo que prega. Seu olhar se desviava do interlocutor, seus dedos gesticulavam de forma impulsiva e sua voz adquiria um compasso monocórdico, algo próprio daqueles que decoram textos. Talvez os mais fragilizados mentalmente tirassem isso como uma experiência divina — falar aleatoriamente besteiras sem nexos com a realidade. Eu chamava isso de charlatanismo.

Então, num impulso, invadi o centro do palco e das atenções, afrontando o homem, que me olhava perplexo.

— Se você será imortal, terá bastante tempo para ver o Sol nascer quadrado, João de Arrais — disse em tom de ameaça. — Você está sendo acusado de tráfico de crianças e agressão. Há outras acusações contra o senhor, que serão investigadas a seu tempo. Queira me acompanhar até a delegacia para maiores esclarecimentos, onde poderá usufruir dos serviços de um advogado.

— Está me prendendo, senhor policial. Espero que tenha provas, ou vai ficar feio pra você — falou sem esconder o sorriso.

— Neste primeiro momento, será conduzido apenas para maiores esclarecimentos.

Claramente o médium estava me testando e, ao mesmo tempo, os limites da lei. Continuei impassível até a próxima pergunta.

— Tem mandato para me levar? Se não tem, isso é uma coação imoral feita a uma pessoa de idade, e poderá ser responsabilizado judicialmente.

Seu discurso se resumia a um amontoado de clichês paranoicos. Agora o homem queria me dar lições de legalidade; de louco não tinha nada.

— É um direito seu não me acompanhar e não produzir provas contra si mesmo, mas um indivíduo com pretensões à pureza e santidade não deveria ter receio das mediócras e errôneas leis humanas.

— E as algemas? — Estendeu os braços. — Realmente precisa disso? I

Eu obviamente não o algemei, ou seria processado, como previa a lei de abuso de autoridade no país. Uma provocação que não aceitaria.

— Apenas me acompanhe sem qualquer encenação, não se faça de garotinho, sem intenção de me prejudicar perante os superiores e ao mesmo tempo se martirizar perante a opinião pública. Não sou marionete para ser manipulado.

Senti que o velho ficou contrariado. Pessoas como ele imploravam por suplício e isto era uma forma de reafirmação de sua imagem. Se tudo corresse nos autos com normalidade, ele perderia sua narrativa. Para que a lei se cumprisse, seria necessário haver brechas para não ter riscos de que uma ditadura fosse instaurada da mesma forma que permitia liberdade de culto, dando margem para que larápios usufruíssem de todas as benesses possíveis, livres de impostos.

O restante da polícia entrou no recinto. Duke se manteve no canto da parede, esperando não ser notado. Fiquei no recinto para checar se encontrava alguma

prova ou indício da presença de Tiffany. Enquanto isso, uma viatura levava o médium à delegacia.

Cerca de quinze minutos depois, soube que a viatura fora interceptada: os dois policiais foram abatidos, João das Estrelas fora pipocado, sem chance de sobrevivência...

20

Fiz uma visita à Empresa Alpes e confrontei Elder Scariott. O homem, como sempre, demonstrava sua superioridade, alimentando os peixes do aquário sem dar muita importância à minha presença. Queria saber sobre o seu envolvimento com Samantha Muller, a primeira vítima, morta e entalhada no bosque.

— Se tivesse que responder por todas as mulheres com as quais eu transei, estaria perdido. Se não notou, tenho um charme natural para isso. Elas simplesmente não resistem. Não preciso pagar para ter mulheres, David Byrne. Sou um cara casado, mas às vezes preciso diversificar. — O homem colocou um whisky e gelo no copo, olhava para a barragem de sua vista espelhada privilegiada, do alto da montanha.

— Entendo. Era somente troca de favores. Chame como quiser.

— Sexo casual, e dava a ela o luxo que gostava. A namorada perfeita e, ainda por cima, satisfeita, não ferraria com meu casamento. A minha mulher faz a parte dela, vista grossa, e também é tratada como uma rainha. Entenda, David, o que você ganha em toda uma vida, eu levanto em um dia de trabalho. Não quero te desmerecer, apenas lhe mostrar o quanto preciso ser precavido.

Era a segunda vez que desmerecia meu trabalho. Pelo bem da investigação, não iria reagir à altura e, no momento certo, retribuiria dentro da lei, farejando que esse sujeito era mais sujo que a barragem de rejeitos que gerenciava.

— Sabe se ela estava envolvida com mais alguém?

— Não sei nada sobre isso. Apenas que era uma camgirl. Não seria melhor rastrear os seus contatos ao invés de me perguntar isso? Agora, se já terminamos, tenho uma reunião de negócios.

— É no mínimo suspeito. As duas vítimas estão interligadas à empresa Alpes. Mais precisamente ligadas a você. A primeira era a sua amante, e a segunda foi contratada por você para uma estratégia furada de marketing. Só peço que não viaje ao exterior nos próximos dias, senhor Elder Scariott.

Deixei a sede e percorri o estacionamento, onde todos os carros eram estacionados de ré, devido ao risco, tinham que estar preparados para uma possível

fuga de emergência. Passei por várias sinalizações de pontos de encontro e observei as inúmeras sirenes de alerta pela mineradora, e as birutas que sinalizavam a direção do vento.

Voltei ao hotel. Dona Lurdinha estava com um calendário nas mãos, algo sobre cortar o cabelo aquele dia, seguindo o ciclo lunar, para o cabelo crescer mais depressa. Não vi nenhuma importância naquilo. Esperava um telefonema de Duke com alguma novidade sobre o desaparecimento do médium. Acendi o meu cigarro e fiquei divagando, vendo o mesmo se consumir pelo fogo e a fumaça ganhar forma. De frente, havia a vista da copa de uma árvore; imagens da garota morta entalhada vieram à minha mente, era inevitável.

— Hoje é lua cheia? — perguntei.

— Sim — disse a mulher, empolgada. — Meu cabelo está fino, e cortar na lua cheia vai dar mais volume a ele.

— Pelo visto a senhora também é mística.

A morte das outras duas jovens havia ocorrido em uma lua cheia, achei que seria prudente uma inspeção na floresta. Estava disposto a convocar uma tropa e adentrar a mata, acampar por lá durante a noite. No entanto, fui convocado à Delegacia.

Duke estava visivelmente irritado.

— Qual o problema, Duke?

— Venha até minha sala.

Pelo ar da conversa, já imaginava não ser nada bom. Teriam encontrado outra vítima? Duke sentou-se em sua cadeira e não achava jeito para falar o que queria.

— Vamos, homem. Deixe de rodeios. Qual o problema?

— David — o delegado fez uma pausa, disfarçada com um pigarro —, não precisamos mais de seu serviço. Agradecemos sua percepção forense, mas podemos tocar daqui em diante.

— Ainda não solucionamos o caso. Qual o problema?

— Ficar esvaziando garrafa de pinga em um boteco não é propriamente algo digno de alguém de sua patente. Ou está no puteiro ou no boteco.

— Ou na igreja. Só quero conhecer os habitantes locais e possíveis suspeitos. Será esse mesmo o problema? Qual o seu envolvimento com o finado João das Estrelas? Ou será Elder Scariott, que ficou irritado com a minha visita...

— Entenda, David, você veio aqui para investigar a morte das garotas, e está interferindo em outras áreas. A família Scariott movimenta a economia local, todo núcleo neste vilarejo tem ao menos um membro trabalhando na mineradora. Igualmente importante era a função de João das Estrelas, ele atraía o turismo local, movimentava as pousadas e chamava atenção dos gringos. E agora, a morte misteriosa dele e assassinato de nossos homens está sendo um escândalo na mídia.

— E qual é a minha culpa nisso? Ele estava envolvido com tráfico de bebês e molestava mulheres. Tinha muitos inimigos.

— Essas são as afirmações de Verônica, não é? Acredita nas palavras de uma puta? Está apaixonado por ela? Sua presença aqui só está piorando as coisas.

— Não se trata disso. Foram apreendidas armas clandestinas na casa do homem. Temos provas do envolvimento dele, talvez em milícias ou no crime organizado. Por isso ele está morto.

— Ouça, David. Se estou te mandando embora pra casa, é justamente por sua segurança. Não temos aparato suficiente para te proteger aqui. Não sabe com que forças está lidando. Era para investigar o caso das garotas.

— O que posso fazer, se de forma indireta se ligam a elas?

— Mas é óbvio. Todos nos conhecemos, é uma cidade pequena, se buscar pelo em ovo...

— Tudo bem, Duke. Estou partindo.

— Entenda. Essas pessoas precisam do seu emprego, vão viver do quê? Você vai sustentá-las? Vai protegê-las?

— A filha de Verônica está desaparecida há 72 horas. Já pensou em montar um grupo e procurá-la?

— Vou mandar duas patrulhas para fazer escoltas. Talvez esteja na casa de algum namorado.

— Ok. Vou partir pela manhã. Hoje é noite de lua cheia. Ia sugerir que fizessem ronda na floresta. O psicopata pode voltar a atacar.

21

Retornei ao hotel e arrumei a minha mala. Pitei um cigarro. Titubeei se devia fazer o que meu coração mandava. Antes de ir embora, ia adentrar a mata. Identificava-me com a solidão, remetia de certa forma à tristeza. Sempre fui triste; comparado às pessoas que riam à toa por qualquer motivo, isso era realmente uma dádiva.

A melancolia se agravou com o passar dos anos. O lado positivo da vida foi se ofuscando a cada situação, a cada facada e traição, bebericando um destilado em festas sociais na tentativa de tornar as situações e pessoas mais interessantes, e o cigarro era uma forma inconsciente de encurtar a minha caminhada. Inclusive, o ar já começava a parecer rarefeito para um fumante naquela caminhada que soava sem propósito na mata fechada. Exato, quando me dei conta, já caminhava naturalmente na floresta.

Para minha surpresa, me deparei com um homem de cabelos longos, de costas, olhando para a lua.

O homem virou-se. Senti meu coração se agitar, estava na adrenalina. Podia farejar o perigo da situação. Apontei a minha arma para aquela figura emblemática.

— Abaixa isso. — Elevou as mãos. — O que está fazendo na mata, David?

— Eu é que lhe pergunto. O que está fazendo na mata?

— O mesmo que você. Seguindo meus instintos. — Apontou para a lua.
— Hoje é noite de lua.

— Mãos para cima! Anda!

— Estou aqui para colaborar. — Psíquico baixou as mãos. — Talvez nós dois estejamos errados. Se tinha dúvidas, deveria estar com a sua equipe. Ou também não confia neles?

Nisso, um grito de dor ressoou naquela mata fechada. Esqueci Psíquico de lado e corri em direção à emissão sonora. Percorri alguns metros e me deparei com uma clareira, uma árvore central e um homem amarrado a ela.

— Por Cristo!

Patricia estava morta, sua barriga estava aberta em um rasgo, e as tripas se entrelaçavam em seu corpo, unificando as grossas raízes. A improvável terceira vítima. Apontei a arma em direção à cena bizarra. Ainda tinha dúvidas em relação a Psíquico. Talvez fosse ele o algoz. Ele obedeceu prontamente, e embora fora de sua melhor forma física, fez o melhor que pôde para ser rápido. A tarefa não seria assim tão fácil, a mulher tinha rasgos feitos de forma grosseira, pelo qual raízes grossas passavam e se intercalavam na árvore. Raízes grossas também tinham sido inseridas em suas pernas, com rombos circulares — nervos e raiz intercalados, plasmados pelo sangue. Havia uma incisão feita às pressas, a qual o assassino não teve tempo de finalizar como pretendia; uma poça de sangue havia se formado.

O senhor Psíquico se aproximou mais, e uma armadilha circular de lâminas dentadas armou-se em seu pé esquerdo, quase partindo o seu tornozelo, mas ainda o mantendo preso por alguns nervos e filamentos. O grito de dor espantou uma coruja à espreita na copa das árvores, no entorno. Olhando cautelosamente para o chão, me aproximei do homem, tentando livrá-lo da armadilha. Quando ela finalmente se abriu, eu tomei um chute no peito e fui lançado a uma certa distância. O pé de Psíquico foi dilacerado, libertando-o. Renato Sbertel me encarou com autoridade.

— David Byrne. Admiro seu senso de reflexão e raciocínio, uma qualidade rara encontrada em organismos vivos na Terra. Mas seria a autoconsciência um dom de Deus dado ao homem? — Pisou na minha face com sua bota cano longo. — Sua gênese é desconhecida. A minha busca pelo conhecimento e verdade me levou até o lacaio chamado João das Estrelas. — Retirou o pé e levantou a minha face, analisando meu ferimento no deslocamento direto acima de uma rocha. — Ele tentou me levar a crer que haveria outras formas de vida, em outros planetas, que eu teria uma comunicação telepática com um desses seres, e seria apanhado pelo brilho de um ufo, e sua incandescência... Eu teria uma compreensão repentina e me sentiria revigorado. — O homem me deu as costas e chutou o pé dilacerado de Psíquico de lado. — Eu precisava eliminar esse falso profeta! Ele dizia que haviam duas linhas de homens envolvidos na linha divina de Seth, e a segunda referia-se aos ímpios, descendentes de Caim. — Apontou para a repórter já morta. — Mas os filhos dos homens misturaram as linhagens. Adivinha, eu devo ser filho de Caim.

—Então, claramente você quer deixar uma mensagem. Que recado é esse? Ainda não compreendo. E, sinceramente, não acredito que abateu os policiais sozinho. Você tem algum cúmplice?

— Perguntas em excesso para um homem morto. Quer saber a verdade, David? Pois bem. Eu amava Samantha Muller, a maior motivação para ter entrado nesse esquema, a amo ainda, pois a alma é imortal. Mas ela estava presa a coisas mundanas e não pôde apreciar todo o meu amor. Insistia em se prostituir. Eu dei a ela um corretivo, é verdade, mas também a imortalizei. Assim como Pigmaleão, fiz dela a minha Galateia. A minha obra de arte. Desde o princípio, a ideia era esculpi-la viva, mas não me contive, no êxtase e acabei a esganando, o que foi uma pena. A dor poderia suavizar e purificar sua alma perturbada.

— E Tina Leticia? A amava também?

— Não sou artista de uma obra só. O sentinela me alertou. Quando matar uma vez, vai querer matar de novo. É um vício, David. E senti a compulsão aumentar, revivi em Tina a minha amada Samantha, e novamente a esganei antes de iniciar os trabalhos.

— Prazer sexual. Na maioria dos casos é o combustível para maníacos como você.

— Não vou negar. Excitação é o nome. Não posso dizer que senti o mesmo por essa crápula carniceira, por isso a mantive viva por um tempo, fiz de seus gritos, ao ser lacerada, a minha ereção. Mudei meu modo operante.

— E qual mensagem você pretende passar?

— Nem todas as perguntas devem ser respondidas. Não por mim.

— E a diferença de sete anos?

— Uma feliz coincidência.

Renato Sbortel aproximou-se com um pedaço de corda e me deu ordens:

— Levante-se!

Atendendo a ordem, levantei-me com dificuldade.

— Vire-se!

Segui o que me pedia. Obviamente ele não era bom em fazer nós. Antes que finalizasse o nó, eu o empurrei para trás com o corpo e, me virando, começamos a nos atracar pela mata. Ele era um homem forte e, a cada golpe desferido, eu perdia as minhas forças. Enquanto rolávamos pelo chão, ele começava a me enforcar. Com minhas últimas forças, consegui cair de lado, tirando-o de cima de mim, e desferi um chute em seu abdômen. Ele caiu com a cabeça em cima de outra armadilha de urso preparada por ele mesmo. O aparato se fechou de forma violenta, enterrando o metal na carne de seu pescoço e o engolfando no próprio

sangue. Observava o homem morrendo e cuspiendo sangue, com a face ocultada em parte pelos dentes afiados do instrumento.

— Elder Scariott teve alguma interação contigo?

O homem apenas sorriu satisfeito, mostrando seus dentes avermelhados, digno de quem cumpriu com maestria o seu papel. Voltou o olhar à sua última obra e morreu com os olhos abertos.

Foi quando um monstro veio se aproximando...

Certa vez ouvi a história de um homem, único sobrevivente de um acidente de avião, que morreu de infarto em sua cama seis meses depois. Como se o destino fosse inevitável. A morte é certa para todos nós, senão de uma forma, será de outra. O diferencial estava apenas no tempo. Ainda não tinha me recomposto. Psíquico, com o pé amputado, e em frangalhos, tinha um olhar de súplica.

Foi quando um monstro veio se aproximando...

Parecia uma avalanche, o estrondo era ensurdecedor, a terra tremia, as árvores chacoalhavam como se reverenciassem um deus. Alguns gritos desesperados vinham de um lugar distante. Se a sombra viesse dos céus, poderia achar se tratar de um disco voador, mas vinha da mata, derrubando tudo e com uma rapidez avassaladora. Um buraco negro, engolindo e engolfando tudo à sua frente. Psíquico estava certo sobre a sua visão e seu chamado. Tudo o que passamos era apenas uma distração para esse ato, que parecia ser o último. Na hora não compreendi o que era aquela força, as árvores caíam uma a uma em efeito dominó.

Meu instinto de sobrevivência me obrigou a largar Psíquico para trás. Sei que serei julgado eternamente por todos que ouvirem essa história, mas meu instinto falou mais alto: escalei uma árvore, contrariando meu medo extremo de altura, e então, o barro veio, pude sentir a raiz se deslocando da terra, tamanha era a força derrubando também essa árvore. Estava quase no topo e a queda foi vertiginosa. Possibilitou-me ficar por cima do novo solo cinzento de rejeitos químicos, somente então me dei conta, enquanto via a força descomunal seguir seu caminho adiante; a barragem da Mineradora Alpes havia estourado, deixando enterrado todo o passado e o presente.

O tronco no qual estava, de certa forma, conseguiu ficar acima da altura do barro. Renato Sbordel parecia mesmo uma escultura barrenta, morto, com a cabeça atarraxada na armadilha. O psicopata ficaria feliz com a sua última obra. Já Psíquico, com seu pé amputado, assim como muitas outras pessoas, ficou submerso no concreto de barro, sem chance de respirar. Eu não enxergava nada além da lama. Psíquico, ao contrário do psicopata, que foi lançado para cima, ficou no solo, foi provavelmente soterrado, obviamente. Já não importava mais a história das jovens

entalhadas, muito menos quem era o assassino, nem mesmo quem foi Psíquico. Tudo foi enterrado pelo barro. Não me julguem, não digam “dessa água não beberei”. Mesmo os que não têm o viço pela vida e se matam aos poucos, em uma situação extrema, instintivamente tentam sobreviver. Você não faria o mesmo?

Eu tinha barro em todo o meu corpo, minha calça estava pesada, tive de me desfazer de parte dela, a rasgando, me aproveitando dos inúmeros rasgos já existentes, transformei em um short em farrapos, mas todo o corpo era uma só unidade cinzenta, incluindo cabeça e cabelo, perfeito para se camuflar em meio ao ambiente, apenas o branco de meus olhos me denunciava. Chafurdava o barro feito um porco, e naquela situação era quase um animal, tinha o corpo dolorido, devia ter fraturado uma ou duas costelas, estava meio surdo, mas devia ser o excesso de barro adentrando por meu ouvido, bati e dei tapas na cabeça, estava desorientado. Aquilo parecia um outro universo e caminhar era muito dificultoso, afundava como se tivesse em uma areia movediça, andar de quatro era mais viável para distribuir o peso, me perguntava a extensão daquilo tudo. Quanto mais caminhava pelos rejeitos, mais afundava o meu pé naquele barro, e vez ou outra encontrava um ou outro cadáver pelo caminho — ou partes deles: um braço submerso ou a cabeça, uma delas tinha confundido com uma pedra, só notei quando a apalpei para seguir o meu caminho. E o mesmo acontecia com os animais. O verde deu lugar ao cinza, parecia um limbo. Aquela noite tinha festa no bar do Zé Pretinho, e eu sei que a casa estava cheia, e ninguém perderia esse encontro. O boteco fazia parte da rota do barro. Seu Mário, Piteco, Biro Biro, João Barranco, Cícero, Pia e tantos outros, finalmente encontraram o buraco negro. Devem ter sido engolidos enquanto cantarolavam junto a um sertanejo e bebericavam seu elixir sagrado. Toda a simplicidade daqueles homens foi enterrada, literalmente, com eles.

A hospedaria também teve o azar de estar no caminho da natureza, que apenas retomava o que era seu de direito. Astro deve ter feito a última piada, e dessa vez não foi o espirro que o projetou contra a parede; sua esposa sorumbática não deve ter sequer corrido enquanto o concreto terminava de soterrá-la. Não preciso dizer que a Mineradora e seus operários do período noturno também ficaram soterrados. Na certa, Scariott ficou do alto da colina, tomando seu Merlot, enquanto via os peões morrerem soterrados, assim como Nero cantarolava vislumbrando Roma queimar. Parte da delegacia também foi atingida.

Estava tão desorientado quanto um cão caído do caminhão da mudança, tentava me redefinir, descobrir meu papel naquele pandemônio. Não era mais o de um investigador. Eu agora só poderia ajudar a desenterrar alguém que porventura ainda estivesse vivo, ou mesmo morto, para dar alento ao desespero de todo vilarejo. Era surreal, tudo havia acabado, os vivos também estavam mortos, sem

esperanças ou forças para continuar. O caso das mulheres entalhadas às árvores estava solucionado, mas não havia felicidade ou satisfação. Não havia sequer interesse nisso no momento. Ninguém ao menos se lembrava dessa história. Pelo tanto de casas atingidas, sabia que o número de mortos seria extenso. As sirenes não foram acionadas em relação ao estouro da barragem, alegaram terem sido derrubadas pela avalanche, mas tudo soava como negligência. Não era acidente, era descaso.

Durante os quinze dias seguintes permaneci tentando ajudar as equipes de socorro e principalmente os familiares a resgatar os corpos; as estimativas apontavam aproximadamente duzentas pessoas. Em uma quinzena, 135 corpos foram encontrados, havia ainda cerca de 65 desaparecidos. Verônica La Paz estava entre eles. Foi quando liberaram o uso das máquinas, afinal não havia mais esperança de encontrar os sumidos com vida. Em alguns casos, apenas pedaços de pessoas eram encontrados, e os mesmos seguiam para análises, na tentativa de descobrir a identidade dos sujeitos. Tiffany apareceu com vida um dia após o desastre. O lar de João das Estrelas foi, em parte, destruído, e vários de seus capangas morreram. Ela alegou ter fugido pelo sótão da casa, ninguém questionou ou se importou com isso, afinal, tinham duas centenas de mortes para se preocupar.

Estava próximo de Tiffany quando o corpo de Verônica foi encontrado. A escavadeira partiu o corpo já putrefato ao meio. O que sobrou foi limpo e preparado para a necropsia. Foi identificada com rapidez, pela tatuagem. Do pó viestes, ao pó tornarias. Esperava que a filha tivesse um surto — a perda de uma mulher em pleno vigor físico é algo antinatural —, mas a sua reação foi difícil de interpretar. Um silêncio mórbido se apoderou daquela jovem, que não se permitia ser decifrada tão facilmente.

Eu entendia o que significava: nós morremos em vida, e cada pessoa que nos é tirada, tira um pouco de nossa luz. Eu fui assim com a morte de meus pais, muito antes do obscurecimento com os crimes. Uma mãe nunca deveria morrer, deveria estar sempre junto à sua cria. Neste caso, a morte era mais existencial que o comum. As pessoas perderam seu chão, suas terras e seu trabalho. Equipes de jornalistas de todo o mundo baixaram naquela cidade esquecida por Deus. Havia virado notícia internacional, um grande desastre ambiental devido aos rejeitos que faziam o rio morrer e ser contaminado, e se expandia para as cidades vizinhas. Mas até quando? Em pouco tempo, novas tragédias desviaram o foco do jornalismo e a lei seria branda com Elder Scariott. Prenderam apenas subordinados e engenheiros, como se ele não tivesse culpa no cartório, e mesmo assim, não puderam mantê-los presos por muito tempo. Uma eficiente equipe de advogados achou inúmeras

brechas para livrá-los da pena, e sempre havia um habeas corpus e pessoas do alto escalão, corruptíveis, para auxiliá-los.

Acompanhava pela televisão o escárnio daquele homem, que sabia estar acima da lei. Só pensava em cifras, e era muito mais barato pagar indenização para algumas famílias do que investir em infraestrutura de segurança. Ambos estavam na mesma fotografia, se regozijando das carcaças encontradas no aterro. O próprio Nico se tornou comida de seus “bichos de estimação”: morreu pela compressão do barro. Com o dorso pra cima, exposto, se tornou o alimento de sua cria, assim como sua filha. O Vale dos urubus nunca fez tanto sentido, e seu número extenso mostrava um grande desequilíbrio ambiental, mas mesmo eles sofriam, parecia o fim dos tempos. Quanto a João das Estrelas, nenhum homem cinzento veio salvá-lo do seu assassinato. Ao menos já estava morto, uma dor a menos. Diferente da morte pelas águas, a lama, que vinha como um concreto, não dava nenhuma chance de sobrevivência.

Fiz uma última visita à casa de Sbortel, que não foi atingida pelo lamaçal. Embora admitisse sua genialidade, não queria que sua ideologia se alastrasse, assim como aconteceu com o homem de Guaranhuns, que fazia bolinho com carne humana, e descreveu parte de suas loucuras em um livro maldito de poemas. Destruí sem pestanejar algumas de suas esculturas, menos a escultura da mulher entalhada na árvore; deixei-a intacta no canto do corredor, como se fosse um artefato maligno e indestrutível. Não era muito pesada, resolvi colocar aquilo na minha bolsa e levar embora.

Nunca imaginaria um desfecho desses para uma investigação. Eu sabia quem era o assassino, mas não mais importava, ele já estava morto e enterrado, bem como sua ideologia, que poderia influenciar novos lunáticos no futuro. Era melhor que permanecesse assim. Estávamos no enterro coletivo das pobres vítimas. Tiffany, com um Raiban, escondia seu olhar e sua alma, assistia de forma passiva sua mãe em um caixão barato fornecido por ajuda humanitária. Mostrou-se firme, nem mesmo uma lágrima caiu de seu rosto, mas sabia que estava sofrendo. Era uma jovem dura na queda, não daria sua lágrima aos espectadores, e não se deixava abater pelos sentimentos de pessoas que, em outra situação, apenas apontariam o dedo e a chamariam de filha da puta. Alguns ainda deviam dizer que isso era consequência das atitudes em vida de sua mãe, ignorando que, naquele monte, tinham religiosos fervorosos e pessoas dentro das normas que a sociedade exigia. No entanto, já havia aprendido há tempos a não se importar com o que as pessoas diziam a seu respeito — ao menos assim me parecia ser. E como muitos, ela não tinha para onde ir. Arrependi-me quase instantaneamente ao fazer o convite.

— Eu moro em São Paulo. Quer ficar no meu apartamento por uns tempos até tomar os prumos? Ao menos até que retome o norte de sua vida...

Ela apenas acenou com a cabeça, não tinha nem mesmo uma mala ou pertences. Seguimos para São Paulo.

TERCEIRA PARTE

Metrópole

Foi engraçado vê-la tomando seu café da manhã. O barulho de pessoas mastigando era algo que me incomodava, como se houvesse um alto-falante dentro da boca das pessoas; até mesmo isso era agradável na jovem. Uma criança adulterada pelos anos que sua pintura escondia. Ela estava longe de ser um anjo de inocência, poderia até mesmo ser a representação da serpente primal na terra. Usava roupas baratas e curtas, que lhe caíam bem. Seu cabelo multicolor acentuava sua jovialidade, o piercing no nariz afirmava sua rebeldia. Livre de julgamentos, do tipo que pede algo do seu prato e já pega antes de obter a resposta, capaz de dançar no centro de qualquer lugar. Do tipo que se joga em uma piscina, mesmo não tendo a roupa adequada para isso, não importa em se molhar ou se queimar, age para depois arcar com as consequências... impulsiva e pulsante. Embora já fosse maior de idade, me sentia seu tutor não legal, temporário. Tinha essa obrigação moral para com sua mãe. Tinha sido fracassado tantas vezes, que ao menos conseguisse salvar essa alma, sentia que ela precisava de mim, pois ela se desmontava entre quatro paredes, eu acariciava o seu cabelo, o que demonstrava um afeto quase paternal, poderia passar horas olhando para o seu rosto, era tudo tão perfeito, até mesmo suas imperfeições como um pequeno distanciamento dos dentes da frente era bonito de se ver.

O desastre que vivenciamos catapultou qualquer plano que estivesse em andamento, a roda parou de girar e expôs toda a ganância de empresas e autoridades em relação ao meio ambiente e à população local. Pensei não ser tão frio e oportunista quanto os que critiquei por usufruir de informações privilegiadas através de atos ilícitos, como abrigar uma órfã de maior em meus aposentos. Não devia misturar trabalho com minha vida pessoal. Se os fins justificam os meios, não serei poupado pelos populares. Certamente esperava-se de um investigador perito um pouco mais de profissionalismo. Um emprego bem renumerado carece de afinidade com o restante do funcionalismo da área criminal.

Solitário por opção, não tinha representatividade por parte de sindicatos, e era visto com desconfiança por meus colegas de profissão. Por isso, minha derrocada seria até mesmo aplaudida intimamente. Os trejeitos da jovem me faziam lembrar minha própria vida vinte anos atrás, quando apresentava um corpo austero feito aço

forjado. Em contraponto com a beleza da ninfa, que deitara no sofá em posição fetal, seu desequilíbrio lembrava a personagem Arlequina, enquanto chupava um pirulito e manuseava seu celular, por ser quase uma extensão de seu corpo, foi salvo do desastre.

Apesar de ter sua pele branca e leitosa igual sua mãe, tinha pouca relação com ela, que possuía uma aparência doentia, para sua infelicidade, parecia carregar os genes da pilantragem em seu DNA. Quanto a isso não havia remédio. Ela era alta e magra, e os ossos do seu quadril ficavam em evidencia, principalmente quando se deitava, gostava de mulheres magras, era o encaixe perfeito na cópula sexual.

— Huumm... Já acordado, papi.

O cinismo em sua voz era mais deletério à sua personalidade que qualquer foto seria de sua face dissimulada.

— Que sofá duro esse — disse, apalpando o acolchoado. — Imaginei que pudesse me hospedar em um lugar mais confortável com a grana que ganha.

Era incoerente uma jovem sem mimos questionar a qualidade da hospedagem, quando inúmeros habitantes tinham lama enfiada até o nariz. Interpretei como humor negro, já que me sentia culpado pela morte de sua genitora. O que Duke diria se soubesse que hospedei uma testemunha do caso sob mesmo teto?

— Diga... David Byrne, né? Por que alguém seria batizado com um nome tão idiota?

— Meu pai era fã da banda Talking Heads, britânicos, pós-punk dos anos 80.

— Pós-punk. Que merda é essa?

— Rock, guria. Já ouviu falar ou só conhece música sertaneja?

Vi que apelei, não podia exigir muito de uma jovem gerada por uma mulher iletrada, que igualmente não seguiu os estudos, em uma cidade que já não existia, à mercê de uma justiça desalentadora e ineficiente.

— Sorte sua já ser de maior, ou eu te deixaria no orfanato. — Disse mais em tom de deboche, ela era um pássaro raro que iluminava o ambiente.

— Nem fudendo, David. — Ela se arrepiou como um gato encoleirado. — Se me largasse num abrigo, não me responsabilizaria. Ia sobrar pra todo mundo — ameaçou-me com o palito do pirulito.

Claramente me desafiando e com a propriedade de uma mulher madura, o que não era, ela me encostou na parede, desconhecendo os riscos de afrontar um

policial. Pelo visto também não acompanhava os noticiários. Talvez, com seu instinto de sobrevivência, tenha se dado conta de que minhas imoralidades tinham um limite. Manter uma criatura que em beleza inferior seria insuportável e não estaria dentre as minhas limitações, não era esse o caso, apresentava, em contrapartida, uma beleza estonteante, o viço da juventude.

Apesar de estar nutrindo lentamente um rancor contra a menina, quanto mais a rotina tirava a magia da aventura, se tornava mais intenso a vontade de tira-la de minha vida, que o desejo de protegê-la, tinha que salientar sua competência na arte de seduzir, possivelmente ampliada por seu convívio na “Casa de Vênus”, o local que sua mãe trabalhava. Logicamente, suas atribuições naturais ajudavam neste quesito. Suas pernas compridas eram encaixadas em um quadril grande, com uma cintura que, nessa idade, nem o consumo de pizzas e pastéis poderiam deformar.

— Você parece confuso, David, meio desorientado. Talvez o tempo que passou em bordéis tenha lhe amortecido o faro para investigação.

— Você foi educada entre meretrizes, é uma péssima atriz, que só sabe interpretar um único papel. — Novamente fui sarcástico e cruel. - Sua mãe obviamente falhou em sua educação.

Disse alto e com convicção, no intento de enterrar todo e qualquer questionamento sobre minha autoridade. Tiffany via as brechas, melhor que um advogado inescrupuloso, em relação ao sistema.

— Continue me desmerecendo e desrespeitando a memória de minha mãe, talvez isso o faça se sentir menos culpado, não tive uma vida normal mas tenho perspitivas... per... persp... — Ela engasgou-se com a palavra. — Ahh, você entendeu, caralho! Não são das melhores. Não conheço nenhuma profissão além de servir doses para bêbados falastrões no salão de Vênus, mas decifro com mais precisão que você a hipocrisia das pessoas que se comunicam com frases feitas e lição de moral.

Esta parte foi dita quase em lágrimas, para minha surpresa, que há poucos minutos havia chamado a mesma de péssima atriz. Enxugou os olhos com a própria blusinha e retomou o discurso, melhor do que faria um político em um debate televisivo.

— Não serei um estorvo, eu prometo. Só preciso de orientação jurídica para dar andamento no processo contra a empresa. Se não puder, lhe suplico que indique alguém. Ao contrário do que possa imaginar, meninas como eu são como pardais, aprendem a voar antes de ficarem emplumados.

Não quis rebater este argumento por achá-lo muito emocional, inclusive compreensível. Inadmissível seria se me submetesse a um estratagema tão primário, mas o pouco de decência que habitava em mim, obrigava-me ao menos a lhe prestar cordialidade. Estaria minha insensibilidade tão aflorada que não conseguia me comover com algo tão explícito quanto o luto de uma filha?

Para evitar reflexões mais profundas, embrenhei-me num banho morno, e depois reguei minha existência com uma dose de Martini com gelo. Ambos percebemos ser o momento de abandonar esse cabo de guerra e preparar o espírito para retornar ao centro da cidade. Um lugar que carregaria para sempre a maldição de ser um cemitério que assumiu o lugar de uma cidade apagada do mapa por um acidente ambiental. O bucólico local, hoje, não passa de uma lembrança pálida, diferente de uma Atlântida ou Lemúria, que todos arqueólogos querem encontrar. Porém, esta parte Sul de Minas Gerais, passa longe de qualquer encanto. A partir de agora, seria um tumor evitado com todas as forças pelos sobreviventes.

Minha vontade era de não mais pisar nesse solo amaldiçoado, mas um sentido de dever me puxava como se fosse a lei da gravidade. A cidade se tornaria minha “Fukushima” pessoal, minha “Chernobil”, da qual ninguém queria fazer um documentário. Fiz questão de montar o quarto dela, mas sempre que acordava, ela estava abraçada a mim, vestindo um short e blusa curta. Apesar de minha devassidão e vício, eu era empático, não me aproveitei desse momento, não poderia, sabia que ela vivia um luto, não só da morte da mãe mas de toda uma vida, foi arrancada pela raiz do lugar onde morava, e transportada para a cidade grande. A maioria das pessoas que ela conhecia e se relacionava estavam mortas, e embora ela fosse forte e guardasse a maior parte de seus sentimentos, sabia que ela estava devastada e carente, e eu era seu maior esteio no momento. Não posso deixar de dizer que embora a solidão seja terrível, eu havia me habituado a ela, acostumado com o silêncio total da casa, as luzes apagadas, não acendia nem para tomar banho, ligava um som no celular e fazia tudo no escuro, tudo em meu lar gostava de guardar e deixar limpo, era avesso a bagunça, até mesmo os extintos cinzeiros eu tinha, mesmo que improvisado, para não deixar bitucas pela casa. Agora parecia que um tornado tinha invadido o local, montes de roupas sujas se formavam pelos cantos, toalha molhada ficava jogado em cima do sofá, luzes ficavam acesas todo o tempo, e eu andava atrás, apagando uma a uma. Comecei a assistir programas horríveis da televisão aberta apenas para acompanhá-la, e ela era tão desleixada que deixava suas calcinhas sujas no boxe e sempre esquecia de fechá-lo, deixando o piso molhado, certa vez quase cai. Lavar louças então não era o seu forte, muito menos cozinhar, mas ela me acompanhava na cozinha, observando alguns de meus dotes culinários com ar professoral.

É certo que o assédio começou por desejo dela, gostava de se insinuar e até ria de algumas situações, adorava comer bananas, preferia a prata e tinha todo um carinho para descascar, certa vez deu uma lambida de cabo a rabo na fruta enquanto me olhava, depois a enfiou na boca e abocanhou um bom pedaço, formando um volume difícil de ser digerido, ao terminar de mastigar ela riu aos borbotões, gostava de se divertir com molecagens e sacanagens. Algumas vezes pegava leite condensado, direto da lata, a elevava acima da cabeça e deixou o filete denso escorrer para sua boca, até enche-la, e começar a escorrer nas laterais e com sua língua, lambia para limpar, com o dedo indicador limpou o restante e o colocou a boca, chupou seu dedo por certo tempo enquanto me olhava. Sabia que eu era experiente o suficiente para entender a mensagem. Sem contar as inúmeras vezes que ela queria ter o domínio do controle remoto da tv, sabia que eu adorava zapear os canais e aquela briga era apenas um pretexto para um contato carnal, eu segurava seu punho e ela se desvencilhava e colocava o controle dentro do shorts na parte da frente da calcinha.

- Vem pegar se for homem!

E a gente acabava rolando pro chão, a respiração dela ofegante, seus seios me roçando, tudo aquilo era adrenalina demais para um homem de meia idade. Seu cabelo me tocando, invadindo a minha boca, era um oásis, mas não era calma, era turbulência.

24

Estávamos ligados, eu e Tiffany, por uma história com dezenas de lacunas, desesperança e senso de justiça obliterada por processos que já davam indício de morrer antes mesmo de nascer. Como era difícil explicar isso a ela e convencer a mim mesmo de que a justiça pode ser como uma serpente: só pica os pés descalços.

— Então, o que nos impede de fazer a própria justiça se os meios legais são barrados por liminares e todas essas coisas que você está colocando como barreiras? Minha mãe não será vingada?

A pergunta veio mais com o inconformismo do que desejo de resposta. Eu era um investigador e muito do que falava esbarrava nos limites da lei. Se eu gravasse uma cena sem autorização, poderia ser processado e o meliante ainda seria tido como vítima da sociedade. Casos circunstanciais mal resolvidos pela justiça favoreciam delinquentes.

Os olhos verdes de Tiffany chispavam de fúria; era como se sua mente já estivesse decodificando uma provável justificativa para seu caso ser encerrado de forma inconclusiva.

— Por que tanto trabalho, investigação e o caralho, se no final vencerá quem tiver mais condições financeiras, hein, David? Hipocrisia a tua tentar me convencer a acreditar em algo que nem você leva a sério, e pior, recebe para manter as aparências.

— Olhe, menina, isso você deveria ter aprendido na zona: viver é uma perpétua encenação, e quando as cortinas baixarem, estaremos livres de atuar.

Foi naquela noite que ela deixou a lágrima escorrer de sua face, eu me senti mal por meu sarcasmo contumaz e a consolei em meu peito, o choro dela ganhou ares arfantes e ela subiu a face de encontro a mim, e nos beijamos, um beijo tão apaixonado que eu mordiscava a parte inferior do seu lábio, sua língua era tão doce, ela entornou seu braço em minha nuca, e eu a peguei no colo, a levei para a cama enquanto nos beijávamos, aquilo era um trem descarrilhado, tentava despi-la sem descolar meu lábio do dela e a deixei desnuda, indo diretamente a aureola de seu seio rosado e explorando cada milímetro de seu corpo. Quando cheguei nas partes baixas, parecia um homem com sede, caminhando há dias no deserto, e que

enfim encontra a fonte sagrada, bebia dela sem nunca me saciar. O odor que ela exalava era um afrodisíaco para mim. Após o sexo, ela se aninhou no meu peito, deu pequenas mordidas e me arranhou com sua unha, embora nunca tivesse vontade de ser pai, naquele momento tive vontade de perpetuar a minha espécie, até mesmo para ter um vínculo maior com ela, só queria que aquele momento durasse uma eternidade.

Na manhã seguinte saímos em um dos inúmeros passeios pela cidade, era fim de semana e o trânsito estava mais tranquilo na grande metrópole. Teatro, cinema, barzinho, sempre no começo do passeio estávamos eufóricos e no fim da noite voltávamos para a casa em um silêncio sepulcral, e no dia seguinte íamos a um ponto mais distante, como se estivéssemos fugindo de algo, talvez o destino, em uma dessas noites passeamos na cabine da Ranger preta, alugada de uma locadora de veículos. Liguei em qualquer estação de rádio que não fosse tão irritante, mas a frequência sempre era invadida por berros e choros de algum apóstolo, o que me tirava todo o prazer da viagem. Coloquei um Mp3 só com classic rock e Tiffany torceu o nariz.

— Não tem um forrozinho “rastapé” só pra diferenciar? Nem que seja um pouco.

Esforcei-me e coloquei na estação de rádio do seu ritmo preferido. A jovem tinha passado por maus agridores, queria ver um leve sorriso florescer, me daria forças para continuar. Evitei contato com o Departamento de Polícia após ter sido afastado do caso, seria péssimo se descobrissem que abrigava a filha de uma das vítimas, não era sequer um parente distante. Parei em um posto de gasolina e, por precaução, mantive os vidros fumê fechados para que a garota não fosse vista. Como investigador, sempre soube ocultar pistas e pessoas tão bem quanto qualquer assassino.

Aliás, foi por conta de um assassino que adentrei esta aventura, que tem me causado tantos transtornos. Ao contrário do que o senso comum forjado em séries televisivas tende a consagrar, investigações de homicídio não são excitantes e divertidas: a análise dos corpos, por vezes já em estado avançado de decomposição, juntar peças referentes à vítima, não se deixar envolver emocionalmente — e nisso falhava miseravelmente. Difícil não se comprometer psicologicamente num trabalho tão insalubre. Modéstia à parte, sempre soube lidar com esses percalços... Então, por que este caso, em particular, me jogou num redemoinho emocional que não estou conseguindo digerir facilmente?

Dirigi mais lentamente que o normal, como se o pé no acelerador não estivesse obedecendo minha mente. Um suor frio pingava de minha testa,

confirmando o que meu coração não desejava: retornar ao local do desastre criminoso. Se quero, porém, não deixar pontas soltas em relação não somente ao caso, mas à minha vida, tenho que me situar e fazer um retrospecto do que ocorreu nos últimos meses: o chamado pela morte da youtuber que comoveu o Brasil, a estranha influência de um guru espiritual da região com o crime organizado e uma midiática figura de um canastrão, o Sr Psíquico, até culminar no maior acidente ambiental da história do país. A morte de uma repórter de carreira. São tantas coisas nas quais tenho de me debruçar que acabo me dispersando. Minha mente vagava sobre o relacionamento com Tiffany nesses meses, enquanto me embrenhava na escuridão da estrada.

Se não fosse pelo GPS, teria tomado outro caminho. Não poderia deixar de lado a prostituta webcam que estava em ascensão, embora não fosse conhecida essa faceta na cidade; era mais famosa sua atuação pela mídia na grande São Paulo. Enfim, havia um ponto em comum entre as três vítimas, todas eram figuras midiáticas. Afinal, um terço do noticiário sobre o desastre de Barão do Rio Comprido era para falar da repórter de reputação duvidosa — Além é claro do canastrão, antes conhecido pelos místicos, ficou mais conhecido após as denúncias de assédio. Ficou conhecido mundialmente pós-morte.

A julgar pela minha agilidade no volante especificamente nesta ocasião, qualquer um diria que uma senhora idosa com Alzheimer conduzia o veículo; havia uma lentidão de tráfego na faixa direita da rodovia. Não podia deixar esse abalo influenciar o que devia fazer. Para me ajudar, tentei limpar minha mente, assim as lembranças se sobreporiam como camadas de terra. Mas camadas de terra lembram represa, não é? Enquanto dirigia, relembrava os momentos anteriores que tinham me lançado a estrada...

O barro soterrou o assassino; as chantagens e o dinheiro ilícito, supostamente surrupiado do falecido salafrário João das Estrelas, ficaram no passado. A desculpa oficial era de que a grana tinha mesmo se perdido no lamaçal. Quem se importava?

Fui exonerado de meu cargo, denúncias de má conduta. Sabia quem tinha me queimado. Duke nunca foi com a minha cara. Ele era corruptível, passei a ficar obcecado por ele por um tempo. Eu o seguia nas redes sociais, nas quais ele era bastante discreto, mas não se podia dizer o mesmo dos membros da família dele, que ostentavam finais de semana luxuosos passeando de iate e em viagens internacionais, algo incompatível com a renda dele. Eu sabia que poderia ser proveniente de outras rendas ilícitas e de propinas.

Recebi uma grana por meu tempo de casa e teria o que poderia chamar de ano sabático — isso se não estivesse com a mente tão obscura. Sentia-me perdido e, com alguma verba, passava as tardes com Tiffany, que a cada dia tomava mais a minha liberdade.

A jovem tinha a mente obscura, assim como eu. Aquela relação era tóxica e viciante. Às vezes ela ficava sentada, rindo sozinha, vestindo apenas uma camisola, e parecia que seus olhos verdes ficavam negros, como os de um demônio. Ela era realmente perigosa, o que me deixava ainda mais excitado. Saía nua em busca de toalha pós banho e não se inibia em se trocar na minha frente. Vinha me beijar, roçando o corpo ao meu, tinha o hábito de não usar calcinha ou sutiã, os bicos dos seios ficavam apontados e ela não se importava em manter as pernas fechadas quando usava saia. Quando me dei conta, já estava me beijando e me acariciando. O sexo matinal se tornou uma rotina.

Ela não se preocupava com o que os vizinhos pensariam, me atendia na porta quando retornava de minha corrida habitual, e ela sempre estava totalmente despida — independente de minhas broncas. O sexo passou a ficar mais violento e menos amoroso, a posição preferida dela era em pé, encostada na parede e eu a pegava por trás, enquanto a beijava atrás da orelha, também gostava do sexo na banheira, e tinha noites que ela queria repetir, duas três vezes, sabendo disso eu segurava para não ejacular, ou não aguentaria o tranco, ela sempre exigia um bom desempenho e as vezes eu falhava miseravelmente, meus anos de tabagismo e minhas quatro décadas de vida vinham cobrar a dívida, ela ficava chateada, achava que era algo com ela, que eu tinha outra, isso fez que as preliminares ficassem maiores e o uso da famosa pílula azul e outras drogas se tornaram frequentes, bem como minha dor de cabeça recorrente do uso desses remédios, misturado inadvertidamente com álcool.

25

Ela gostava de dar uns tiros. Com o tempo, voltou à sua velha rotina de cheirar uma cocaína. Duas ou três vezes ela me roubou, o que iniciou uma briga.

— Cadê meu dinheiro? Estava nessa gaveta. Usou para cheirar?

— Eu vou te devolver cada centavo. Tenho algum dinheiro guardado em Barão do Rio Comprido. E devo receber a indenização pela morte de minha mãe. Cem mil reais. Espero ainda receber em vida.

Ela tinha uma inquietação e alguns cacoetes típicos dos dependentes de drogas. Uma irritabilidade exacerbada e ansiedade em um nível ainda maior que o meu. Ela parecia ligada no 440 volts. Não tinha interesse por atividades rotineiras, e a insônia era frequente, trocava o dia pela noite. Quando fumava, seus olhos pareciam dois braseiros. Não vou negar que, às vezes, fumava uma maconha com ela e assistíamos filmes; ríamos à beça. Mas ela estava além disso, não sabia o limite de parar. São Paulo intensificou o seu vício.

Achava estranha a frieza dela ao falar da mãe. Contava com o dinheiro mísero de indenização e pouco se lamentava sobre a morte da sua genitora. Mas me sentia culpado por não ter salvo Verônica e, desta forma, suportava aquela relação tóxica.

— Sei o que pensa. Mas minha mãe morreu, não posso fazer mais nada. Tenho direito a essa grana para me reerguer.

— Talvez seja melhor você voltar para lá. Tem algum parente em Barão do Rio Comprido?

— Está me mandando embora, David? – Sua voz ficou embargada.

— Não posso tolerar uma viciada em drogas na minha casa. Você virou minha vida de pernas pro ar. Eu ainda sou um policial, por Deus, Tiffany!

— Não sou culpada se perdeu seu emprego. Sua ineficiência na polícia te levou a isso. Não me culpe!

— Pode ficar. Mas não te quero cheirando. E juro, se me roubar de novo, será a última vez.

Ela saltou em meus braços pedindo desculpa, continuava sendo a minha criança, eu me culpava por te la deixado solta, por ter trazido ela para a cidade grande, estava assinando a sua ruína. No começo achei certa graça quando ela chegou com um pacote de baseado, embora tivesse prendido muito usuário por isso, e me envergonhava por estar de forma indireta fortalecendo um dos alicerces de meu combate pessoal, o tráfico de drogas. Mas ela ficava realmente sexy pitando aquela maromba, e se perdendo em meio a fumaça, embora já tivesse visivelmente me cansando daquela vida louca imposta por ela, que me tirava de meu centro normal de ação.

Não foi a última vez. Desconfiava dos meios que ela obtinha para manter o seu vício. Era da minha conta, ao menos enquanto ela estivesse sobre meu teto, e fosse minha namorada, embora nunca tenha se denominado como tal. Certa vez ela riu, em meio a transa, quando eu disse que a amava, interpelado por mim, ela disse apenas achar estranho, o que ela não imaginava é que eu me apaixonava com a mesma intensidade que deixava de gostar. Mas a dúvida permanecia, como ela conseguia o dinheiro? Ela tinha uma aptidão exacerbada pelo sexo, talvez uma espécie de bela da tarde.

O meu apartamento era nobre, mas ficava situado próximo de uma favela periférica, um dos maiores pontos de droga da região de São Paulo, os pinos espalhados pela rua mostravam que o perigo estava perto. Ela tinha sumido por um dia todo. Achei mesmo que pudesse estar encrocada. Já estava pensando em ir procura-la na cracolândia, foi quando ela chegou, com vestes decotadas, parecia mais bêbada que cheirada.

— Achou rápido as bocas de fumo daqui de perto. Até parece uma paulista nata.

— Ora essa. Todo mundo sabe onde ficam as bocas de fumo. Inclusive a polícia. Devia saber disso, David.

A violência dos últimos tempos, a perda de perspectiva de futuro e o relacionamento com uma mulher instável me tirou de meu eixo. Tinha pesadelos frequentes com pessoas mortas retornando dos rejeitos, e essas criaturas me puxavam para o fundo da lama; e vez ou outra, o próprio Renato Sbortel, com a armadilha fincada na face e pingando sangue, era quem me puxava para o fundo da lama. Sempre acabava assim, sem ar, submerso, e acordava respingando suor. Noutras vezes, os mortos me arrastavam até uma árvore, me perfuravam com suas próprias garras e inseriam grossas raízes em meus ferimentos; desta forma me içavam, enquanto eu urrava de dor.

Quando estava acordado, às vezes pernoitava nos bares, tomando doses cavalares de vodka, e caminhava trôpego de volta para casa. Às vezes, Tiffany estava lá, às vezes não, e não chegava até o amanhecer. Era o declínio aparente, como endireitar uma árvore que nasceu torta; O fim era certo, eu empurrava com a barriga, mas sabia que um dia o ápice viria, e veio.

Certo dia, cheguei em casa e me deparei com um homem alucinado, com sangue nos olhos. Era quase um albino, e puxava o cabelo de Tiffany e lhe metia belos bofetões na cara.

— Vou acabar com sua raça, sua vagabunda!

— Sai da minha casa! — repliquei na adrenalina, sem saber ao certo o que estava acontecendo. Não estava com a minha arma, era uma saída rápida e a deixei no cofre por segurança.

O homem largou-a de lado, e logo o reconheci, embora nunca o tivesse visto pessoalmente. Sua foto era popular na delegacia, inclusa na lista de foragidos da polícia: Brasilino de Freitas, mais conhecido como Brasil. Uma lembrança amarga de Barão do Rio Comprido. Ele empunhou sua faca e veio em minha direção, chegando a me cortar no ombro esquerdo. Já não tinha idade para sofrer esse tipo de agressão gratuita. O homem estava cheirado e alucinado. Foi o tempo de lhe chutar a faca ao chão e ele se lançou em minha direção. Ambos rolamos pelo sofá, que tombou para trás. Lembrou-me muito a agressão sofrida com Renato Sbortel, motivo pelo qual meu corpo ficou dolorido por dias. O meu alerta de sobrevivência acendeu e eu fiquei tomado por uma possessão, talvez aquela diaba estivesse mesmo me possuindo. Peguei a faca caída, e já em cima do traficante não pensei duas vezes em perfurá-lo no peito. Depois me levantei e o deixei vertendo sangue. Ele agonizava.

Ela ficou me olhando. Depois se aproximou do homem, agachou e o olhou nos olhos enquanto morria. Havia um sorriso discreto no seu rosto.

— Ela — o homem balbuciou enquanto vertia sangue pela boca — ficou me devendo...

Ela empunhou a faca cravada no peito do homem com as duas mãos e terminou de enterrá-la, levando-o a um óbito mais rápido. Eu queria respostas, que nunca seriam dadas. Poderia soar piedoso, mas a intenção era mesmo participar daquilo. Então era nisto o que havia me tornado. Agora estava definitivamente do outro lado da lei, era um bandido, éramos Bonnie e Clyde.

Não tinha forças para começar o processo de limpeza, que sabia que seria árduo. Deitei-me exausto na cama, com roupa e tudo. O esquema de segurança do

meu prédio dificilmente teria deixado ele passar, ela devia ter ajudado o celerado a entrar, se eu fosse discreto e sumisse com o meliante, não precisariam procurar no meu prédio provas contra um policial.

Ela se deitou do meu lado. Eu a questioneei, pois obviamente ele achou o endereço através dela. Embora ela negasse, eu sabia que tinha parte nisso. Quando pressionada, começou a piar: Eu já estava acostumado a tirar confissões de homens barbados, não era ela quem iria passar impune. Ela nunca foi uma prisioneira de João das Estrelas, esteve todo o tempo em uma cabana com Brasil, fumando uma erva. Ele fornecia de forma gratuita em troca de sexo. Segundo ela, o homem se tornara possessivo e a rastreara pelo celular, que até então ela desconhecia. Tinha um cheiro de mentira no ar, de coisa oculta, mas ela começou a chorar de forma convulsiva, embora tivesse se recomposto rápido e orgulhosa secasse suas lágrimas.

Sabia que ela estava me afundando em um caminho sem volta para a perdição. Ela baixou a braguilha da minha calça, estava excitada, e eu também estava. Foi uma das melhores fudas de minha vida. Parecíamos dois animais selvagens dispostos a sobreviver à cadeia alimentar da selva. Nem mesmo uma caixa de viagra me faria ter uma reação assim. Era a proximidade da morte, o medo e a zona de desconforto. Tudo parecia surreal, uma alucinação.

26

Dormi até o meio-dia. Tomei um demorado banho. Perguntava-me se estava reagindo feito um psicopata. Na verdade, depois que se mata a primeira vez, deixa-se uma porta aberta e um caminho sem volta. Optei em apenas enrolar o corpo em um tapete. Fiquei oscilante. Podia meter fogo e depois enterrar, simplesmente não queria ter esse trabalho. Já tinha tocado o foda-se. Estava apenas me defendendo dentro de minha própria casa, mas isso daria bastante dor de cabeça, ainda mais se tratando de uma figura-chave do caso que eu liderei. Isso geraria mídia. Bandido matando policial não dá mídia, mas o contrário é um frisson para os noticiários. Tive de fazer o que os psicopatas faziam para sair impune, embora não conseguisse cortar o corpo com tamanha precisão, devido as emoções estarem presentes, ao contrário daqueles que perseguia, eu o via como um ser humano e toda uma culpa moral se abateu sobre mim. Agora entendia meu fascínio por aquele universo, eu de certa forma fazia parte disso. Liguei o chuveiro do banheiro e deixei o sangue escorrer pelo ralo, enquanto o cortava com uma faca extremamente amolada que ganhei obtendo um número x de compras em um supermercado, era uma faca importada e cortava a carne feito manteiga em aço quente. Diferente de mim ela demonstrava uma estranha satisfação, massageava minha nuca como se tivesse me incentivando, vá em frente, estou contigo! Não sujaria ainda mais meu nome por um viciado que invadiu meu lar. Coloquei ele em duas malas grandes e me via como um copycat, estava compilando aqueles que estudei por toda uma vida, o Assassino da Mala, Chico Picadinho. Coloquei na carroceria da Ranger alugada. Não sei se fui visto por algum vizinho, estava desorientado; mas longe de qualquer suspeita, estava no início de um processo depressivo e sem perspectivas de futuro.

Voltei ao apartamento, sabendo que teria muito trabalho pela frente tomei um banho demorado, deixei a água pelar no meu corpo, esfreguei a bucha no vão dos meus dedos onde o sangue tinha incrustado, então essa era a sensação dos assassinos, embora em choque tinha uma aura poderosa e não dita de brincar de ser Deus por um instante, determinando o destino de outrem, bem como determinar o tempo de sua vida. Enquanto ela tomava o seu banho, me deitei na cama, estava exausto, queria dormir, minhas pálpebras pesavam, mas tinha de me desfazer do

corpo ainda na madrugada, sabia disso, precisava apenas me recompor. Tomei 40 gotas de dipirona para prevenir uma possível dor muscular.

— Quero visitar o túmulo de minha mãe. — Tiffany acendeu um cigarro mentolado, sentou-se numa banqueta e o pitou. — Sei que você acha que não estou nem aí. Eu não desmorono fácil, não quer dizer que não me importo. No caminho nos livramos do corpo.

— Sabe que fomos além da fronteira. Um caminho sem volta. Da noite pro dia me tornei o que persigo durante toda a vida, um infrator de leis, um assassino. Estranhamente, deveria estar mais preocupado com isso. Agora vou precisar de sua ajuda para despachar esse cara. Você me colocou nisso, nunca se esqueça.

— Estamos quites. Por você não ter salvo a minha mãe.

— Somos tão podres quanto esse homem na mala. Fazemos parte do mesmo pacote de merda. Não tenho a mínima intenção de voltar para Barão do Rio Comprido. Vou despachar seu amante, mas não voltarei àquela cidade-fantasma, se quiser pegue o ônibus na rodoviária, e de preferência não volte mais.

Tiffany se enfureceu, começou a juntar seus poucos pertences, eu fui atrás dela e, quando ela ia sair, eu bloqueei a porta com a mão e a chamei para mim:

— Vai me deixar com esse corpo na carroceria e simplesmente ir embora? Olha no que me envolveu.

Ela, então, veio por um abraço apertado e um beijo acalentado, me abraçando.

— Eu te ajudo a se livrar dele.

— O que fez exatamente pra ele?

— Fiquei devendo droga para ele. Disse que ia pagar. O cara era louco! Possessivo!

— Você está nos levando à beira do abismo.

— Eu sei. Eu vou me tratar, David. Quando morava em Barão do Rio Comprido, não tinha tanta demanda. Acho que me perdi na cidade grande. — Me abraçou mais forte. — Eu preciso de você! Eu preciso visitar o túmulo de minha mãe, por favor! É o álibi perfeito, tem estradas desérticas, nenhuma polícia rodoviária no caminho alternativo e mesmo que te parem, basta dar uma carteirada e não irão fiscalizar o carro.

Rendendo-me ao poder de persuasão que toda mulher tem, admiti ser impossível vencer qualquer embate. Com a possibilidade de deixar ela por lá e

voltar sozinho eu disse:

— Precisamos mesmo voltar a Barão do Rio Comprido. Coloca sua mala no banco de trás. Junto a mala do cadáver.

Ela colocou a mala dentro do carro e partimos. Estava de volta de meus absortos pensamentos... Após cerca de duas horas de viagem, já tendo passado por dois pedágios e com toda a calma de um inocente, paramos em uma estrada sem iluminação, com matagal predominante. Tiramos os restos das malas, ela pegou as pernas do defunto e eu o torso e outras partes, tudo fora de qualquer plástico, eram esses detalhes que incriminavam os assassinos, e o jogamos no acostamento. Puxei umas touceiras de mato para ocultá-lo a tempo de estarmos longe, mas sabia que o corpo seria encontrado facilmente nos dias seguintes, principalmente pelo fedor que emanaria na via.

QUARTA PARTE
A Serpente Morde o Próprio Rabo em
um Círculo Cíclico.

Já estávamos em território mineiro. Eu não tinha forças e nem vontade de abrir uma cova, e não tinha ligações diretas com a vítima para ser facilmente identificado pela polícia, mesmo Tiffany poderia passar despercebida; era somente uma usuária de psicotrópicos, nada mais. Deixar o corpo para trás foi como tirar um peso de minhas costas; quanto mais nos distanciávamos, mais nos víamos nas graças da impunidade. Então essa era a sensação de burlar o sistema. Sabia que, no Brasil, poucos dos crimes eram solucionados quando não pegos em flagrante ou com ligação direta com a vítima. Sem perceber, me tornava um justiceiro, fazendo justiça com as próprias mãos. Eu era o executor e aquele que condenava, mas e os meus erros... quem iria me punir? Somente eu sabia que ela era amante de Brasil, e ele tinha inúmeros inimigos e era um traficante, em uma cidade desolada por um desastre. Tudo cheirava a arquivamento.

Antes do amanhecer, retornamos à cidade que mais parecia um limbo. Tomamos um pingado com pão na chapa na antes movimentada padaria do seu Ambrósio. Agora já não olhavam mais Tiffany com desaprovação. Era como se tudo se iniciasse do zero. As pessoas tentavam se reencontrar, hospedadas em hotéis improvisados, pois haviam perdido tudo; o pescador sentado de frente a um rio contaminado e sem peixes, o agricultor olhando a extensão do barro, que outrora foi um pasto verdejante, e os donos de pousada sentados às moscas, pois não havia mais turistas, somente algumas poucas equipes de televisão.

Outros escândalos no Brasil já tinham deixado o desastre em stand-by. Estar de volta à cidade era como se voltasse ao inferno, a um pesadelo que tentei, em vão, fugir. Ficava dividido entre abandonar a garota e as turbulências que me assolavam e, com isso, me abster de seus beijos molhados e intensos. Cada escolha era uma renúncia. Tentaria apagar meu passado, embora o traficante e Sbortel sempre retornassem em meus sonhos, noite após noite, me lembrando de meus crimes.

Perguntava-me pelo que mais esses pobres coitados, moradores locais, passariam nos anos seguintes, sabendo que aqueles rejeitos tinham propriedades radioativas que os afetariam com inúmeras doenças. Já tinha visto isso acontecer

em outras cidades, em um caso muito parecido envolvendo uma outra empresa mineradora.

Tiffany foi ao cemitério visitar sua mãe. Lembro-me que no funeral de Verônica ela estava blasé, mas ficou bastante nervosa quando alguns capangas do falecido João das Estrelas apareceram à porta. Foi algo tumultuado. Talvez agora ela tivesse mais paz e privacidade para se despedir.

Soube que na minha ausência, alguns meses atrás, uma equipe de socorristas trazia, em uma maca, um homem pele e osso, com barba e cabelos grandes e desgrenhados. Totalmente desorientado e sujo de barro, e sem qualquer identificação. Resgatado dias após o acidente. O homem tinha lapsos de memória e estava em um forte e perigoso estágio de desidratação. Já estava no soro e era levado às pressas ao hospital local.

O Senhor Psíquico estava vivo! E devido aos fatos já não era considerado notícia.

Havia ainda 28 desaparecidos até a presente data. Não havia esperança de que eles estivessem vivos, e pelo estado de putrefação, seria difícil encontrá-los. O ressurgimento de Psíquico parecia algo irreal. Fiz questão de visitá-lo em um galpão de socorro as vítimas. Ele estava muito fraco, mas plenamente consciente.

— Todos acharam que estava morto. Onde esteve todo esse tempo? Como é possível não ter sido encontrado pelas equipes socorristas?

— Fui arrastado por vários metros, a lama me levou para um desfiladeiro, onde fiquei preso a uma rocha. Fiquei oculto por ela e ao lado de um fio de nascente contaminado, em parte, pelos rejeitos. Tive uma água escassa e acesso a uma vegetação ao meu redor. Isso me permitiu sobreviver por algum tempo.

— Alguns dias, tudo bem, mas estamos falando de semanas.

— Eu tinha os braços livres e passei a não sentir mais o meu corpo da cintura para baixo. Era uma espécie de dormência. Estava exatamente em uma área de aparições ufo. Cheguei a ouvir o barulho de helicópteros, mas eles não conseguiam ouvir o meu grito de socorro, o barulho ficava contido nas rochas. Cheguei a comer alguns insetos, o que me deu uma proteína extra. Foi então que apaguei.

— E como se livrou das rochas?

— Eu não sei. Vi um clarão branco, vindo dos céus. — Psíquico fez um breve silêncio reflexivo. — E não me lembro de mais nada.

— Está mentindo! O que esconde? Quer inventar uma história maluca para ganhar lives? Garanto que estava em algum casebre no meio do mato.

— Adiantaria falar a verdade? Acreditaria em mim? Minha trajetória está apagada, atolada no barro, nem mesmo você sabia que eu estava vivo.

— Tente me contar a sua versão.

Na verdade, já imaginava qual seria a sua ladainha.

— Eu vi alienígenas. Eles tinham um metro de altura, aproximadamente. Não consegui observá-los com perfeição, estavam contra a luz do sol e se movimentavam de forma estranha. Em segundos, como seres reptilianos, desceram aquelas rochas, e quando notei já estavam em meu entorno. E então só me lembro de estar em uma maca, sendo trazido aqui para o hospital. Soube, há pouco, que se passaram algumas semanas, mas me pareceram dias. Eu fui abduzido, David. Acredite ou não.

— Bem-vindo de volta à Terra! — disse, de forma irônica.

— A realidade temporal deve ser diferente no universo deles.

— Onde te resgataram?

— Disseram que eu estava adormecido no alto de uma encosta, um local pelo qual já passaram inúmeras vezes, e teriam me visto, se eu estivesse lá anteriormente.

— Talvez deva fazer uma sessão de hipnose.

— Talvez sim.

— Sabe que esse estado de emergência te fez alucinar... É isso o que aconteceu. — Levantei-me e cheguei à porta. — Uma alucinação! Você foi contagiado pelos acontecimentos que levaram a cidade toda a crer em seres de outros universos. Associado a um grande evento trágico como o das pessoas entalhadas, causou uma espécie de síndrome.

— Se é uma síndrome...

Olhei para o cotoco envolvido na faixa, onde deveria estar seu pé. Não pude deixar de tirar sarro da situação. Era melhor rir do que chorar da tragédia.

— Os alienígenas podiam ter usado sua “super” tecnologia e implantado um pé em você, já que é o protegido deles desde criança, ou ao menos fazer ele se regenerar como o rabo das lagartixas.

— Pois é — concluiu Psíquico. — Sempre achei que perderia o pé pela diabetes, não por uma maldita armadilha de urso.

— Ainda mais no Brasil, não temos urso aqui.

— Mas temos humanos. Esse era o verdadeiro alvo daquele maldito psicopata.

— Gostaria de ser abduzido apenas para fazer sexo com alienígenas.

— Dizem que eles são bem dotados. Ninguém sairia ileso.

— Há, há, bom saber que iluminados espirituais também têm senso de humor. Bem, apenas com espécies fêmeas. Elas seriam sedentas sexuais e apenas emitiriam uns grunhidos estranhos e excitantes.

Deixei-o. Tomei as ruas e me encontrei com Tiffany, ela tinha pego uma mochila vermelha, parecia estar pesada.

— O que tem nessa mochila?- Perguntei.

— Alguns de meus pertences que tinham ficado para trás. Sabe quem está na cidade? Elder Scariott. Está na sede da Alpes. Deve ter vindo queimar alguns documentos. Veio em um carro preto blindado com vidro fumê, mas mesmo assim foi visto, e as notícias correm. O bastardo nem mesmo pagou os direitos dos familiares das vítimas. Daqui deve sumir para o exterior. – Disse Tiffany.

- Está indo onde;

- A igreja.

- Não sabia que gostava de rezar, nem mesmo as catedrais de São Paulo você quis conhecer.

- Vou rezar pela alma de minha mãe, a gente se encontra mais tarde.

Ela parecia uma estranha, como se retornar a sua casa pátria a fizesse esquecer tudo o que tínhamos vivido juntos. Me senti usado por ela, todo o tempo, dois sentimentos conflitantes rodopiavam em minha cabeça, o desejo de deixá-la para trás, e a dependência que ela ainda havia me causado, já estava habituado a ela.

Deixei Tiffany partir em direção ao que havia sobrado da igreja, mesmo com algumas rachaduras ainda se mantinha aberta, o local tinha virado em parte um abrigo para alguns moradores locais.

Não tinha tempo para esse tipo de atividade, fiscalizar o que Tiffany estava aprontando, saí em direção à mineradora. Não precisava mais dar satisfações a Duke, já devia estar sabendo de minha presença na cidade, e não demoraria a me interceptar e dizer que estava proibido de fazer investigações. Não precisava procurá-lo, ele viria até mim, isso era certo. Para minha surpresa, encontrei o motorista Guilherme, que dizia usar seu fusca como carro de apoio e socorro para encontrar possíveis sobreviventes nos primeiros dias. Ele se prontificou a me levar à empresa, achei uma boa ideia, ir na caminhonete levantaria suspeitas e olhares curiosos direcionados a minha pessoa, e ele sempre tinha uma conversa agradável. Não foi difícil furar a barreira da portaria, praticamente desativada. Devido ao tempo de devastação não foi difícil adentrar a sede da empresa Alpes, quando Elder se deu conta, eu já estava em sua sala de reuniões; ele fechava com pressa alguns malotes. Guilherme ficou à porta, aguardando. Eu disse:

— Não deixaria seu peixe caro para trás. Esperou baixar a poeira para voltar.

— O que faz aqui? Não tem autorização para entrar. Ledo engano, já estive aqui várias vezes, você sim é um fantasma que insiste em voltar. Ordeno que saia daqui, sei que não tem uma intimação para isso, você foi exonerado, e vai acabar preso com um simples telefonema.

— Não está no direito de reivindicar nada.

O homem observava seu peixe de estimação.

— O seu maior erro, David, é ser intrometido. Isso lhe custou a sua carreira, não foi?

— Você está por trás disso?

— Isso é só o começo de sua destruição. Eu tenho contatos, basta um telefonema para te esmagar feito o inseto que você é — o homem disse, apontando o dedo em minha face.

— Não diga com superioridade. Seu castelo de cartas está desmoronando. Logo deverá ir preso.

O homem deu um sorriso sarcástico.

— Senhor Byrne... Tem ideia de quanto a minha empresa movimenta neste país? Do número de pessoas que já empreguei? Da importância de nossas transações para o PIB do Brasil? Logo uma nova notícia ganhará as manchetes do jornal, e o que ocorreu aqui em Barão do Rio Comprido ficará no esquecimento. Enterrado na lama. Tem ideia de quanto teríamos de gastar com infraestrutura de segurança para as barreiras a montantes? Milhões, David, milhões. Gasto muito menos com indenizações, cerca de 100 mil por família. Acredite, David, esse dinheiro é mais do que muitos conseguiriam em uma vida inteira de trabalho.

— Nem mesmo isso você está pagando a eles.

— Eles que esperem a lentidão da justiça. — Scariott abriu um sorriso singelo — Não pense que estou feliz pelo que aconteceu, é ruim para o nome da empresa. Foi uma fatalidade, mas isso acontece, e algumas vidas simplesmente são ceifadas. É a vida, e a vida é cruel.

— Não foi uma fatalidade. Era previsível. Havia crianças e funcionários que te serviam.

— Que Deus os tenham. Que descansem em paz! — O homem sorveu o whisky. — Satisfeito! Agora pode voltar para a sua puta.

Em um ato impensado, Guilherme, até então ouvindo de forma passiva, avançou sobre Elder, segurou na sua nuca e afundou sua face na água do aquário, pressionando seu corpo na borda de vidro. O homem começou a se afogar na água, enquanto o peixe circulava o rosto de seu dono. Tentei contê-lo, mas ele tinha uma fúria gigantesca. Deu um coice em minha direção, lançando-me ao chão. Disse a ele:

— A água do aquário é muito mais misericordiosa que aquela lama espessa.

Achei, de princípio, que a intenção não era matá-lo, apenas assustá-lo, mas o deixou submerso mais tempo do que deveria. Apontei a arma para Guilherme e pedi que largasse o homem, mas ele não obedeceu o comando. Pensei em atirar no agressor, mas resolvi direcionar a arma pro aquário e atirar, e quando o mesmo se quebrou pelo tiro, facilitado pela pressão exercida pelo corpo do homem, um pedaço de vidro cortou a garganta de Elder, terminando de matá-lo. A água se espalhou por todos os lados, tingida em sangue, e o peixe ficou se contorcendo no chão. Tive mais pena do peixe que do homem, debruçado sobre o seu precioso aquário. Guilherme se mostrou um assassino impiedoso, mas me perguntei se eu teria sido o verdadeiro criminoso, ao atirar sepultei o homem, o precipitei do

abismo. Fiquei espantado com a atitude furiosa de Guilherme, parecia-me um crime violento motivado por forte emoção. Provavelmente ele tinha perdido alguém no rompimento da barreira. Tomei a pulsação do homem, estava morto. Peguei o celular para ligar para Duke, estava mesmo com má sorte, aquela cidade era revestida de azar, ou eu era o causador de toda essa desgraça, tamanha turbulência já estava me cansando, fui surpreendido por algum objeto metálico na cabeça, em um golpe forte que me tirou de circulação por um tempo. Apaguei.

Era uma área bem fechada de árvores que escondia um pequeno casebre de dois cômodos, feitos de madeira. Embora amordaçado, tinha visão de fora pela ampla abertura da cabana. Tudo muito arcaico, uma casa de algum antigo eremita. Me encontrava em uma espécie de nirvana. A minha produção de serotonina estava aumentada, um neurotransmissor conhecido por proporcionar a sensação de bem-estar. Sentia-me como um trem descarrilhado em uma descida vertiginosa de montanha-russa. Tinha a sensação térmica de frio cortante, alucinando, tendo visões distorcidas. Corri para fora e entrei em colisão com a porta da frente, vagando pelo bosque, o vento sibilava palavras impronunciáveis, árvores pareciam ter criado vida, as raízes se desprendiam do solo e me chicoteavam impiedosamente. Uma velha árvore parecia rir de meu sofrimento, enquanto partes de sua casca se desprendiam e caíam ao chão. Foi quando fui tragado no seio da terra, era um cadáver, me arrastou por alguns metros de distância, olhou para trás, era Renato Sbertel, ele me observava pelo vão dos dentes afiados de ferro, provenientes da armadilha de urso, vertendo sangue pelo seu pescoço. Ele parou de me puxar e usou suas mãos carcomidas para tentar abrir a engrenagem, fazia muita força, mas sempre a engrenagem fazia voltar os dentes a se fechar com força maior, dilacerando ainda mais a sua face.

Por fim minha vista ficou nublada, e o morto desapareceu, um pouco a frente tive de coçar os olhos para compreender aquilo o que via, era Patrícia Biedermann, não podia estar ali, estava morta! Tentei me recompor, enquanto formigas subiam pelo meu corpo, suas patas finas perambulando, meu coração estava mais que palpitante, uma taquicardia se iniciara, em parte pela liberação de adrenalina. Ia acabar tendo um enfarto no meio daquela mata. Não sei exatamente que tipo de droga alucinógena ele ministrou em mim. O que eu tinha tomado? O suor escorria em gotas protuberantes, o corpo tentava desesperadamente liberar as toxinas de algum tipo de cogumelo, eu acho. Caí de joelhos, e com as mãos amassei o barro macio, talvez fosse melhor morrer ali e findar todo o desarranjo criado por aquele lugar. Não sei o que havia nesse vale que me desestabilizava e me levava ao caos e à perdição... Ou seria Tiffany a causadora desse desequilíbrio? Entrei em pânico, ela estaria a salvo? A vista ficou turva novamente, a escuridão veio tomando

forma, primeiro me engolindo, junto as árvores... Era o buraco negro, me consumindo.

Fechei os olhos e imaginei que estava em uma gruta, onde o azul da nascente refletia-se nas pedras. Tiffany usava uma blusinha branca e calcinha. Ela pegou em minha mão e saltou de uma rocha, me levando junto. Ao submergir, beijei-a, enquanto seus bicos salientes na blusa me roçavam.

— Essa água não é insalubre?

Ela começou a rir freneticamente.

Abri os olhos, ela não estava aqui, já era fim de tarde; foi meu único senso para entender o tempo que fiquei naquela mata. Já fazia parte da natureza, uma chuva leve tinha enlameado tudo à minha volta, mas essa chuva chegou e partiu, e eu não tinha acordado. Estava sujo de barro já seco. Eu tinha frio e fome. O efeito do alucinógeno havia passado em parte, mas ainda assim estava desorientado. Deparei-me com uma árvore majestosa e cocei os olhos, não era possível que continuasse tendo essas visões. Um inferno cíclico, um mal desenterrado, tinha uma árvore central, e ao lado esquerdo, Psíquico estava vivo, amarrado a uma outra árvore.

Fiquei confuso, estaria em uma espécie de limbo ou inferno? Se Sbortel estava morto, e disso eu tinha certeza, seria Guilherme um imitador? Ou seria algo maior? Talvez Sbortel fosse apenas um discípulo menor de algo que o transcendia. Ou seria mesmo algum ufo, assim como Psíquico descreveu ter vivenciado? Embora ele com certeza tivesse uma inclinação desequilibrada para o sobrenatural, foi estranho tê-lo encontrado na floresta no dia do rompimento da barreira. Embora tivesse me ajudado contra Sbortel, não passava de um estranho com ideias tresloucadas.

Observei o místico vivo, tinha um esgar de pânico, a boca contorcia-se no desejo de um último grito; nunca imaginaria tornar-se o papel principal do que tanto buscava. Certamente a fama lhe viria após a morte, até mesmo em notícias internacionais. Tentei colocar a cabeça no lugar, a única pessoa além de mim, era Psíquico. Em um lapso momentâneo de consciência, me vi no centro de um ato final, meus olhos reviraram nas órbitas.

Fechei os olhos e tentei fugir daquela realidade, só queria ver Tiffany de novo, em minha imaginação retornei à cabana e me deparei com a minha garota, relaxada, fumando um cigarro. Ela explodiu em um riso contagiante quando me viu entrando feito um pinto molhado pela porta. Como se eu não tivesse sumido há horas.

—Continuo tendo alucinações. - Eu disse.

— Não, David. Isso não é uma alucinação.

Tudo foi se desmaterializando e logo eu estava novamente na floresta, seminu, coberto de lama, frente a uma pessoa atada a árvore: Psíquico só não estava morto por não atender aos desejos misóginos e sexistas do assassino. Guilherme estava à minha frente. A brisa estava passando.

30

— Então você é um lobo solitário? Um outsider... Gosta de burlar as regras não é, David Byrne? Não mexa com forças que não poderá combater. Achou mesmo que Sbortel teria capacidade intelectual de criar uma obra de arte sem um mentor?

— Então você é o tal sentinela? — Emiti o riso de um condenado à força.

— Você é muito impulsivo, David.

— Qual o motivo de matar a jornalista? E as outras vítimas?

— Não tem noção da força criada por essas imagens? Barão do Rio Comprido era uma boa cidade até ser contaminada pela tecnologia. Eu sou um ser vintage. Vai dizer que não sente ódio ao ver essas pessoas na mídia ganhando milhões porque idiotas os seguem e dão like em tudo o que postam? Zombam de nossa cara como se fôssemos apenas meros expectadores. Samantha Muller merecia morrer, a devassidão dela logo afetaria a imagem da cidade. Meu primeiro plano foi criar uma obra de arte e puni-la. Foi quando usei da obsessão de Sbortel para me ajudar a concretizar o plano. De início ele o fazia apenas para suprir seu ódio contra aquela que o esnobava, e depois, feito um aprendiz, foi absorvendo minhas ideias. Eu o moldei à minha semelhança. Mas eu tinha intuitos ocultos ao escolhê-la. Queria afetar diretamente o maior tirano desta cidade. Elder Scariott foi o responsável por trazer o caos e destruir nosso lar. Veja a prova, olhe o estrago que ele fez... Isso eu não planejava, por isso tive de destruí-lo agora. O uso da arte criada para a seita de João das Estrelas seria usada para incriminá-lo também, outro crápula que ferrou conosco. Tive prazer em cada tiro desferido naquele porco!

— E Tina?

— Tina foi algo não planejado, mas estava ligada a Elder e ao meu ódio por esses seres midiáticos. Ela traria uma visibilidade maior à minha derradeira obra.

— Psíquico é um homem midiático, assim como Patrícia Biedermann.

— Parabéns! Mas está se esquecendo de você mesmo. Sua presença traz holofotes para cá. Ainda não se deu conta de que é apenas uma putinha televisiva?

Pode me chamar de sentinela, pois é isso que eu sou para Barão do Rio Comprido. — Enquanto você delirava, aprisionei o intrometido místico, que parecia mesmo incrédulo com o que ocorria a ele. Achei divertido te banhar no sangue dele e te desorientar ainda mais. Parece improvável reunir todos vocês, não é? Tem dúvidas de que alguma força sobrenatural me protege?- Concluiu o psicopata.

Entregou uma pá em minhas mãos.

— Mudei meus planos, prefiro te deixar a sete palmos de terra. Veja a árvore central, pretendia pregar você nela. Mas não é famoso o suficiente para essa honra.

Olhou para Psíquico, aprisionado por ele.

— Esse idiota não sabe mesmo a hora de parar. Assim como você, David. Uma personalidade como ele vai nos garantir uma reportagem visceral, assim como a morte da jornalista. Ele estava apagado, vou garantir um belo ato final a ele.

Há tempos estava meio sedentário, e cavar minha própria cova foi mesmo um ato exaustivo. Guilherme encaminhava-se pelo raio de ação como um regente de uma orquestra, extremamente contente com seu ato final. A garoa fina caía incessantemente, o vento batia em meu peito desnudo e meu corpo tremia. Era a aproximação da morte, quase podia ouvi-la cantarolar em meus ouvidos.

— Cave! Ande! Cave!

Meu físico não estava nos melhores momentos. Esperava ao menos que me matasse antes de me enterrar em minha cova. Ser enterrado vivo seria desesperador. Embora não quisesse morrer, me sentia reconfortado por, ao menos, estar sendo enterrado em um local tão bonito, que de tudo diferia dos feiosos cemitérios públicos. Não sabia o que pensar, doía ver Psíquico ferido daquela forma, mas nada podia fazer. Era patético, com certeza o artista era Sbortel, sua tentativa de replicar passava longe das primeiras vítimas, desde a estética até as características dos cortes.

A morte era o provável destino de Psíquico. Aquele homem mal tinha escapado da primeira visita. Estava amarrado na árvore, despido. O psicopata bateu um prego em cada mão; o místico segurou-se o quanto pode, chegou um momento que teve de gritar, com aquela barba e cabelo comprido parecia um Jesus na cruz, e assim como ele já tinha ressuscitado uma vez, não tinha esperança de uma segunda chance, o raio não cai duas vezes no mesmo lugar, ele sofria uma dor tão abrasiva quanto outrora, ao ter seu pé decepado. Guilherme não pôde deixar de comentar.

— Você parece mesmo um Cristo. Saiba, Senhor Psíquico, Deus te deu uma segunda e improvável chance, assim como deu a mim, nos livrando da lama visceral e da força da natureza. Essa força implacável e maior do que nós. Mas não haverá outra chance para você. Teve a oportunidade de sair da cidade enquanto podia. Agora é tarde! Pense pelo lado bom, ao menos se tornará uma obra de arte! Embora prefira as mulheres, abrirei uma exceção. Iremos fotografar, fazer pinturas... Não imagina o quanto é linda a cena que presencio.

Guilherme carregou a sua arma e aproximou-se de mim, me olhando dentro do buraco que eu mesmo cavei. Apontou a arma.

— Essa cova rasa já está de bom tamanho. Não vou te matar alvejado, David, seria bom demais para você. Vou apenas te dar uns dois ou três tiros na perna para potencializar a sua dor, e então vou te cobrir com terra. Será enterrado vivo.

Foi quando ouvi um tiro de alerta, e não veio da arma de Guilherme.

Uma ordem para que se rendesse. Era a voz de Duke. Tinha uma média de oito policiais fortemente armados junto a ele. Surgiram do meio da mata, provavelmente os gritos de Psíquico os guiaram até o local. Contrariado, Guilherme levantou as mãos. Duke deu a ordem:

— Saia dessa cova, David! Agora!

Não achei que ficaria feliz em rever Duke, mas poderia dar um beijo na boca dele naquele momento. Joguei a pá para fora do buraco e saí dele em um salto, peguei a pá novamente, em minha cabeça já era um homem condenado, segurei forte a pá e olhei para Guilherme, estava a apenas um metro de distância. Já conhecia toda a burocracia que viria a seguir, todas as graças que ele faria na frente da câmara, uma longa história, e talvez com um bom advogado conseguiria algumas regalias, receberia cartas de fãs, mulheres apaixonadas por ele, ficaria na história. O foco de Duke estava nos soldados, que tentavam livrar Psíquico da árvore, libertando-o dos pregos que o prendiam. Guilherme tinha um sorriso sarcástico, apenas esperaria e clamaria aos direitos humanos para se comover com sua situação e selecionaria advogados dispostos a defendê-lo por visibilidade. Ele me olhava de forma desafiadora, como que dizendo:

“Você é um cara de sorte. Mas minha história está apenas começando. Eu serei história, uma lenda viva!”

Sou ariano, sou impulsivo. Todo crime é premeditado, mesmo que mal premeditado. Mesmo que por segundos antes do ato; geralmente, o próximo passo é premeditado. Agi por impulso, mas todo o ato passou por minha cabeça antes de ser executado. Segurei firme o cabo daquela pá afiada e, em uma ato insano, terminei de ferrar com a minha vida. Queria fechar a última ponta solta. Desferi um golpe mortal e inesperado com a pá, acertando em cheio o pescoço de Guilherme. Ele me olhou, incrédulo. O sangue começou a jorrar do sorriso aberto em seu pescoço. Ele tentou conter o fluxo com as mãos, mas não seria possível, o sangue trespassava os seus dedos e, desta forma, ele caiu agonizante no chão.

Duke agiu de forma instintiva e me deu um tiro no peito; Toda ação requer uma reação, com o impacto, caí de volta em minha cova. Diferente de um filme de ficção, no qual o homem replica o ataque com tiros, a dor era tão lancinante que não havia qualquer tipo de ação. Apenas ficaria inerte e esperaria que a morte viesse rapidamente a meu encontro, observando o céu cinzento de dentro de minha cova, esperando que aquela dor se findasse. Então seria assim o meu fim? O processo de entrada e saída da bala deixou estragos devastadores em meu corpo. Não se tratava somente do músculo danificado, e de minha energia vital fluindo para fora, tudo fora atingido, desde os nervos até os vasos sanguíneos, que se

romperam com violência assustadora, enquanto me empapava rapidamente de sangue, formando uma poça ao meu redor.

A pressão sanguínea caía com rapidez espantosa. Cheguei a ver alguém do alto da cova, acho que era Duke, a minha visão ficava turva. Por fim, simplesmente apaguei...

Quando me dei conta já estava na maca do hospital. Não sei quanto tempo fiquei lá. Tinha uma bandagem cobrindo o meu peito. Esperava ver Tiffany, me recebendo com um abraço cuidadoso, mas foi Duke que me recepcionou, avisado pela enfermeira, logo se aproximou.

— É um homem de sorte.

— Apesar de tudo, tenho que lhe agradecer. Quase me matou, mas ainda assim me livrou da morte certa. A sorte é que você não é bom de pontaria.

— Ou azar. Eu tinha mirado em sua perna, acertei no peito. O que deu em você, David? O homem já estava rendido. Não consegue controlar a sua impulsividade?

— Eu sou de Áries.

— Não se resolve as coisas como a lei de Talião. Já pensou se todos resolvessem seus problemas na bala? Não precisamos de um mundo cheio de justiceiros, precisamos sim de uma justiça melhor, mais forte e sem brechas no sistema. Você é um perigo para a sociedade, e deveria ficar enjaulado. Se envolveu com uma testemunha, burlou o sistema, invadiu casas sem autorização, e ainda por cima matou um homem desarmado.

— Deveria ser preso?

— Coloquei na ficha que você se defendeu, quando chegamos tudo já tinha acontecido. Agradeça aos soldados. Sabe que isso pode me ferrar. Uma pessoa guardar segredo já é difícil, imagine várias pessoas.

— E quanto a Tiffany?

— Escafedeu-se. Foi vista pela última vez com uma mochila vermelha nas costas, pegando o ônibus na rodoviária. Talvez ela entre em contato contigo. — Duke já estava se afastando, voltou dizendo: - Embora esteja fora do caso, acho interessante que saiba, encontramos o corpo de Brasil numa estrada rodoviária, uma provável disputa pelo ponto de drogas, ele foi visto em São Paulo, provavelmente é de lá que vinha a sua mercadoria.

— Não fico surpreso quanto a isso, o fim de traficante é sempre cadeia ou caixão.

Duke saiu e eu me mantive em silêncio. Não tinham me ligado à morte do traficante, nem mesmo de Renato Sbertel, que para todo o caso, foi morte por asfixia com o rompimento da represa, nem mesmo ao assassinato de Elder Scariott. Uma algema me prendia à barra da maca, e dois policiais ficaram o tempo todo de vigia na entrada do hospital, principalmente para barrar a imprensa.

Duke voltou e me livrou da algema.

— Já estava me esquecendo, apenas uma precaução para não sumir sem ouvir minhas conclusões.

— Obrigado. E Psíquico?

— Está bem. Cuidaram das feridas e colocaram ataduras nas mãos. Apenas traumatizado.

— Achei que você estivesse acomodado com João das Estrelas.

— Fazer politicagem não quer dizer que concordava com os atos desse homem.

Comecei a me conformar com a ausência de Tiffany, ela não tinha mesmo perfil para enfermeira, levei algumas semanas para atenuar o meu sofrimento referente ao tiro, parti de Barão do Rio Comprido para nunca mais voltar, virei novamente pauta de televisão. A junção de figuras midiáticas foi um coquetel molotov que incendiou a imprensa livre. Tiffany saiu ilesa das condenações, e continuava desaparecida.

Sentia falta dos beijos acalentados dela, depois de tanto tempo fazendo sexo mecânico com garotas de programa e fugindo de relacionamentos, ela me proporcionou amor, mesmo que momentâneo, mesmo que inferior ao que eu pude proporcionar a ela, foi como um pássaro ferido, que criei por um tempo e deixei a porta da gaiola aberta, e ela bateu voo, sem olhar para trás, sem nem mesmo se despedir, para nunca mais voltar. Voa criança, o mundo te espera! Por um momento, achei que ela me amava, poderia me ver como o seu herói, seu justiceiro. Nossos encontros sexuais eram intensos, mas tive de aceitar que acabou, e todo fim é doloroso, não é mesmo;

Na verdade nunca me arrependi da morte desses homens, mas tinha comigo o propósito de não mais agir de forma impulsiva. Havia multidões que me achavam um herói, verdadeiros fã-clubes. Saí dessa cadeia de acontecimentos mais forte. Alguns fios de cabelo grisalho teimaram em aparecer nesses poucos meses.



EPÍLOGO

Encontrei-me em um bar, na Avenida Paulista, com um verdadeiro sobrevivente, parecia mesmo voltado da guerra, Psíquico. Sentamos na calçada, em uma mesinha de bar de madeira, era de esquina, e havia muito movimento, o fluxo contumaz local. Ele usava uma bengala e tinha ainda as mãos enfaixadas. Estava divagando sobre a minha companheira, como ela havia me usado todo o tempo, quase uma choradeira de corno de boteco, mas eu gostava de me abrir para ele, tinha algo que passava confiança naquela figura, mesmo dizendo coisas estrambólicas. Soube que o túmulo de Verônica La Paz tinha sido violado exatamente na época de meu retorno a cidade. Agora compreendia, Tiffany tinha roubado os seiscentos mil de João das Estrelas — se a mãe sabia, esse era um segredo que tinha ido para o túmulo com ela. Creio que no dia do velório ela estava com o dinheiro e, surpreendida pelos capangas do médium, escondeu o dinheiro nos vãos do caixão de sua mãe. Afinal, quem iria procurar lá? Por isso me fez voltar quando a poeira baixou, motivada pela morte de João das Estrelas.

Aquela mochila vermelha... Garanto que estava recheada de grana. Que fizesse bom proveito. Senti um recalque por ela não me chamar para passar um ano sabático envolto em seus braços. Brasil deve ter tido participação no roubo, e a treta se dera por ela ter passado a perna nele. Ele queria o dinheiro. Não ia fazer falta a um homem enterrado a sete palmos de terra. Essa era uma das teorias, ainda havia outra.

Psíquico bebia aquele néctar sagrado que dava até gosto. Sabia que logo viriam histórias extraordinárias, e tinha me habituado a ouvi-las. Embora ele preferisse os destilados quentes. Ele logo começou a contar os detalhes que antecederam a sua abdução, disse que ficava mais claro com o tempo, conseguia se lembrar de detalhes como o formigamento que sentia nos pés, o forte clarão de luz que quase o cegou e os seres humanoides se aproximando, então o homem levantou a sua camisa e começou a mostrar manchas que havia aparecido no seu corpo, eram círculos perfeitos, arroxeados, e ele dizia sentir um volume em seu abdômen, o que ele tinha certeza ser um chip implantado. Me perguntava como sempre se isso seria uma dissociação, uma distorção da sua memória para justificar o stress que passou, uma criação de falsas memórias, mas era certo, não se tratava

de um homem inculto, ele era estudado e inteligente, muito mais do que eu pensei um dia ser. A verdade é que eu olhava para o chão, sempre buscando pistas, já o Senhor Psíquico, sempre está com o olhar voltado para as estrelas. Perguntei a mim mesmo se ele teria achado o tal túnel que é uma lenda na região, talvez a terra onde estivesse preso tivesse cedido, e de fato existisse tal túnel e toda essa conversa não passaria de uma troça dele. Também desconfiei que o túnel fosse onde Tiffany tivesse escondido o dinheiro, na minha volta para a cidade ela fez visitas a igreja, certamente não seria para rezar.

Observava o movimento, todas aquelas pessoas transitando, sem exceção, com celulares um pouco abaixo do nariz, em seus próprios universos. Escravas cibernéticas de seu totem sagrado. Aquele pequeno aparelho era um deus, que o sentinela em vão queria destituir de seu habitat. Assim como Pigmaleão jamais ousou amar com tal intensidade sua Galateia, todos ali amavam sua própria estátua, aquele pequeno aparelho, era uma síndrome sem volta. Viu uma jovem sentada na mesa ao lado, trocamos alguns olhares, e a dose de cachaça me deu o calor necessário para voltar a ativa. Me perguntava porque não arrumava alguém de minha idade, talvez não tivesse maturidade o suficiente para isso, talvez tivesse fugindo de minha condição de meia idade, meia sola, meia bomba. Mas a jovialidade delas atenuava isso em mim, e até formava um casal bonito, eu e a jovem da mesa ao lado.

Caro amigo, eu nunca fui um herói, muito menos te enganei sobre isso. Sempre fui muito honesto em relação às minhas convicções e condutas sobre o que sou.

No máximo, um anti-herói...

SOBRE O AUTOR



Danilo Morales é Jornalista, Cineasta com filmes rodando festivais nacionais e internacionais. Também é o criador do Festival POE de Cinema Fantástico de São Jose dos Campos-SP. Na literatura participou de diversas antologias de sucesso. Dentre seus livros publicados estão:

- Abecedário de Contos Recônditos e de Morte
- Trilogia do Terror 1 e 2 (HQ)
- E.V.A - Espécie de Vanguarda Androide (Semi-finalista do III Prêmio ABERST de literatura)
- Suprema (Eleito entre os melhores livros nacionais de terror de década pelo renomado site Biblioteca do Terror)TT